

Leia nesta edição

Editorial pág. 2

Tema de capa

Entrevistas

- Charles Melman:** Uma nova economia psíquica pág. 4
Renato Mezan: A invenção da situação terapêutica pág. 7
Elizabeth Roudinesco: O pensador das luzes escuras pág. 12
Jean-Louis Chassaing: Freud e o nascimento das ciências cognitivas pág. 16
Carlos Domínguez Morano: Freud e a religião pág. 23
Mario Fleig: A descoberta do mal-estar do sujeito na civilização pág. 28

Destaques da semana

Entrevista da Semana:

Márcia Marques de Moraes: Ninguém será o mesmo depois do sertão pág. 38

Teologia Pública:

- Rosino Gibellini:** A relação entre a teologia cristã e o pluralismo cultural pág. 42
David Tracy: A imaginação analógica da teologia cristã pág. 44

Destaques on-line: pág. 41

Memória:

- John Galbraith,** o gênio que não amava as elites. O economista morreu aos 97 anos pág. 46
Roberto Camps Moraes: Uma política de intervenção estatal para os problemas econômicos e sociais pág. 50
Piergiorgio Odifreddi: Os desafios de Kurt Gödel pág. 52

Deu nos jornais:

pág. 56

Frases da Semana:

pág. 58

IHU em revista

Eventos

pág. 62

IHU Repórter

pág. 77



Sigmund Freud Mestre da suspeita

Com Marx e Nietzsche, Sigmund Freud foi o grande mestre da suspeita da contemporaneidade. No sábado, 6 de maio, celebrou-se o 150.^o aniversário do seu nascimento. Ele é o tema de capa da revista *IHU On-Line* dessa semana, no momento em que revistas e jornais dedicam a seu legado uma avalanche de artigos e análises. As entrevistas de Charles Melman, Renato Mezan, Elisabeth Roudinesco, Jean-Louis Chassaing, Carlos Dominguez Morano e Mario Fleig trazem uma especificidade própria que contribui para uma melhor compreensão da sua importância e relevância, hoje.

A Editora Unisinos acaba de publicar o livro *A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo* do teólogo David Tracy. Rosino Gibellini, teólogo italiano, em artigo especialmente escrito para esta edição, comenta o livro. Por sua vez, David Tracy, autor do livro, em entrevista concedida à revista, reflete sobre a tentativa de fazer uma teologia que seja efetivamente pública.

Giorgio Ruffolo, economista italiano e Roberto Camps Moraes, professor de economia na Unisinos, discorrem sobre a obra do economista John Kenneth Galbraith, recentemente falecido. Também recordamos o centenário de nascimento do matemático filósofo Kurt Göde, publicando um artigo do matemático italiano Piergiorgio Odifreddi.

Repensando os clássicos da economia, no Quarta com Cultura Unisinos, no dia

10 de maio, discutirá o pensamento do economista Piero Sraffa sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Heloísa Lenz da FEE.

Também nesta semana, na quinta-feira, no **IHU Idéias** continuamos a "desenveredar" a obra de João Guimarães Rosa sob a direção da Prof.^a Dr.^a Kathrin Rosenfield, da UFRGS.

A América Latina, especificamente a do Sul, foi o grande tema das *Notícias Diárias*, publicadas de segunda-feira a sábado, na página web www.unisinos.br/ihu e é um dos temas dessa edição e, certamente, deverá continuar na agenda dos nossos debates.

A semana termina, no sábado, com a **História do Brasil no Cinema**. Após a exibição do filme *O descobrimento do Brasil*, do diretor Humberto Mauro. A Prof.^a Dr.^a Eliane Fleck, da Unisinos, coordenará a discussão.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana !

Sigmund Freud 1856-1939

6/5/1856 - Nasce Sigmund Freud em Freiberg, na Morávia (hoje Příbor, na República Tcheca).

1860 - Depois de passar por Leipzig, a família Freud se estabelece em Viena.

1873 - Entra na universidade local.

1881 - Forma-se médico.

1882 - Noivado com Martha Bernays. Freud começa a trabalhar na clínica psiquiátrica de Theodor Meynert.

1884 - Inicia pesquisas sobre os efeitos medicinais da coca.

1885 – Analisa, pela primeira vez, um de seus sonhos e inicia o *Projeto para uma Psicologia Científica*, que permaneceu inconcluso

1886 - Casa-se com Martha. Começa a fazer consultas particulares.

1896 - Cunha a expressão "psicanálise". Morre seu pai, Jacob.

1900 - Sai *A Interpretação dos Sonhos*.

- 1902 - Funda a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, reunindo em sua casa pesquisadores em psicanálise.
- 1906 - Carl Gustav Jung começa a corresponder-se com Freud.
- 1908 - A cidade de Salzburgo sedia o primeiro Congresso Psicanalítico Internacional.
- 1913 - Depois de divergências, Freud rompe sua colaboração com Jung.
- 1925 - Publicados os primeiros volumes das *Obras Completas* de Freud.
- 1933 - Hitler torna-se chanceler do Reich alemão. Freud troca correspondência com Albert Einstein.
- 1935 - É eleito membro honorário da Sociedade Real de Medicina Britânica.
- 1938 - A Áustria é anexada pelos alemães. Freud muda-se para Londres.
- 23/9/1939 - Morre em decorrência de um câncer na boca.

Uma nova economia psíquica

Entrevista com Charles Melman

“O que revela uma cura psicanalítica são as diversas maneiras como um animal falante é fabricado pela linguagem. Freud o estabeleceu, mas sem poder formalizá-lo, por falta de uma ciência lingüística constituída em sua época. Como o próprio Lacan o repetia, ele era freudiano: ele apenas formalizou a experiência de cura freudiana. Quanto aos limites, Lacan estava seguro deles, porque ele era civilizado. Mas, sua particularidade era que ele trabalhava com a possibilidade, ou não, de um limite que não teria sido psicopatogênico”. A afirmação é do psicanalista francês Charles Melman, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Aluno de Lacan, Melman estará na Unisinos em 2007, como conferencista de abertura do *Simpósio Internacional sobre o futuro da autonomia*.

Melman é membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros, entre eles *Alcoolismo, delinqüência, toxicomania; uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992; *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992; *A fobia*. Rio de Janeiro: Revinter, 1994; *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999; *O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço*. São Paulo: Companhia de Freud, 2005.

IHU On-Line - Qual é o significado de estarmos comemorando os 150 anos do nascimento de Freud?

Charles Melman - Esta comemoração teria, sem dúvida, dado prazer a Freud, se fossem levadas em consideração suas teses. Os infortúnios atuais da psiquiatria, cuja clínica está diretamente escrita pelos serviços de marketing dos laboratórios (cf. o DSM IV¹) e a epidemia (seria preciso dizer epizootia) do cognitivo-comportamentalismo contemporâneo mostram que se está longe disso.

IHU On-Line - Quais são as principais diferenças que o senhor constata entre o funcionamento da mente humana redescobertos por Freud e Lacan e a forma como a mente humana contemporânea funciona?

Charles Melman - Freud atribuía as neuroses e o mal-estar na cultura à excessiva repressão que ela exercia sobre a sexualidade. Entretanto, ele também mostrou que a própria possibilidade do exercício da sexualidade estava ligada à colocação de um limite, com as conseqüências da passagem que conta o mito de Édipo². Ora, a opinião pública só reteve de Freud um convite ao hedonismo; ela deixou fora a necessidade da temperança.

IHU On-Line - A que o senhor chama de "nova economia psíquica"?

Charles Melman - A sociedade de consumo é um convite permanente a

¹ **DSM.IV:** É a classificação dos transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Édipo:** personagem da mitologia grega, famoso por matar seu pai, sem saber quem este realmente era, e casar-se com a própria mãe. Filho de Laio e Jocasta. A história está recolhida em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles. Vários escritores retomaram o tema, que também inspirou Igor Stravinsky para a composição de um oratório. (Nota da *IHU On-Line*)

ultrapassarem-se os limites da satisfação. Os jovens que se drogam não fazem senão responder a isso, mostrando aos seus pais – quando estes não renunciaram ao respeito pelo que é proibido – que eles podem fazer melhor do que seus pais. Este melhor implica uma banalização da sexualidade, perfeitamente dessacralizada e, desde logo, reduzida a ser uma satisfação igual às outras.

Correntes religiosas, nomeadamente evangelistas, o justificam em nome do amor, que escusaria dos excessos e das perversões, e que transforma os seus ofícios em *parties* (*party*) ou, pelo menos em festas... É suposto que, buscando coletivamente o prazer, se daria prazer a Deus.

O *peccate fortiter* (pecai fortemente) agora se declina assim em *gaudete fortiter* (alegrai-vos vivamente). No entanto, isso é um erro de estrutura e, então, de doutrina, pois o lugar do pai só se preserva na temperança, exigida por quem? Não pelo próprio pai, que pode efetivamente ser todo amor e aceitar sua própria morte, mas pela estrutura. É claro que a intemperança atual repete a morte do pai, mas ao preço de um sacrifício do desejo, transformado em simples necessidade corporal, pois o desejo só pode entreter-se por uma busca, objetiva (o que é que eu quero?) bem como espiritual (quem é este “eu” que quer?), que está atualmente sufocado pela promoção de produtos farmacológicos ou tecnológicos, suscetíveis de conduzir a uma satisfação que vai até, por saturação, ao esvanecimento do sujeito. Este processo se estabelece ao preço de uma afecção, da dependência do organismo diante dos objetos, que se manifestam como uma pulsão que estaria liberta da vontade e da escolha do sujeito.

Mutação da cultura

A mutação de nossa cultura está ligada a este ponto de aparência mínima e, no

entanto, essencial: ele diz respeito ao estatuto do objeto, agora não mais representado, mas exigido em sua própria positividade. Como se se passasse do erotismo a uma pornografia generalizada. Tal operação passa por um afastamento do lugar do Verbo – do qual se pôde dizer que ele estava no início – em proveito de uma relação, tornada direta, do organismo ao seu meio ambiente. Com base em tal operação, a bem dizer regressiva, floresce o cognitivo-comportamentalismo. Ela é bem regressiva, já que nossa cultura começou na Grécia com a busca no *logos* do mediador que, rompendo com as grosseiras ilusões do organismo, funda a ética e o saber. Todo saber implica uma ética, incluindo o saber científico.

IHU On-Line - Que desafios apresenta uma sociedade de indivíduos? Quais os limites e as possibilidades da autonomia?

Charles Melman - A meu ver, trata-se de mais uma promoção do narcisismo, explorado pelos escritórios de marketing, que de um individualismo propriamente dito. Em todo o caso, este tem a tendência de se reabsorver na formação de grupos comunitários, fundados na similitude de seus membros. Este ponto deve ser desenvolvido no próximo ano, no Simpósio Internacional, na Unisinos.

IHU On-Line - O senhor foi aluno de Lacan. Quais foram as grandes luzes do discípulo de Freud e quais suas principais limitações?

Charles Melman - O que revela uma cura psicanalítica são as diversas maneiras como um animal falante é fabricado pela linguagem. Freud o estabeleceu, mas sem poder formalizá-lo, por falta de uma ciência lingüística constituída em sua época. Como o próprio Lacan³ o repetia, ele era

³ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas

freudiano: ele apenas formalizou a experiência de cura freudiana. Quanto aos limites, Lacan estava seguro deles, porque ele era civilizado. Sua particularidade, porém, era que ele trabalhava com a possibilidade, ou não, de um limite que não teria sido psicopatogênico.

IHU On-Line - A figura do pai e da autoridade hoje é diferente à definida por Freud. Que conseqüências trouxe essa mudança para as diversas instituições sociais?

Charles Melman - Desde as comédias gregas ou romanas, se zomba da figura do pai: porque ele privilegia o patrimônio ou contraria os amores. Entretanto, o que quer que tenha havido, o poder, seja ele familiar ou civil, se legitimou com uma autoridade religiosa e que, com o judeu-cristianismo, assumiu figura paternal. Sabe-se que hoje em dia esta figura é menos condutora de mandamentos do que de um *laissez-faire* liberal. De tal sorte que o último poder respeitado torna-se aquele, bem real, da polícia, do exército, das multidões.

IHU On-Line - Quais são os sintomas de uma sociedade que corre atrás da "eterna juventude"?

Charles Melman - A cisão entre gerações desdiz a questão precedente. É assim que aqueles que a põem em relevo procuram dissimular sua idade para se fazer aceitar. É uma bela reversão, pois até então eram os jovens que procuravam se fazer reconhecer por seus progenitores.

IHU On-Line - Tentando olhar do ponto de vista do fundador da psicanálise, qual seria o principal mal-estar da contemporaneidade?

acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*).

Charles Melman - Podemos nos felicitar por um desenvolvimento econômico que permite dar satisfação para cada uma das próprias necessidades. O problema é que, em nossa cultura, a própria necessidade não tem regulação orgânica. Prova é a

obesidade dos países ricos, as diversas dependências, a devastação dos recursos naturais, etc. Em suma, nós perdemos todo o bom senso, quando ainda somos incapazes de viver sem que nossa vida tenha um sentido.

A invenção da situação terapêutica

Entrevista com Renato Mezan

Em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, o filósofo e psicanalista Renato Mezan credits a Freud a invenção da situação terapêutica, na qual há “uma pessoa que se dispõe a falar em condições determinadas, com cuidado, dentro de um enquadre, sobre as questões que a afligem para um outro.” Em seu método, Freud exclui o olhar da situação analítica: “O paciente está deitado, não vê o analista, o analista não vê o paciente. As pessoas só se falam, ninguém toca em ninguém, o corpo está, por assim dizer, colocado entre parênteses. Talvez possamos pensar nesse aspecto: a situação analítica revira pelo avesso, de certa maneira. Quem fala é o paciente, e não o analista, ou o faz muito menos. O protagonista da situação não é o médico que está expondo à platéia os males do paciente, mas é este que está falando de si mesmo.”

Mezan é professor no departamento de Psicologia Social da PUC-SP. É graduado em Filosofia e especialista em Educação pela USP. Coursou mestrado e doutorado em Filosofia pela USP, com a dissertação *A articulação dos conceitos na psicanálise de Sigmund Freud* e a tese *Freud, pensador da cultura*. A tese foi publicada e encontra-se em sua 6ª edição, de 1997, pela Brasiliense. É autor, também, de *Figuras da Teoria Psicanalítica*. São Paulo: EDUSP/Escuta, 1995; *Escrever a Clínica*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000; *Freud: a conquista do proibido*. 8. ed. São Paulo: Atelier Editorial, 2000; *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; *A Vingança da Esfinge*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002 e *A Sombra de Don Juan e Outros Ensaio*s. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

***IHU On-Line* - Podemos entender a psicanálise freudiana como uma releitura da maiêutica⁴ socrática,**

⁴ Maiêutica: criada por Sócrates no século IV a.C., é o momento do “parto” intelectual da procura da

verdade no interior da pessoa humana. A auto-reflexão, expressa no “conhece-te a ti mesmo”, põe a pessoa humana na procura das verdades universais que são o caminho para a prática do bem e da virtude. Sócrates aplicou-a para questionar os supostos “detentores do

quando acontece um “parto intelectual” do conhecimento que o homem já possui dentro de si?

Renato Mezan – Podemos, sim, mas com finalidades diferentes. Aquilo que Sócrates⁵ visava era, justamente, chegar a um conceito, uma definição a respeito de uma idéia abstrata, enquanto na psicanálise um processo semelhante a esse, de revelação, o assunto é a própria pessoa que está, entre aspas, sendo interrogada. Não se trata de uma terceira coisa. Então, há semelhanças, sim, mas também diferenças.

IHU On-Line - Há alguma relação entre os estudos da hipnose a as conclusões sobre a interpretação dos sonhos oferecida por Freud?

Renato Mezan – De maneira distante, podemos dizer que sim. Naquele tempo, Freud começou trabalhando com o tratamento psicoterápico pela hipnose. Entretanto, rapidamente ele se deu conta das limitações desse método. Primeiro porque não é todo mundo que é capaz de hipnotizar bem, e Freud era um deles. Algumas vezes, ele não conseguia fazê-lo, ou a pessoa não atingia a profundidade de desligamento da consciência que seria desejável. Em segundo lugar, por um caminho mais simples, que é pedir para que a pessoa fale sobre o que lhe vem à cabeça, conseguimos resultados muito mais surpreendentes com menos impressão de misticismo. Então, a hipnose foi um primeiro caminho que levou Freud até certo ponto. Um dia ele não conseguiu hipnotizar alguém e então tentou outro

conhecimento” que, na verdade, eram os nobres, que se diziam mais sábios que o resto da população, e logo, que podiam controlá-los, pois eram superiores. Sócrates, em praça pública, questionava os nobres e suas atitudes, e estes, nada sabiam responder. Mostrou para todos que os nobres apenas tinham mais dinheiro, mas em relação ao resto, eram iguais ao povo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Sócrates (470 a. C.–399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

recurso. A hipnose, portanto, está na origem das descobertas que ele registrou na *Interpretação dos sonhos*, mas não é o motivo mais imediato dessas descobertas.

IHU On-Line - Antes de Freud, um dos recursos terapêuticos era a sugestão verbal. Hoje, qual é a tendência nas clínicas?

Renato Mezan – Antes de Freud, não havia psicoterapias. O que havia eram formas de as pessoas procurarem falar sobre aquilo que as afligia, mas isso não tinha nenhuma semelhança com o que hoje se faz. As pessoas, antigamente, procuravam um padre, um rabino, um amigo, o avô e conversavam sobre suas aflições. Freud inventou a situação terapêutica: uma pessoa que se dispõe a falar em condições determinadas, com cuidado, dentro de um enquadre, sobre as questões que a afligem para um outro. Isso é uma invenção freudiana. Ele percebeu, sim, que havia o risco de sugestão, e ela seria até mais fácil, pois já que está falando isso, faça aquilo, e que isso não iria levar a lugar nenhum, primeiro porque eticamente não é recomendável.

O analista não é um sacerdote, não tem investidura de ninguém que o autorize a fazer isso. Em segundo lugar, porque dum ponto de vista muito prático, sugerimos uma sugestão, e ela dá errado, perdemos prestígio, junto com o paciente. Então, é melhor do ponto de vista clínico, ético, que a pessoa vá descobrindo, aos poucos, qual é a melhor solução para aquela questão. Podemos ajudar a formular melhor a pergunta, mas as respostas são de responsabilidade de quem procura a terapia.

IHU On-Line - Enquanto um pensador da cultura, como Freud auxilia a entender os comportamentos ditatoriais dos séculos XX e XXI e a submissão das massas?

Renato Mezan – Freud escreveu sobre várias coisas que podem ser úteis. Em

primeiro lugar, quanto à questão da personalidade do ditador, no que se refere à psicopatia, delinquência, agressividade, carisma. Tudo isso é razoavelmente esclarecido através de conceitos da psicanálise. Foram feitos estudos de vários desses ditadores, como Hitler⁶, que foi objeto de muita investigação por muitos psicanalistas que tentaram entendê-lo, como Reich⁷, que escreveu *Psicologia de massas do fascismo*, em 1930, tentando compreender como era possível um homem tão medíocre ter ascendência tão imensa sobre número tão grande de pessoas como aconteceu em seu caso. Isso tudo diz respeito à personalidade do tirano.

Em segundo lugar, há que se destacar sobre o vínculo que se estabelece entre as massas e o ditador: a identificação, a figura paterna, a proteção, o narcisismo, toda uma série de questões que influem nesse vínculo de comportamento de massas.

Em terceiro lugar, é preciso lembrar da relação entre as causas e as idéias que são apresentadas pelo ditador como aquelas que o povo deve aceitar e que são boas e das quais ele, ditador, freqüentemente se apresenta como “servidor”, ou seja, o bem, a revolução, a pátria, a raça. Então, essas idéias funcionam como ideais, como objetos que as pessoas investem. Quanto ao conteúdo da doutrina que fundamenta a ditadura, quanto ao vínculo que as

pessoas e o povo de maneira geral, estabelece com o ditador, e quanto à própria personalidade do próprio ditador, são três aspectos que imediatamente vem à mente quando se pensa nessa questão sob o ponto de vista psicanalítico.

IHU On-Line - Quais foram as principais referências intelectuais de Freud?

Renato Mezan – Por um lado, uma das grandes influências de Freud foi a ciência de seu tempo, a química, a psicologia, a psiquiatria. Freud é um homem formado na melhor tradição científica européia. Por outro, precisamos destacar também a importância da Literatura Clássica para Freud, dos gregos até os contemporâneos, o Romantismo Alemão, o Iluminismo e a idéia de que a liberdade “salva”, “cura”, sobretudo a liberdade e o esclarecimento quanto às cadeias que cada um forja para si mesmo. Esse é um tema de todo o pensamento iluminista, do século XVIII. Penso que são basicamente essas as influências de Freud. A cultura ocidental, de um modo geral, influencia Freud. Outra fonte bastante importante, mas mais indireta, é a tradição judaica, não no sentido de que ele fosse buscar na Bíblia informações sobre a psique humana, no que ele mesmo considerava uma forma relativamente laica, e não mística, de pensar. Interessei-me muito por esse assunto e sobre ele acabei escrevendo, porque Freud dizia que, em sua opinião, havia menos misticismo e mais realismo nessa tradição judaica, do que na tradição cristã, certa ou erradamente. Ele achava que, quem acreditava na Virgem Maria ou na Santíssima Trindade dificilmente poderia ser um bom psicanalista; esses eram elementos religiosos que toldavam o pensamento racional e, em sua opinião, isso desfavorecia a investigação isenta dos fenômenos psíquicos. Certa ou erradamente, era isso que ele pensava.

⁶ **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador alemão, líder do Partido Nazista. Suas teses racistas e anti-semitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf (Minha Luta)*. No período da sua ditadura, os judeus e outros grupos minoritários considerados "indesejados", como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu quartel-general (o *Führerbunker*) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Wilhelm Reich** (1897-1957): psiquiatra e psicanalista austríaco, discípulo de Freud. (Nota da *IHU On-Line*)

Provavelmente um pouco erradamente, mas enfim...

IHU On-Line - Em que medida aparece em Freud a influência de Brentano?

Renato Mezan - Acredito que Feuerbach⁸ não tenha nada a ver com Freud. Brentano⁹ foi seu professor na universidade. Freud frequentou seus seminários durante boa parte do período em que cursou a universidade, no início dos anos 1870. Inclusive Freud comenta a respeito da impressão que essas aulas causam nele, mas exatamente sobre influência direta, como em conceitos, influenciando diretamente o pensamento de Freud eu não vejo. Essas aulas, contudo, mostraram a Freud o interesse que a filosofia poderia ter para compreender as coisas pelas quais ele se interessou posteriormente.

IHU On-Line - De que modo os estudos sobre histeria de Charcot auxiliaram Freud nas suas descobertas psicanalíticas?

Renato Mezan - Freud traduziu livros de Charcot¹⁰ para o alemão, que era menos conhecido na época. Foi Freud que introduziu o pensamento de Charcot na psiquiatria de língua alemã em sua época. Acredito que a influência, além do interesse pelos fenômenos histéricos e pela hipnose,

⁸ Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, autor, entre outros, dos livros, *Preleções sobre a essência da religião*. São Paulo: Papirus, 1989 e *A essência do cristianismo*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1997, (Nota da *IHU On-Line*)

Franz Brentano (1838-1917): filósofo alemão. Lecionou em Würzburg e na Universidade de Viena. Em 1864, foi ordenado padre, mas envolvendo-se em controvérsias sobre a doutrina da infalibilidade papal, abandonou a Igreja em 1873. Sua filosofia evoluiu em direção de um aristotelismo moderno, nitidamente empírico em seus métodos e princípios. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **Jean-Martin Charcot** (1825-1893): neurologista francês e professor de patologia anatômica. Seus trabalhos influenciaram grandemente o desenvolvimento dos campos da neurologia e psicologia. (Nota da *IHU On-Line*)

que era a forma como Charcot trabalhava com suas pacientes, depois de um certo momento, e apesar de todas as homenagens que presta ao grande mestre, tenho impressão que essa influência acabou se exercendo pelo avesso. Isso porque, na época de Charcot a histeria era um espetáculo, uma das atrações turísticas de Paris. Ainda não havia a Torre Eiffel, e as pessoas iam às aulas de Charcot, na Salpêtrière, para ver as mulheres se contorcendo e todos aqueles fenômenos fantásticos, num aspecto um pouco circense que havia nessas demonstrações. O que Freud faz é, justamente, excluir o olhar da situação analítica. O paciente está deitado, não vê o analista, o analista não vê o paciente. As pessoas só se falam, ninguém toca em ninguém, o corpo está, por assim dizer, colocado entre parênteses. Talvez possamos pensar nesse aspecto: a situação analítica revira pelo avesso, de certa maneira. Quem fala é o paciente, e não o analista, ou fá-lo muito menos. O protagonista da situação não é o médico que está expondo à platéia os males do paciente, mas é este que está falando de si mesmo. Podemos pensar numa espécie de reversão do espetáculo charcotiano em relação à situação analítica. Sobre isso há um artigo que escrevi, sobre o olhar, no livro *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*¹¹ onde discuto longamente a respeito desse tópico.

IHU On-Line - Como era a relação intelectual de Breuer e Freud?

Renato Mezan - Breuer¹² era muito respeitado por Freud. Era um homem mais velho, mais experiente. Breuer era um médico de talento, Freud era um homem de gênio. A diferença era grande. Freud respeitava, sem dúvida, as

¹¹ *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Josef Breuer** (1842-1925): médico e fisiologista austríaco a quem também se atribui a fundação da psicanálise. (Nota da *IHU On-Line*)

idéias de Breuer, tanto que, no livro que escreveram juntos o capítulo teórico sobre o porquê dos fenômenos históricos ficou a cargo de Breuer, portanto mostra o respeito suficiente do outro autor, mais jovem, por ele. Depois, aos poucos, a psicanálise foi se emancipando dessas opiniões relativamente estreitas, convencionais de Breuer e alçou vôo.

IHU On-Line - Por que Freud fazia tantas referências à mitologia grega em seus estudos psicanalíticos?

Renato Mezan - Porque são referências que eram conhecidas do público de seu tempo e ajudavam a dar uma ilustração sobre aquilo que estava pensando. Não é que ele foi estudar o mito de Édipo e de lá tirou a idéia do complexo¹³. É exatamente o contrário. Ele observa clinicamente manifestações inclusive nele mesmo, em seus sonhos, manifestações de interesse libidinal pelos pais, agressividade, rivalidade, e são questões que, também, não esperaram a psicanálise para serem mencionadas pela primeira vez. Os mitos já falavam disso, pois falam sobre tudo o que há. Para tudo que se quiser há um mito que serve para ilustrar, apontar, criar símbolos explicativos. Freud recorre ao repertório cultural do seu tempo para um público que tinha familiaridade com essas referências, como Hamlet¹⁴, Édipo, o gigante

¹³ **Complexo de Édipo:** É a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. O termo Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar a histórica. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Hamlet:** obra de William Shakespeare, que leva este nome por causa de seu personagem principal, Hamlet, de quem muitas pessoas conhecem e repetem a famosa frase: *to be or not to be, that is the question* (ser ou não ser, eis a questão), mesmo sem saber a sua origem. Hamlet é apontado por James Joyce como o "filho" mais querido do escritor inglês e transformado em ícone do homem moderno. Hamlet apresenta as

Anteu¹⁵, como quando escreve a Fliess¹⁶. Às vezes, ele detesta Viena, tanto que cada vez que, ao contrário do gigante Anteu, o qual ganhava força pelos pés, da mãe Terra, ele tirava os pés do solo paterno, sentia lhe voltarem as forças. Isso Freud escreve a seu amigo como uma piada, obviamente pressupondo que Fliess sabia quem era Anteu, e não precisava de explicações maiores como talvez o leitor contemporâneo precise.

várias faces do talento literário de Shakespeare, num texto em que drama histórico, tragédia, sátira e romance mesclam-se ao longo da apaixonante trajetória do jovem príncipe da Dinamarca. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Da mitologia Ggeco-romana: Anteu era filho de Géia, a Terra, e ele era invulnerável enquanto mantivesse contato físico com sua mãe. Hércules lutou com ele e ergueu-o do solo; desprovido da ajuda de sua mãe, ficou indefeso nos braços poderosos do herói. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Wilhelm Fliess** (1858-1929): otorrinolaringologista alemão. Por sugestão de Josep Breuer, assistiu a várias conferências de Freud em Viena, em 1887, quando ficaram amigos. (Nota da *IHU On-Line*)

O pensador das luzes escuras

Entrevista com Elizabeth Roudinesco

“E eu acho que Freud é uma espécie de pensador das luzes escuras, isto é, ele acredita na perceptibilidade do homem, um pensador de luz e, ao mesmo tempo, sempre alumbrou o lado noturno do homem e todas as suas inclinações para a destruição”, disse a psicanalista, historiadora e escritora francesa Elizabeth Roudinesco em entrevista por e-mail exclusiva à *IHU On-Line*. Roudinesco é doutora em Letras. Após completar sua formação psicanalítica e literária dedicou-se à teoria freudiana. Abandonou o Partido Comunista em 1979 e foi membro da Escola Freudiana de Paris de 1969 a 1980. Entre suas obras publicadas em português, citamos *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989; *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 e *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Escreveu, também, *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*. Paris: Fayard, 1993.

IHU On-Line dedicou a edição 58, de 5 de maio de 2003, intitulada *A família em desordem*, repercutindo o livro de nome idêntico, escrito por Roudinesco e traduzido para o português pela Jorge Zahar Editora, em 2003. No original, o livro foi publicado sob o título *La famille en désordre*. Paris: Fayard, 2002, com tradução para o espanhol *La familia en desorden*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

***IHU On-Line* - Que idéias considera as mais atuais do pensamento freudiano?**

Elizabeth Roudinesco - Acho toda a obra dele bela e importante. Freud, que é um pouco o teórico da cultura, isto é, as obras que Freud escreveu *O mal-estar na civilização* ou até *Moisés* ou *Totem e Tabu*, são obras das mais modernas, pois são necessárias hoje para explicar as próprias sociedades: a pulsão de morte, os fenômenos de agressividade, todas as crueldades do mundo moderno e das próprias sociedades modernas, bem como a contradição entre os progressos técnicos e o perigo que o progresso significa. Tudo sempre pode voltar para

trás. E eu acho que Freud é uma espécie de pensador das luzes escuras, isto é, ele acredita ao mesmo tempo na perceptibilidade do homem, ele é um emancipador, é um pensador de luz e, ao mesmo tempo, sempre alumbrou o lado noturno do homem e todas as suas inclinações para a destruição

***IHU On-Line* - Qual seria a importância de Freud nas diversas correntes psicanalíticas de hoje?**

Elizabeth Roudinesco - Ele continua importante para todas as correntes psicanalíticas, sejam elas lacanianas ou não. O interesse por Freud segue vivo. Talvez se comente mais hoje a parte clínica da obra de Freud. Obviamente,

existem lacanianos que lêem muito menos a obra de Freud e que lêem mais a obra de Lacan, e que tendem a ler Freud à luz de Lacan. São muitos também os kleinianos que lêem menos a obra de Freud. E acredito, hoje, que os trabalhos mais importantes sobre o próprio Freud são de muitas pessoas que não são psicanalistas. Historiadores, antropólogos, escritores, interessam-se por essa obra independentemente da profissão de psicanalista, enquanto o psicanalista sempre se interessa pelos comentários, sem parar trabalhos. Há um certo desgaste, com um caráter repetitivo. Acho que isso acontece sobretudo na França.

IHU On-Line - Que tendências da psicanálise contemporânea considera mais importantes?

Elizabeth Roudinesco - Eu sempre me interessei por todas as correntes da psicanálise. Os lacanianos se juntaram aos freudianos num certo pragmatismo. Todos os aspectos da psicanálise me interessam, tanto os lacanianos como os não-lacanianos. O que é verdadeiramente ruim para a psicanálise é o excessivo debate com as ciências duras e com as neurociências, pois isso não interessa em nada. Acho que o interesse não está no diálogo; eu não condeno, é claro, a abordagem científica, mas sim a abordagem científica em si e os progressos das ciências, e mais particularmente a ciência do cérebro. Acredito, porém, que os psicanalistas se envolvem freqüentemente demais em debates com as neurociências, nada enriquecedores para si, por haver uma grande agressividade por parte dos cientistas, dos cognitivistas das neurociências para, se assim quiser, obrigar num certo sentido os psicanalistas a voltarem para o pensamento do primeiro Freud, isto é, ao esboço de uma psicologia científica. Ora, se Freud se afastou das mitologias cerebrais, se ele se afastou do estudo dos neurônios e do cérebro, foi para

criar uma nova abordagem do psiquismo que nada a ver tinha com os avanços da neurologia e que, no meu entender, não têm nada a ver atualmente.

É um erro querer provar, por exemplo, que a psicanálise seria uma ciência dura. O interesse estava muito mais nos debates com as ciências humanas do que com as ciências duras, pois faltam provas da existência do inconsciente que ela não pode dar. Esse um dos grandes erros da atualidade, esse debate que tem acontecido desde 15 anos atrás e que deveríamos, ao contrário, voltar para um debate sobre os problemas de sociedade, sobre as questões de sociologia, sobre as novas formas de família, sobre a moral, sobre a ética, sobre as crueldades das sociedades. Isso é muito mais importante. Devemos ser mais políticos. E, é claro, no plano clínico, interessarmos mais a uma espécie de renovação da abordagem clínica, mais flexível.

IHU On-Line - Como podemos entender a nova concepção da família sob o ponto de vista freudiano?

Elizabeth Roudinesco - Esse é um longo debate. Tenho criticado a tendência dos psicanalistas em relação à abordagem do complexo de Édipo, uma psicologia familiarista. Acho muito mais importante, no que Freud trouxe, o gesto inaugural que faz, ao relatar uma pequena história familiar. O homem ante um destino fora de seu controle, em que o modelo, não é das tragédias. Ora, houve a tendência, entre os psicanalistas, inclusive Freud, de aplicar o complexo de Édipo à totalidade das problemáticas humanas, enquanto se deve fazer o oposto: sempre reencontrar o modelo do trágico em nosso dia-a-dia. Nessa condição, pode-se pensar, sim, todas as novas organizações familiares. Nada permite dizer que o complexo de Édipo, por exemplo, pode opor-se às famílias reconstituídas, as famílias

homoparentais, nada na teoria freudiana pode opor-se, exceto a psicologia familiarista reacionária do psicanalista. E, ao mesmo tempo, isso supõe que, ao invés de psicologizarmos tragédias da Antigüidade, voltemos para o gesto que consistiu em reduzir a individualidade a fenômenos universais.

IHU On-Line - Quais seriam os méritos e as limitações da psicanálise diante dos atuais problemas?

Elizabeth Roudinesco - Ela permite abordar todos os tipos de problemas. A psicanálise traz algo novo, a saber, o estudo da psique. Não é a sociologia que afinal lida com a sociedade de entorno, nem a antropologia, que cuida dos laços de parentesco, da organização das sociedades, nem a biologia, que, no fundo, cuida das causalidades orgânicas? Então, para algo autônomo, que não é nem o social, nem o ambiental, nem o biológico, mas sim o psíquico, o inconsciente que reservamos, parte do que pensamos e dizemos que nos escapa. E isso é realmente algo que não podemos deixar de levar em conta no mundo moderno, onde está muito presente a idéia de reduzir essa parte, quer em benefício de uma causalidade ambiental, quer de causalidades orgânicas. Ora, precisamos mesmo dessa dimensão para entendermos o sofrimento humano. Existe uma autonomia psíquica, que não pode ser reduzida nem ao orgânico, nem ao social. Em outras palavras, entre o inato e o adquirido, está a dimensão do psíquico.

IHU On-Line - Quais são as novas abordagens da análise freudiana que mais respondem à crise da sociedade pós-moderna?

Elizabeth Roudinesco - É um pouco complicado, pois, na sociedade pós-moderna, os sujeitos não querem saber que têm um inconsciente. Os indivíduos pedem mudanças muito rápidas, interessam-se muito mais pelo

corpo e pelas práticas sexuais do que pelo desejo e pela culpa ou pelo conflito psíquico e, portanto, há crise da psicanálise. Dá-se a preferência, com efeito, ao medicamento, às curas, às terapias muito breves, e cuida-se sobretudo do corpo, com as práticas sexuais, assim como faz a sexologia, antes do que com questões de nossos desejos e de nossas maneiras de viver. E isso pode ser muito redutor, e, assim, a psicanálise deveria reencontrar sua atração diante dessas problemáticas, pois não se pode ser redutível a questões de puras práticas sexuais, de gozos de corpos. Como dominar as nossas pulsões? Como nos conhecer de maneira a não ceder ao gozo sem limite? Isso só traz infelicidade, quando poderia controlar a si próprios, sem por isso ser puritano. Está havendo uma crise, porque essas interrogações não interessam tanto hoje em dia, mas isso gera a impressão de que as pessoas estão pior, que não existe resposta para a angústia e que as respostas medicamentosas ou corporais não bastam. Também há o fato de que os psicanalistas não se têm renovado na abordagem desses fenômenos contemporâneos.

IHU On-Line - Qual seria o mal-estar da atual civilização?

Elizabeth Roudinesco - Estamos vivendo o mal-estar das civilizações ocidentais. Estamos, pois, entre algo que se pareceria com a pornografia, já que estamos preocupados apenas com o sexo, nas suas práticas, entretanto, estamos confrontados com um retorno muito integrista e muito puritano do religioso. Estamos em um mundo onde temos, não entendemos, dois exageros de integrismo: a religião da ciência, por um lado, que pretende explicar todos os nossos comportamentos por meio de descrições biológicas, neuronais, e, do outro lado, uma volta mais integrista do religioso e que é novamente uma imposição, uma sanção com relação à liberdade sexual. Ou seja, estamos entre

dois mundos. É essa a questão hoje em dia. Há perigo de haver voltas à barbárie, a uma violência na sociedade. Confrontamos com a globalização, com o religioso de um lado, e, do outro, com o excesso de ciências humanas.

IHU On-Line - Será que Freud pode ser atualizado na sua visão da sexualidade e na melhor compreensão da diversidade sexual?

Elizabeth Roudinesco - Se quiser, é claro. Freud era um homem de seu tempo, ele não mostrou hostilidade para com os homossexuais. Ele foi antes um emancipador, mas, é claro, Freud não previra em absoluto uma sociedade na qual os homossexuais deixariam completamente de ser uns pervertidos, queriam ter filhos, formar casais, entrar na ordem da família. Isso é algo em que não pensara.. Entretanto, é algo que ele não excluiu. Não há nada nas teorias freudianas que proibam pensar assim.. Quem se opôs, quem foi violentamente hostil para com os homossexuais, foram antes os alunos de Freud. Acho que ele era um liberal. Hoje a questão o cativaria. Freud classificava ainda assim os homossexuais como seres que a civilização necessitava, pois eles encarnavam uma espécie de arquétipo necessário, em particular para a criação intelectual. Ao mesmo tempo, porém, ele não podia imaginá-los como normalizados, inteiramente normalizados. Em todo o caso, jamais os classificou como degenerados, doentes, etc... A prova, aliás, está em que ele mostrou que todo ser humano era bissexual. Acho que Freud não tinha como antecipar o estado da sociedade.

IHU On-Line - Nietzsche, Marx e Freud continuam sendo mestres da suspeita?

Elizabeth Roudinesco - Sim. São pensadores da emancipação, da rebelião. É muito diferente, mas eu

acho que se pode relê-los hoje, com interesse, pois estamos num mundo onde o socialismo real fracassou (aliás, Freud previu isso) e onde nos deparamos com um modelo do capitalismo mercantil, ao qual será necessário opor um novo humanismo, porque, afinal, é essa a nova praga, essa transformação do homem em pura mercadoria, é quase o novo totalitarismo contemporâneo. Há diferença é que ele é perceptível e que não se pode fugir hoje da economia liberal; é preciso corrigi-la. Devemos corrigir as injustiças, estamos num período em que ainda não achamos os meios de fazer uma nova revolução, ainda estamos pagando pelo fato de que nossa revolução desembocou em sociedades muito piores do que as sociedades que não passaram por revoluções. Por sua vez, elas não deixaram de ser necessárias. E, finalmente, estamos diante de um terceiro problema, o triunfo da economia liberal. Precisamos lidar com isso.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo para concluir?

Elizabeth Roudinesco - Sim, eu gostaria de acrescentar que um dos sintomas do interesse que subsiste pela obra de Freud, é a detestação constante da qual foi objeto. É claro que a culpa é dos psicanalistas também que amiúde são um tanto conservadores mas, ao mesmo tempo, se Freud e os psicanalistas são tão detestados, é porque eles trouxeram algo muito novo, difícil de suportar, a saber, a questão do desapossamento da imagem da onipotência. Ou seja, é algo que sempre é superior, que manifestamos, o tempo todo, nos sonhos.

Freud e o nascimento das ciências cognitivas

Entrevista com Jean-Louis Chassaing

Jean-Louis Chassaing é psicanalista e membro da Associação Lacanienne Internacional e da Fundação Européia para a Psicanálise. Autor de numerosos artigos para revistas de Psiquiatria e de Psicanálise, coordenou as seguintes obras: *Présentation de Ernest Chambard "Les Morphinomanies"*, Paris, 1988; *Ecrits psychanalytiques classiques sur les toxicomanies*, Paris, 1998; *Psychanalyse et psychiatrie-Demandes et réponses contemporaines*, 2001; *Jeu, dette et répétition- Les rapports de la cure psychanalytique avec le jeu*, 2005; *Le don et la Relation d'objet*, "La Célibataire" Revista de Psicanálise, clínica, lógica, política; N° 11 Inverno 2005, *Lacan et Pascal, La Célibataire*, Revista de Psicanálise, clínica, lógica, política. N° 12 Verão 2006.

Nesta entrevista concedida por e-mail a *IHU On-Line*, Chassaing falou, entre outros assuntos, da relação entre neurociências, cognitivismo e psicanálise e do nascimento das ciências cognitivas.

IHU On-Line - Como se dá o conflito entre neurociências, cognitivismo e psicanálise?

Jean-Louis Chassaing - Trata-se de três disciplinas distintas, nascidas em épocas, lugares e circunstâncias diferentes. Não existe origem particular para um conflito; nem conflito estabelecido especificamente. Cada disciplina foi construída segundo suas próprias vias de pesquisa, com seus próprios conceitos, sua evolução própria, seus pesquisadores. Os objetivos, as intenções e as metodologias não eram as mesmas, uma vez que os domínios de ação interagem, nascendo confrontações e rivalidades contenciosas. É difícil estabelecer com precisão um momento de nascimento das neurociências. Por exemplo, quando Freud estudava a placa neuromotora das enguias sob o microscópio no laboratório de Brucke, nos anos 1880, quando ele dava sua informação, bem argumentada, sobre sua concepção das afasias um pouco depois, quando ele inventava o conceito

de angústia, conceito neurológico depois amplamente retomado, não participava ele das neurociências? Sem dúvida, as ciências e os meios técnicos evoluindo, as neurociências se especializaram para se tornar essencialmente meios de pesquisa dita "pura", ou seja, cada vez mais especializada e separada da clínica. Foi então que as aplicações levantaram, de maneira rigorosa, alguns problemas. A adequação entre pesquisa e clínica suscitou conflitos em seu rigor e igualmente em suas intenções: quais eram os objetivos dessas aplicações? Evidentemente, o cognitivismo, em sua juventude e sua preocupação de cientificidade se aproximou automaticamente das neurociências, as quais encontraram nele um "companheiro teórico" que havia, mais do que elas, procurado averiguar sobre a possibilidade de tocar uma realidade clínica. A eficácia esperada encontrou, então, uma outra aliança muito simples: as perturbações do comportamento, abandonando quase automaticamente a

psicopatologia clássica e rejeitando a complexidade dos estudos sobre o inconsciente.

Do seu lado, a psicanálise se elaborava na própria clínica, de maneira totalmente autônoma, e se apoiava sobre a descrição semiológica e noológica clássicas, modificando com prazer, enriquecendo estas últimas.

IHU On-Line - Existe alguma data para o nascimento das ciências cognitivas?

Jean-Louis Chassaing - O nascimento das ciências cognitivas teria uma data simbólica, a de 1956, “ano em que, de um lado, se realiza o *Symposium on Information Theory do MIT*, reunindo psicólogos e linguistas interessados em integrar os seus trabalhos em vista de uma simulação dos processos cognitivos sobre o computador, e, de outra parte, é organizado o “encontro de Darmouth”, onde foi oficialmente declarado o nascimento da “inteligência artificial”. A partir de então, o objeto “cognição” nasceu, e diferentes disciplinas se esforçam em atribuir-lhe conteúdos e orientações específicas” (Georges Vignaux). Os “cognitivistas”, aliás, não desejam, em geral, ser assimilados aos “comportamentalistas”, cuja disciplina ainda nasceu de outra maneira, em outras circunstâncias, em outras regiões. No entanto, um número importante de terapeutas se diz “cognitivo-comportamentalista”, dando, assim, a impressão de reduplicar uma “cientificidade”, o que, ao mesmo tempo dá testemunho da insuficiência, aparentemente, e da pretensão, para cada uma das duas isoladamente carregar a pesada tarefa de ser “uma ciência” Estes terapeutas são igualmente pessoas que encarnadamente maltratam a psicanálise, e duas formações são bem-vindas para sustentar a carga! No entanto, é preciso notar diferenças, históricas, metodológicas, práticas, valendo o mesmo dos campos de aplicação destas duas disciplinas.

Eu penso que, se as teorias e as práticas são sérias, se o próprio terapeuta é bem formado e assegura sua prática numa deontologia adequada, os psicanalistas terão que conhecer a existência destas disciplinas, antes de fustigá-las. Acontece-me receber pacientes que sofrem de patologias, e desejam “ir depressa”, ou se resignaram com as terapias cognitivas e/ou comportamentais, querem adotá-las; eu lhes dou voluntariamente as coordenadas de colegas que praticam essas terapias. Isso não prejudica o trabalho que esses pacientes poderiam assumir comigo, paralelamente, ou mais tarde, ou não!

Comportamentalistas x psicanalistas

Pelo contrário, as guerras que grassaram, notadamente em período mais recente, entre comportamentalistas e psicanalistas, viram os primeiros – o que jamais foi o caso para os segundos – afirmar publicamente os danos da psicanálise e, sobretudo convidar prestimosamente, publicamente, os pacientes em análise a deixar seu analista e a fazer terapias comportamentais, o que é difamatório e é escandaloso.

A “guerra” existe também, principalmente no plano dos postos nas instituições. Aqui se nota uma das particularidades deste conflito. Com efeito, as terapias, comportamentais e cognitivistas são encaradas como terapias breves e de eficácia imediata. Ademais, elas não entram em elaborações complexas que necessitam esforços de pensamento em demasia dolorosos, e também não arriscam, em sua preocupação com normatividade, desencadear questionamentos por vezes conflituosos com intervenções de psicanalistas.

Rapidez de resultados, eficácia, então boa rentabilidade e normatividade são os pontos fortes evocados, em oposição à psicanálise, e o que fornece aos psicanalistas o suporte dos argumentos opostos... Por quê? A psicanálise não se

interessa por uma normalização social dos analisandos. Ela também não deve se desinteressar, ainda menos encorajar por ideologia afirmativa, a contestação! Que “a cura venha por acréscimo”, frase tanto proclamada de Lacan, de nenhum modo indica um desinteresse e ainda menos um desprezo por efeitos benéficos e terapêuticos da análise. O que é indicado aí é o respeito das associações livres e por este viés da constituição, não previsível antecipadamente, de uma lógica do inconsciente, de uma emergência de significantes da história dos pacientes, caso por caso! Gabar-se de englobar uma terapêutica (com que finalidade?) seria falsear de saída a liberdade de palavra do sujeito, seria orientá-lo num determinismo no qual a chegada dos significados fundamentais de sua própria história se encontraria recoberta por um projeto exterior normativo. Freud, bem ou mal, abandonou o método hipnótico, para deixar livre curso à palavra do analisando; Moustapha Safouan¹⁷, em sua obra sobre a transferência, mostrou bem a passagem da hipnose à psicanálise. Esta conserva firmemente sua independência, tendo em conta justamente a transferência, e é certamente isso, entre outras coisas, que provoca um odor de escândalo sobre este ponto... a manter, sem dúvida alguma!

“Não há conflito *original*”

Sobre os outros pontos: rapidez dos efeitos, eficácia imediata, boa rentabilidade, nada é menos seguro! Foram suficientemente estabelecidos os deslocamentos dos sintomas com o correr do tempo, como também seu ressurgimento. Isso também não basta para garantir a eficácia da psicanálise – que, evidentemente, existe, da mesma forma como, por vezes, a dessas terapias

¹⁷ **Moustapha Safouan** : Psicanalista lacaniano de origem egípcia nascido em Alexandria. Ele traduziu para o árabe o livro "A interpretação dos sonhos " de Freud. (Nota da *IHU On-Line*)

– mas é bom, por honestidade, permanecer modesto e realista.

Um outro ponto, atualmente muito difundido, desonestamente e com má fé, é a colusão sistemática estabelecida entre estas terapias breves e a quimioterapia psicotrópica. Os artigos consagrados ao tratamento psicotrópico, à psicofarmacologia, em fim de contas, após ter vangloriado sua eficácia, fazem “concessão” a uma necessidade (mais possível que obrigatória !!) de uma psicoterapia, e seguramente, é feita menção (ou publicidade?) exclusivamente das terapias comportamentais. Assim, não somente acoplada ao cognitivismo, o comportamentalismo encontra para si um aliado na quimioterapia, que o aceita voluntariamente como cônjuge... Que casamentos a fim de eliminar o “todo-poderoso” método freudiano! Assim, não há conflito “original”. Existem disciplinas, mais ou menos formalizadas, desenvolvidas, teorizadas, com interesses desde o início diferentes, de nascimentos e de essências diversificadas, e que procuram se ocupar dos elementos de um mesmo campo. Os pacientes podem escolher! As origens da medicina, após a pré-medicina, isto é, no século V antes de Cristo, viram escolas se baterem pelas teorias e práticas diferentes (Escola de Kos¹⁸, por exemplo).

¹⁸ As doutrinas de Pitágoras, Alcmeon e Empédocles foram assimiladas e desenvolvidas em várias escolas médicas como a de Knidos, Crotone e Kos, algumas em locais onde existiram importantes templos de Asclépio. Na escola de Kos, onde Hipócrates foi aluno, desenvolveu-se pela primeira vez a idéia de uma patologia geral, oposta à idéia até aí prevalecente de que as doenças se encontravam limitadas apenas a um dado órgão. Segundo esta escola, os processos morbidos eram devidos a uma reação da natureza a uma situação de desequilíbrio humoral, sendo constituídos por três fases: a *aepsia*, caracterizada pelo aparecimento do desequilíbrio, a *pepsis*, onde a febre, a inflamação e o pus eram devidos à reação do corpo, e a *crisis* ou *lysis*, onde se dava a eliminação, respectivamente brusca ou lenta, dos humores em excesso. (Nota da *IHU On-Line*)

Sem dúvida, é preciso deixar ser a diversidade, sendo essencial o respeito e a coerência, de modo que a própria ética teve consideração para com aquelas e aqueles que depositam em nós sua confiança, suas confidências íntimas.

***IHU On-Line* - Como Freud contribuiu para estabelecer esse debate?**

Jean-Louis Chassaing - Mas, não houve “debate”!. Se houve muito pouca confrontação entre psicanalistas e cognitivistas ou/e comportamentalistas? Os terapeutas que se dizem cognitivistas, são eles “verdadeiros” cognitivistas, ou, antes comportamentalistas “deslocados”? Não houve debate, e isso é, sem dúvida, prejudicial! Por que não? Mas, isso é possível? E isso é necessário?

E Freud não “lançou” “o” debate!... O cognitivismo não existia em sua época! Dizemos que Freud promove debate... tendo descoberto a psicanálise! Ele tinha muito que fazer, elaborando sua disciplina, e, seguramente avançando coisas que desagradavam aos médicos, mas também à Viena de seu tempo! Descobrir, no sentido de revelar, o inconsciente não foi um grande prazer para a burguesia vienense, e menos ainda para os médicos e cientistas da época! A “ vaidade da consciência”, para retomar a expressão de Freud, deve ter sido muito chocada, como ela o é ainda hoje! Amestrar, controlar, “gerar”, são expressões tão atuais e tão consubstanciais ao homem, que este “à revelia de”, revelado e estudado por Freud e seus continuadores só pode, e o desejamos, perturbar. “A psicanálise está morta”, “A psicanálise está enferma” (muitas vezes, ela agora está “doente”, após ter sido declarada “morta”!..), “A psicanálise é nociva” (mas, onde ela o é, seguramente, e Lacan glosava, divertindo-se com este *primum non nocere* (antes de tudo, não prejudicar), da medicina; da qual dizia que esta era uma posição “friorienta” que, por vezes, justificava não fazer nada!).

***IHU On-Line* - O que essa discussão ainda suscita na clínica psicanalítica em nossos dias?**

Jean-Louis Chassaing - Parece-me que os psicanalistas devem estar atentos às novidades do campo psíquico. Eles não devem se fechar numa torre de marfim; eles também não devem aceitar as diatribes contra eles, ainda menos como é o caso mais freqüente quando se trata de mentiras, mentiras por agressão deliberada, ou então por desconhecimento. É com mais freqüência este último ponto que prevalece. Assim, Adolf Grünbaum¹⁹, um epistemólogo, (convidado pela *Fondation Européenne pour la Psychanalyse*, de Paris, em 1998), que muito escreveu sobre a psicanálise, que a criticou, que disse tê-la estudado muito... Da mesma forma, Karl Popper²⁰, e suas obras consistentes... Pois bem, quando se lê atentamente sobre que textos eles se apóiam, nós nos perguntamos o quê eles leram realmente... ou de que maneira eles o leram”!...

***IHU On-Line* - O que ocasiona este “debate” na atual clínica psicanalítica?**

Jean-Louis Chassaing - Nada! Para os psicanalistas, como o menciono acima, o interesse deveria permanecer aberto, desperto, naturalmente interessado. Freud e Lacan liam muito, as obras de ciências afins à psicanálise, e os artigos de seus contraditores com os quais eles intercambiavam. Isso não se faz mais muito. É pena. Identificar qual é sua utilidade, é outra questão. Assim, a *Fondation Européenne pour la Psychanalyse* promoveu, muito recentemente, um debate entre psicanálise e ciências. Isso foi interessante, pelo que disse respeito às trocas, mas além do interesse informativo e das simpatias, não houve

¹⁹ **Adolf Grünbaum** (1923): Filósofo americano. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Karl Popper** (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. (Nota do *IHU On-Line*)

nem haverá nenhum resultado, nem teórico, nem prático. Cada um trabalha em seu próprio domínio, com conceitualizações e enfoques diferentes. Ninguém veria um interesse em intercambiar, em misturar coisas tão específicas. Por que razões? É preciso seguir antes a consistência e a coerência de cada domínio. Talvez aqui as trocas de pontos de vista poderão, isso não é seguro, permitir que se precisem certos pontos em cada um dos domínios em confrontação. Mas, será que se tem necessidade disso?

Seja como for, este “debate”, como você diz, não tem nenhuma consequência na clínica psicanalítica. Por que teria? A clínica psicanalítica se elabora na coleta dos dizeres dos pacientes, segundo suas próprias conceitualizações, as quais são suficientemente estabelecidas e coerentes em si mesmas. Pode ser teoricamente interessante ler os estudos, o andamento, a metodologia, os objetivos do cognitivismo, mas de saída, até agora, não há nenhuma relação nem interesse entre os dois.

Além disso, a clínica psicanalítica nada tem a temer do cognitivismo; sua especificidade, sua prática, efetuada por numerosos praticantes, os quais são também, em sua maioria, pesquisadores, de formações diversas em seu ponto de partida, e as muito numerosas reuniões para fazer progredir esta clínica, asseguram de maneira consistente a manutenção de seu estabelecimento. A *Association Lacanienne Internationale* acaba, aliás, de criar um novo *Club de la Clinique* em Paris, que, de maneira ambiciosa, desejaria recriar as famosas sessões das quartas-feiras de Viena! Dêem-se conta do alcance disso!

IHU On-Line - Poderia desenvolver os principais aspectos de sua reflexão a respeito do dom?

Jean-Louis Chassaing - Mudança de registro! Nós não estamos mais no sesquicentenário freudiano! No entanto, Lacan leu e apoiou-se nas observações,

nas teorias de Marcel Mauss²¹ a propósito de uma antropologia do dom. O famoso *Essai sur le son* (Ensaio sobre o som), cujo prefácio de Claude Lévi-Strauss²² é não menos excelente, obteve tais repercussões que toda uma equipe de pessoas muito bem instruídas prolonga a obra. Um colóquio da *Association Lacanienne Internationale* foi realizada em presença dos membros desta equipe, Alain Caillé²³, Jacques Godbout²⁴, bem como do eminente professor de Antropologia Maurice Godelier²⁵. As atas apareceram no número da revista de psicanálise *La Célibataire*.

No princípio da troca, está o dom. Em sua base. E o dom supõe três registros: dar, receber, entregar. A originalidade do professor Godelier é de notar um quarto termo, presente “na surdina” em Mauss: para que os objetos de dom circulem, em toda a sociedade primeiro estudada

²¹ **Marcel Mauss**: refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada no *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política. A Felicidade e o útil*, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. (Nota do *IHU On-Line*)

²² **Claude Lévi-Strauss**: Antropólogo belga nascido em Bruxelas, que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na lingüística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Alain Caillé**: sociólogo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Jacques Godbout** (1933): poeta, romancista, ensaísta, crítico e cineasta canadense, consagrou-se como personalidade literária no Canadá e em toda a Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Maurice Godelier** (1934): antropólogo francês. É um dos nomes mais influentes na antropologia estrutural de seu país. Visto como um dos melhores defensores da incorporação do marxismo na antropologia e é conhecido também pelo seu trabalho de campo em Papua Nova Guiné, realizado nas décadas de 1960, 1970 e 1980. (Nota da *IHU On-Line*)

por Mauss, e em seguida por Godelier, é preciso que um outro objeto, uma categoria de objetos seja recortada [supressa] do circuito do dom. Estes objetos são os sagrados, que são enigmáticos, objetos de transmissão.

É uma condição, neste paradigma do dom, que a psicanálise lacaniana reencontra. Para que exista dom, em seu sentido mais global, em seu sentido mais pleno, o que participa do elo social, essas trocas no registro simbólico, é preciso que ele não participe dessa ampla troca generalizada. É antes em sua versão edipiana o que deve começar em seu lugar, a saber a função do pai: o fálus, símbolo da falta para a qual se volta a mãe, o pai o tem, é seu portador: ele não saberia nem trocá-lo, nem doá-lo. Objeto retirado da troca e que, desde então, vai permitir a circulação dos outros objetos: dar, receber e dar por sua vez. O interesse que pode ter a antropologia para nós, psicanalistas, é o de constatar como se efetua a atualização do simbólico, no seio do poder, através do imaginário. Estes elos simbólicos constituídos pelas trocas de objetos – ainda uma vez, já é simbólica a noção de dom, pois ela supõe dar, receber, entregar, mesmo na destruição dos bens nessas lutas de puro prestígio, determinadas pela própria estrutura do dom, que os *potlach* – esses elos serviram, pois, entre outros, de apoio seguro a Lacan, em certos momentos, em seu seminário *La relation d'objet*. É a relação que conta; como distinguir, com efeito, o lugar do objeto fetiche na perversão, e o do objeto fóbico, se a gente se concentra somente no próprio objeto? São as modalidades das relações, ou seja, no homem sua posição na linguagem, que constituem a estrutura. Assim como as estruturas da linguagem e da palavra, o dom é constrangedor. Ele obriga. O recebedor se torna o “obrigado” (aquele que deve pelo fato de lhe ter sido dado) e, ao entrar no encargo ele deve dar mais do que lhe foi dado!

O dom e a dívida

Assim, um outro termo muito importante se encontra igualmente no vocabulário dos “maussianos” e no dos “lacanianos”: é a dívida. É por este aspecto da dívida hoje, aspecto que nos parece particular, que eu desejaria abordar e aprofundar com Mauss e os “maussianos” a questão do dom. Com efeito, a dívida simbólica de que fala Freud, ao que nos determina, o que se deve aos nossos ascendentes. Atualmente, o não-reconhecimento do passado, libertar-se do peso do passado, mas numa negação de seu determinismo, torna caduca a dívida. Ademais, os adolescentes, por exemplo, não nos mostram eles, não insistem eles, não dizem eles que, ao contrário, é a sociedade, são os pais que estariam em dívida diante deles! Que dom circula, então, segundo que princípios?

IHU On-Line - Como a temática do jogo pode ajudar a compreender melhor o comportamento eleitoral dos candidatos sob um olhar psicanalítico?

Jean-Louis Chassaing - As estratégias dos jogos, notadamente dos jogos de azar, deram lugar a teorias muito sábias, onde lógica e cálculo, probabilidades, fazem a alegria dos sábios, e mesmo dos prêmios Nobel! No entanto, há sempre um resto, um enigma, uma incerteza, embora evidentemente relance o jogo, e... os seus estudos! Um teórico dos jogos mencionava a justo título que, se ele tivesse encontrado uma teoria perfeita dos jogos, eles terminariam, não haveria mais jogo! Onde se vê que o que impulsiona a jogar não é verdadeiramente o aparato do ganho, mas esse pedaço de azar (ou sorte) que permite dizer: por que não? Por que não eu? Vou me beneficiar da escolha dos deuses? Teria eu a boa marca do o perniciosas! Sim, o que procura o jogador na sua relação com “a chance”? O que procura o analisando em suas solicitações, solicitações de respostas? Lacan com frequência fez referência ao

jogo. Quanto ao azar, ele o definia como encontro com um puro real.

Quanto à vossa questão, que conecta, um pouco como uma compilação, jogo, psicanálise, e “comportamento eleitoral dos candidatos”, eu não saberia responder; ele me surpreende! Curiosa mistura! É, no entanto, verdade que os teorizadores dos jogos atualmente e, após um certo número de anos, deslocam seu interesse, de uma parte para as estratégias, de guerras, de conflitos, de campo social, econômico, por exemplo, e para tudo o que pode ser comportamento ou o azar e a indeterminação, as probabilidades estão em jogo (comportamento dos eleitores, por exemplo); de outra parte, para os estudos dos riscos, igualmente. E também é verdade que nós temos, e somos, solicitados para dar o que seriam nossos conhecimentos (do inconsciente, suponho) para “melhorar” esta parte do azar dos comportamentos, que perturba nossos brilhantes, porém imperfeitos teorizadores!

Entretanto, os psicanalistas, se eles se interessam no jogo, o que não é freqüente, pois só trabalham no campo da clínica, na transferência, nas palavras ditas neste quadro transferencial, e têm bem pouco a dizer sobre os comportamentos, ainda menos sobre as previsões de comportamentos dos candidatos às eleições! Estou desolado por decepcioná-lo para um futuro próximo! Certos psicanalistas se arriscam, e se divertem, ao definir as personalidades dos homens políticos, sem, no entanto, levar a sério uma análise que permanece grosseira e hipotética. A partir daí, para “melhor apreender seu comportamento eleitoral”... Eu gostaria de lhe perguntar: de vossa parte, isso é um sonho?

IHU On-Line - Qual seria(m) a(s) principal(is) contribuição(ões) de Freud para compreender nosso mal-estar contemporâneo?

Jean-Louis Chassaing - O Mal-estar na civilização²⁶, mas também *A moral sexual civilizada*, anterior ao precedente, são grandes textos freudianos! No entanto, a grande contribuição de Freud reside em sua conceitualização com base na clínica, num além da consciência.

Então: primeiro ponto, os conceitos estão aí, produtos a utilizar, a usar. Freud é bem atual! Evidentemente, sua transposição à modernidade (ou, segundo a palavra de J.F.Lyotard²⁷, a pós-modernidade) necessita de um trabalho permanente, e a leitura muito precisa dos textos de Freud, e de adequação em relação à clínica atual, e leituras de autores e de trabalhos das ciências afins. É este trabalho que Lacan nos passou, nos legou, por pouco que se tenha acesso aos textos, aos ensinamentos... Por exemplo, a questão do pai, o pai de Édipo, aquele de Totem e Tabu, o Moisés, será retomado na relação com a própria estrutura da linguagem, ou ainda, no elo social, com esta noção do terceiro, da necessidade, ou não, do terceiro, de sua função hoje. O texto de Freud igualmente é muito interessante sobre a palavra de espírito a este respeito; ele mostra a distinção que há entre a palavra espírito – presença do terceiro – e a dualidade da grosseria. Esta questão se liga em clínica à questão do interdito – as dependências, toxicomanias, bulimias, passagens ao ato – e a do impossível, do real, cada vez mais negado, para não dizer denegado,

²⁶ FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização* (1930 [1929]). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIII, p.75-171.

²⁷ Jean-François Lyotard (1924-1998): Filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1954, *O inumano : considerações sobre o tempo*. Lisboa: Estampa, 1990, *Heidegger e 'os judeus'*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999 e *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004. (Nota da IHU On-Line)

recusado. Isso se relaciona também com o que nós dizíamos antes do fálus, elemento da falta simbólica, que hoje já não conta mais com os favores da modernidade, em que nada deve faltar, tudo deve ao mesmo tempo ser parêntese, igualitário, mas cada um pode afixar “sua” diferença! Tudo seria possível, sem falha, pleno. O reino do objeto viria tapar toda falta, o que só faz correrem mais os infelizes que se deixam envolver; nós sabemos que o objeto de nossa história não se atinge verdadeiramente assim... Assim... haveria em nosso mal-estar contemporâneo esta promessa de um perfeito êxito a atingir... o que não pode

ser! Para começar: um homem e uma mulher. Nenhuma falha, o que se traduz por nenhuma diferença! No entanto, Lacan, seguindo Freud, enunciava: “não existe escritura da relação sexual”.

Freud lançou, de maneira implacável, circunvoluções de um determinismo inconsciente, e da relação que nós temos com isso a fim de estabelecer o que seria nossa ética, a saber, simplesmente, como conduzir nossa vida.

Lacan retomou Freud, e o mais simples é dizer, no que diz respeito ao nosso mundo contemporâneo: que objeto e que linguagem hoje? Isto é, cara amiga, como você faz, então, com tudo isso?

Freud e a religião

Entrevista com Carlos Domínguez Morano

O jesuíta Carlos Domínguez Morano concedeu entrevista que segue por e-mail à *IHU On-Line*. Morano é doutor em Teologia, Filosofia e Ciências da Educação. Licenciou-se em Filosofia Pura e Psicologia. Sua formação psicanalítica se desenvolveu no Instituto de Psicoterapia Analítica Peña Retama, de Madri. Atualmente é professor de Psicologia da Religião na Faculdade de Teologia de Granada e psicoterapeuta no Centro Francisco Suárez da mesma cidade, onde realiza também um trabalho formativo com profissionais da saúde mental. Foi presidente da A.I.E.M.P.R. (Asociación Internacional de Estudios Médico-Psicológicos y Religiosos). É professor convidado em diversas universidades espanholas e latino-americanas.

Suas publicações giram em torno da problemática das relações entre a psicanálise e a fé e a análise do mundo afetivo. Entre elas, cabe destacar como mais importantes: *El psicoanálisis freudiano de la religión*. Madrid: Paulinas, 1991; *Crear después de Freud*. Madrid: Paulinas, 1992 (Traduzido para o português sob o título *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003); *Experiencia mística y psicoanálisis, Fe y Secularidad-Sal Terrae*. Madrid-Santander 1999; *Psicoanálisis y Religión: diálogo interminable*. Madrid: Trotta, 2000; *Los registros del deseo*. Desclée de Brouwer, 2001; *Psicodinámica de los Ejercicios*

Ignacianos. Mensajero/Sal Terrae, Bilbao/Santander, 2003 e *Experiencia cristiana y psicoanálisis*. Córdoba: EDUCC, 2005. Dominguez Morano

participará do Seminário Internacional **A globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos**, que acontecerá entre os dias 25 e 28 de setembro de 2006, na Unisinos. Ele proferirá a conferência *Inácio de Loyola à luz da psicologia*, às 11h do dia 26 de setembro de 2006.

IHU On-Line - Como se formou a imagem que Freud tinha de Deus?

Carlos Domínguez - A imagem de Deus que podemos nos aventurar a dizer que Freud tinha (difícil seria para ele próprio conhecer essa representação interna em todas as suas dimensões conscientes e inconscientes), guardaria relação, sem dúvida, com o sistema simbólico particular no qual o fundador da psicanálise se educou e se formou. Esse sistema simbólico é o de uma época e cultura determinadas. Uma época particularmente marcada por toda a filosofia das luzes e sua crítica do fato religioso e uma cultura que, para Freud, é a do povo judeu à qual pertence. Não podemos esquecer o contexto de uma sociedade cujo catolicismo se manifestava em um claro processo de involução e numa dinâmica combativa diante do que a modernidade trouxe consigo.

Nesse contexto geral, há que acrescentar a influência (sem dúvida, a mais determinante como observa Ana Maria Rizzuto²⁸ em sua obra *Why Did Freud Reject God?*) de uma família e de uma figura parentais pelas quais esse sistema simbólico configura a vida de Freud. Com base em todos esses complexos parâmetros, poderíamos aventurar que a imagem de Deus que Freud tinha era a do Todo-Poderoso, a que todos os seres humanos devem submeter-se e ante o qual é inevitável experimentar uma profunda ambivalência afetiva. Essa representação de Deus teve que ser rechaçada desde muito cedo. Já aos 14

²⁸ **Ana Maria Rizzuto**: psicanalista norte-americana, autora do livro *Por que Freud rejeitou Deus?* São Paulo: Loyola, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

anos, numa carta a seu amigo Silberstein²⁹, Freud se manifestava como um ateu e materialista convicto...

IHU On-Line - Como essa realidade influenciou a psicanálise?

Carlos Domínguez - Temos que pensar que existe, efetivamente, uma relação entre essa idéia de Deus e a psicanálise. Outra questão muito diferente seria determinar qual foi de fato essa relação. Numa carta ao pastor O. Pfister³⁰, Freud se mostra absolutamente convicto de que a psicanálise só pode ser inventada por uma pessoa não-crente. A afirmação pode e deve ser objeto de debate e eu próprio a discuto por escrito com Peter Gay³¹, que se mostra de acordo com o fundador da psicanálise, considerando também a relação psicanálise-atéismo. Hoje, superadas as impregnações ideológicas (próprias do "século das luzes") nas quais a psicanálise nasceu, essa relação deixa de ser considerada

²⁹ **Eduard Silberstein** (1871-1881): amigo de Freud na juventude. Conferir o livro *Cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Oskar Pfister** (1873-1956): pastor protestante, doutor em filosofia e doutor honoris causa em teologia. Como educador, Pfister foi pioneiro em interligar a psicanálise à pedagogia. Foi também um dos primeiros a interpelar Freud a respeito de questões como a relação entre psicanálise e ética, entre psicanálise e visão de mundo e a legitimidade do discurso científico. Conferir o livro *Cartas entre Freud e Pfister - 1909-1939. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Organização: Ernst L. Freud e Henrich Meng. Viçosa (MG): Editora Ultimato, 2004. (Nota da *IHU On-Line*).

³¹ **Peter Gay**: psico-historiador judeu, radicado nos EUA, professor na Universidade Yale, é também um biógrafo conceituado, tendo escritos biografias de Freud e Mozart. (Nota da *IHU On-Line*)

como necessária. São muitos e importantes os psicanalistas que, de fato, e não meramente na teoria, não experimentam nenhuma incompatibilidade no exercício da psicanálise e sua fé religiosa. Embora a relação ateísmo-psicanálise não seja obrigatória, não resta dúvida de que a posição de Freud em relação ao paterno (tão diretamente relacionado com a idéia de Deus) influencia de modo decisivo em sua obra. Peter Gay afirma que, às vezes, temos a impressão de que os pacientes de Freud não tinham mãe. Tão ausente está o fator materno em suas análises (não só do fato religioso) e tão onipresente está o conflito paterno-filial. Esse conflito do homem Freud determina toda a sua obra e de modo particularmente, claro, sua análise do fato religioso.

IHU On-Line - Como as experiências de vida influenciam a formação da imagem de Deus?

Carlos Domínguez - A imagem de Deus não dispõe de outro lugar para nascer em cada sujeito senão no terreno de sua própria história e constituição pessoal. E nessa história jogam sempre um papel determinante as vinculações parentais tanto maternas como paternas. Freud deixou em segundo plano as primeiras, mas a psicanálise posterior se encarregou de nos fazer ver a importância decisiva que têm os primeiros estágios da relação materno-filial para a posterior configuração da imagem de Deus. A mãe é a fonte da confiança básica na vida e a partir daí se cria a infra-estrutura para a confiança na experiência religiosa de Deus. O pai representa as dimensões de lei, modelo e promessa de felicidade que jogarão sempre um papel fundamental na experiência de fé. As figuras parentais internalizadas se convertem em terra sobre a qual cairá a semente da palavra para fazer germinar a fé.

IHU On-Line - Que interlocutores teológicos existiram na vida de Freud?

Carlos Domínguez - Foram muito escassos os interlocutores de Freud no campo da religião e da teologia. Sua formação religiosa no judaísmo foi muito pequena, como mostrou L Pfrimmer entre outros, e posteriormente sua preocupação pelo fato religioso levou-o somente a uma formação no campo da antropologia ou da história (algo na exegese também na hora de escrever *Moisés y la religión monoteísta*). Certamente, seu principal interlocutor no terreno teológico foi o pastor protestante O. Pfister, representante da teologia liberal e um dos primeiros psicanalistas. Esse interlocutor ofereceu-lhe, ou, pelo menos, tentou, uma visão da fé cristã em parâmetros muito diferentes daqueles dos preconceitos de que ele poderia estar imerso. Entretanto, esse primeiro diálogo entre a psicanálise e a fé apresentou também limitações importantes como pretendi demonstrar na minha obra *Psicoanálisis y religión: diálogo interminable*, que atualmente está sendo traduzida no Brasil. Foi um diálogo exemplar de respeito mútuo e na interpelação valente de um e outro, mas um diálogo também que deixou à margem as questões mais especificamente psicanalíticas que estão implicadas no problema.

IHU On-Line - Quais seriam essas questões constitutivas do debate entre psicanálise e fé?

Carlos Domínguez - No debate entre a psicanálise e a fé se tem adotado posições muito diversas que vão desde a mera defesa e resistência (no sentido estritamente psicanalítico) até a do estabelecimento de uma mútua e saudável interrogação sobre diversos aspectos da vida psíquica e da fé. Nem sempre a defesa se expressou de forma explícita, em certas ocasiões, tentou-se, mediante sofisticada e artificiosas distinções, entre a “fé neurótica” ou a “fé

saudável”, entre o consciente ou o inconsciente ou entre o “natural” ou “sobrenatural”. Esquecia-se, assim, que o inconsciente está sempre presente e atuante em todo o tipo de discurso, crente ou não, e em todo o tipo de experiência religiosa, tenha ela o caráter que tenha. Outras vezes, adotaram-se posições “concordistas” (o mesmo pastor O. Pfister não escapou delas), que pretendiam eliminar todo questionamento mediante uma “violenta harmonização” dos dois campos para fazê-los compatíveis: um modo de ver as coisas que, no fundo, pretende subtrair as polêmicas mais incisivas que estão em questão.

Meu posicionamento a esse respeito foi apresentado na obra citada, *Psicoanálisis y religión: diálogo interminable*, que, como o próprio título diz, se trataria de manter sempre aberta a questão, porque, na realidade, a psicanálise não vem nem confirmar nem negar a fé, e sim, somente introduzir uma interrogação do inconsciente que atua em todo o discurso humano e que, portanto, afeta tanto o crente quanto o não-crente. Uma interrogação que não se refere aos conteúdos da fé, mas ao sujeito que afirma ou nega tais conteúdos. Dito de outro modo: à psicanálise não compete se pronunciar sobre temas como os da existência de Deus ou a virgindade de Maria, por exemplo, senão tão só interrogar o sujeito sobre o que está dizendo de si próprio, quando afirma crer ou não crer em ambas as proposições dogmáticas. E essas interrogações só se podem responder uma a uma. Portanto, enquanto existir o fato religioso no sistema simbólico no qual nos encaixamos, essa questão permanecerá sempre vigente para o que afirme ou negue a fé. Diálogo, pois, por essência e não por acidente, diálogo que deve considerar-se como interminável.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências teológicas desse diálogo?

Carlos Domínguez - As conseqüências desse diálogo podem ser muito diferentes. Em certas ocasiões, esse diálogo pode dar lugar a uma purificação das próprias crenças e atitudes, no sentido de despojá-la de seus elementos mais problemáticos (embora também teríamos que levar em conta que a idéia de uma fé religiosa livre cem por cento de toda a contaminação infantil ou inconsciente seria uma pura “ilusão”) ou poderia também sugerir uma dissolução da crença, como múltiplos casos o confirmam. Acredito que a idéia de que a psicanálise vem “purificar” a fé expressa uma atitude, de alguma maneira, defensiva, porque a psicanálise não tem por missão – insisto – nem purificar a fé nem combatê-la. Ela somente introduz uma interrogação, cuja resposta pode ter direções muito diferentes.

Em outro nível, se poderia afirmar que, se a teologia faz eco do que essas questões supõem na vida dos que atravessam uma experiência psicanalítica, teria que se sentir obrigada a repensar toda uma série de temas centrais de seu fazer. Em primeiro lugar, teria que revisar as representações de Deus e em que medida muitas dessas representações são devedoras do pai imaginário da infância. Penso particularmente na representação de Deus como o Onipotente ou o Todo-Poderoso (atributo que mais repetimos, por exemplo, nas celebrações litúrgicas), esquecendo, talvez, que o poder do Deus cristão é o que se manifesta na fraqueza do crucificado e que somente desde a potência do amor se pode falar de Deus Onipotente. E em íntima conexão com essa questão, a teologia e a pastoral teriam que se questiona sobre determinados modos de conceber a salvação, como os que no cinema manifestou Mel Gibson em seu filme *A Paixão*³² e que tanta repercussão tiveram.

³² *A Paixão de Cristo*: filme dirigido por Mel Gibson, em 2004, apresentado em 5 de abril de 2006, na série *Jesus no Cinema*, dentro da

Uma leitura exclusivamente expiatória que parece dar razão a muitas das interpretações que Freud deu do cristianismo em obras como *Tótem y tabú* ou *Moisés y la religión monoteísta*. E se passamos da ordem dogmática à da moral, não resta dúvida de que as questões concernentes ao exercício da autoridade e da obediência ou as que têm a ver com a sexualidade e a agressividade teriam que ser objeto também de sérias revisões à luz das questões que a psicanálise nos propõe.

IHU On-Line - Quais seriam as principais diferenças da crença antes e depois de Freud?

Carlos Domínguez - A fé é a mesma antes e depois de Freud. Quero dizer que a fé não tem por que se sentir obrigada a enfrentar uma espécie de tribunal presidido por Freud para sair com uma declaração de culpabilidade ou inocência. A fé, porém, se vive em cada etapa histórica de certos parâmetros culturais, e, em nossa cultura, a fé, por seu próprio dinamismo e não por pressão externa, tenta responder à questão psicanalítica para ganhar coerência e autenticidade. A fé que atende à questão da psicanálise (mais que às trazidas pelo homem Freud) é a que toma consciência de que pode jogar como fuga da vida, como “ilusão” defensiva, ou bem, como uma fé que dinamiza o encontro com uma realidade que é enfrentada com toda lucidez e valentia. Essa fé fugirá também do perigo de converter-se em uma dinâmica de ambivalência e culpabilidade para viver-se uma aceitação da própria realidade sem mutilações nem bloqueios que impeçam a busca da plenitude e da felicidade, das quais Deus não é, em absoluto, ciumento.

programação *Páscoa 2006, Cultura, Arte e Esperança*, do IHU. (Nota da ***IHU On-Line***)

A descoberta do mal-estar do sujeito na civilização

Entrevista com Mario Fleig

O psicanalista Mario Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, com a dissertação *Os esquemas horizontais em Ser e Tempo*, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese *O tempo é a força do ser – Lógica e temporalidade em Martin Heidegger*, e pós-doutor pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França, em Ética e Psicanálise.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Fleig menciona que, talvez, “a obra freudiana tenha sido a mais importante resposta aos efeitos colaterais (ou seja, aqueles produzidos na vida psíquica e social), produzidos pela modernidade. Freud teria encontrado uma chave de leitura e uma terapêutica para o mal-estar do sujeito na civilização e talvez alguma indicação para a civilização européia, especificamente moderna, e ainda hoje válido, com as ampliações e modificações próprias, na pós-moderna”. Ao remexer “na lixeira da ciência de sua época” Freud “de lá retirou muito material que havia sido descartado. Esse material, que, em seu conjunto, denominou de formações do inconsciente, foi reintroduzido em valor de dado científico: os sonhos, os lapsos, os chistes, os sintomas, a sexualidade, a neurose, a psicose, a perversão etc”. A edição 150 da **IHU On-Line**, de 8 de agosto de 2005, entrevistou Fleig sob o título. *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família.*

IHU On-Line - Qual foi o impacto das descobertas de Freud? Como elas foram recebidas pela comunidade científica européia?

Mario Fleig – O maior impacto das descobertas de Freud é aquele que continua a acontecer a cada dia para quem se lançar na aventura de fazer uma análise, movido, certamente, pelo peso insuportável de seu sintoma, e então tem experiências de descobertas, releituras de sua história, enfim,

defronta-se com a verdade de seu sintoma e do desejo que seu destino lhe reservou. Freud mesmo, no término de sua vida, escreveu o inacabado *Esboço de psicanálise* (1938), no qual afirma que somente quem experimentou os achados da psicanálise em si mesmo e em outros está em condições de formar um juízo próprio sobre ela. E esses achados, assegura-nos Freud, estão sempre relacionados com dois temas: sexualidade e morte.

Então, perguntamos, Freud é um cientista? É um pensador da cultura? É um poeta? Certamente não cabe encerrá-lo na categoria de pensador nem de um dos maiores pensadores do século XX. Ele está mais para o lado do cientista, mas muito estranho, pois se propõe fazer ciência de um objeto até então reservado aos literatos e aos artistas. Esta combinação entre o cientista (Freud foi um dos importantes signatários, ao lado de outros como E. Mach³³, A. Einstein³⁴, D. Hilbert³⁵, F. Klein³⁶, da convocação para a fundação de uma “Sociedade para a Filosofia Positivista”, em 1912, também publicada no volume 3 de sua revista de psicanálise) e o literato (recebeu o Prêmio Goethe de Literatura) não deixa de causar, até os dias de hoje, uma estranheza. E é essa estranheza que já

³³ **Ernst Mach** (1838-1916): físico e filósofo austríaco. Suas obras filosóficas e científicas exerceram profunda influência no pensamento do século XX. Seus primeiros livros contêm os fundamentos de uma nova teoria filosófica, o empiriocriticismo. Defendeu uma concepção positivista: nenhuma proposição das ciências naturais é admissível se não for possível verificá-la empiricamente. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX.: Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do **Simpósio Terra Habitável**, ocorrido de 16 a 19 de maio de 2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **David Hilbert** (1862-1943): matemático alemão freqüentemente considerado como um dos maiores matemáticos do século XX, no mesmo nível de Henri Poincaré. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **F. Klein** (1849-1925): matemático alemão, conhecido por seu trabalho na teoria de grupos, teoria das funções e geometria não-euclidiana, bem como das conexões entre geometria e teoria de grupos. (Nota da *IHU On-Line*)

apareceu nas primeiras comunicações de suas descobertas psicanalíticas, especialmente quando retornou a Viena após seu período de estudos com Charcot, em Paris (em torno deste, encontramos jovens médicos que também se dedicavam à literatura, como é o caso de G. de Maupassant³⁷, que escreve contos nos quais se encontram ecos das formas de loucura que apareciam na pesquisa médica da época).

A inauguração de um novo discurso

Existe uma história muito engraçada que Freud relata em suas correspondências. Uma vez fora convidado a dar uma conferência sobre suas descobertas na sociedade de filosofia de Viena e assim que deu uma resposta positiva, recebeu uma recomendação: deveria dividir sua exposição em duas partes. Na primeira, com livre acesso a todos interessados, deveria se restringir a temas leves e na segunda parte, após as senhoras terem se retirado, poderia então falar sobre suas descobertas no campo da sexualidade. Evidentemente, diante de tais restrições, ele se recusou falar.

Com a psicanálise, Freud inaugura um novo discurso, que longe de acrescentar um novo capítulo ao domínio das ciências, introduz uma ruptura radical nas ciências ditas humanas. E a questão da sexualidade está no centro do escândalo do que propõe. Poderíamos dizer que Freud remexeu na lixeira da ciência de sua época e de lá retirou muito material que havia sido descartado. Esse material, que em seu conjunto denominou de formações do inconsciente, foi reintroduzido em valor de dado científico: os sonhos, os lapsos, os chistes, os sintomas, a sexualidade, a

³⁷ **Henry René Albert Guy de Maupassant** (1850-1893): escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. Além de romances e peças de teatro, deixou 300 contos escritos. (Nota da *IHU On-Line*)

neurose, a psicose, a perversão etc. Até hoje perdura a resistência em aceitar seu discurso, que implica tomar as formações do inconsciente com base na fala de cada sujeito em seu endereçamento, sem reduzi-los a uma explicação generalizadora. Sua obra capital, *A interpretação dos sonhos*, de início foi um fracasso editorial. E parece que sua ciência sempre foi melhor recebida pelos artistas e literatos. Um exemplo disso foi o entusiasmo de A. Breton³⁸, criador do Surrealismo, que escreveu o livro *Os vasos comunicantes*, tomando essa expressão de Freud.

IHU On-Line - O que essas descobertas significaram quanto a mudança no entendimento da psique humana?

Mario Fleig – A descoberta do “complexo de Édipo” se encontra no centro da novidade freudiana, e ela se dá a si mesmo, quando Freud começa a analisar sistematicamente seus sonhos, a partir de julho de 1895, e elege seu amigo W. Fliess como intérprete deles. Sua primeira formulação aparece na carta a Fliess de 15 de outubro de 1897: “Acorreu-me ao espírito uma única idéia, de valor geral. Encontrei em mim, como em todo lugar, sentimentos de amor para com minha mãe e de ciúme para com meu pai, sentimentos que são, acho eu, comuns a todas as crianças pequenas, mesmo quando seu aparecimento não é tão precoce como

³⁸ **André Breton**: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França, no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicoanálise e das obras de Freud é evidente, e na sua base reside a idéia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela “autocensura” que todos exercemos. (Nota da *IHU On-Line*)

nas crianças que se tornaram histéricas (de uma maneira análoga à da “romantização” da origem, nos paranóicos, heróis e fundadores de religiões).

Se isso for assim, pode-se compreender, apesar de todas as objeções racionais que se opõem à hipótese de uma fatalidade inexorável, o efeito surpreendente do Édipo rei. Também se pode compreender por que todos os dramas mais recentes do destino deveriam fracassar miseravelmente... mas a lenda grega percebeu uma compulsão que todos reconhecem, pois todos a sentiram. Cada ouvinte foi, um dia, em germe, em imaginação, um Édipo, e espanta-se diante da realização de seu sonho, transposta para a realidade, estremecendo conforme o tamanho do recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual”. O escândalo maior do novo discurso freudiano pareceria, à primeira vista, consistir na descoberta da importância da sexualidade e do complexo de Édipo na vida psíquica. Hoje, contudo, podemos afirmar que mais importante do que sua nova teoria da sexualidade, foi a invenção de uma nova clínica das patologias psíquicas: a passagem da clássica clínica desenvolvida pela psiquiatria e pela neurologia (clínica da observação, da descrição e da classificação das doenças mentais, ou seja, a clínica do olhar) para a clínica da fala, da escuta e da leitura. Freud, por exemplo, foi pioneiro em isolar um quadro clínico estritamente psíquico, a neurose obsessiva. E essa nova clínica tem como instrumento principal de trabalho a situação de fala endereçada ao psicanalista, no eixo da qual se faz o trabalho de escuta e da leitura, da mesma forma como se decifra um criptograma, nos esclarece Freud em suas três grandes obras que desdobram a tese de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem: *A interpretação dos sonhos*, *A psicopatologia cotidiana*, *O chiste e sua relação com o inconsciente*.

IHU On-Line - Qual é a recepção de Freud hoje? Qual é sua contribuição para compreender a sociedade pós-moderna e seu profundo mal-estar?

Mario Fleig – Hoje, como no início da divulgação de suas descobertas e de seu novo método terapêutico, a rejeição da Psicanálise continua presente. O anúncio de sua morte se faz a cada novo ano. Muitos acreditam que o texto freudiano já não serve para mais nada e não mereceria ser lido. Contudo, podemos supor que todo texto, se for fundador de uma nova descoberta, contém os elementos que permitem sua releitura atualizada. Assim, por exemplo, os poemas homéricos ou os diálogos platônicos não cessam de produzir indicações para enfrentarmos os problemas de hoje. Talvez mais do que isso, a obra freudiana tenha sido a mais importante resposta aos efeitos colaterais (ou seja, aqueles produzidos na vida psíquica e social) produzidos pela modernidade. Freud teria encontrado uma chave de leitura e uma terapêutica para o mal-estar do sujeito na civilização e talvez alguma indicação para a civilização européia, especificamente moderna, e ainda hoje válido, com as ampliações e modificações próprias, na pós-moderna.

Contribuições freudianas

A pertinência da contribuição freudiana para as novas patologias psíquicas já foi apontada por J. Lacan, que reconheceu a tese freudiana do declínio da função paterna em nossa cultura como absolutamente acertada. Quando a referência à instância terceira (representada pelo pai e seus correlatos) deixa de ter prevalência, surgem as condições para o aparecimento, tanto da desagregação do tecido social, quanto da desestrutura psíquica. Em seu lugar, podemos ver o surgimento de uma nova economia psíquica, segundo

a expressão de Charles Melman³⁹, na qual ocorre um deslocamento do lugar da autoridade. Se antes ela estava localizada nos representantes do pai, agora quem passa a comandar os sujeitos é o objeto a ser consumido. Isso determina o surgimento de novos sintomas e igualmente novas formas clínicas.

As novas patologias parecem tomar duas direções: a primeira diz respeito à facilitação para o surgimento de irrupções de paranóia social e individual, correlativas ao enfraquecimento dos operadores da função do terceiro. Dito de outro modo, presenciamos um incremento de relações duais, sem a intermediação do terceiro simbólico, ou seja, dispensando a mediação da lei. O efeito imediato da paranóia, tanto social quanto individual, é a instalação da relação “ou eu, ou ele”, ou seja, o conflito e jogo de forças feito diretamente com o semelhante, sem nenhuma possibilidade de haver o recurso a uma instância mediadora, enfim, sem nenhuma lei possível, a não ser a violência da força. O sujeito se encontra à mercê do arbítrio da força do semelhante. A segunda aparece no incremento dos laços sociais organizados em torno da instrumentalização do outro, cujo modo mais flagrante na atualidade se constata na organização das trocas econômicas, regidas pela “lei de sempre levar vantagem”, deflagrador, provavelmente, da espiral da corrupção. Essa forma de patologia psíquica já havia sido descrita por Freud com a denominação de perversão.

Como efeitos subjetivos dessas duas configurações, encontramos, apenas

³⁹ **Charles Melman**: psicanalista francês, aluno de Lacan. Estará na Unisinos em 2007, como conferencista de abertura do *Simpósio Internacional sobre o futuro da autonomia*. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. Confira nesta edição a entrevista exclusiva *Uma nova economia psíquica*, concedida por Melman à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

para citar duas, as patologias do humor (euforia desmedida e incremento no índice de depressões, em qualquer faixa etária), as patologias da oralidade (anorexia e bulimia; toxicomanias). Talvez o traço comum às novas formas clínicas, ou seja, as novas patologias psíquicas, seja a progressiva desresponsabilização. E isso também pode nos ajudar a entender a razão pela qual as terapêuticas que não requerem a participação do próprio sujeito tenham uma maior aceitação. Em geral, por exemplo, é mais fácil tomar um comprimido que prometa a liberação da depressão do que ter que se expor e falar do sofrimento resultante de perdas e decepções.

***IHU On-Line* - Acredita que a clínica psicanalítica exerce um papel político e social que pode ajudar a repensar as estruturas de nossa civilização?**

Mario Fleig – A prática da psicanálise, se bem fundamentada, não é compatível com um regime político que impeça o exercício das liberdades conquistadas na modernidade. Freud foi capaz de fazer uma interpretação crítica muito precoce das grandes formações políticas calcadas no arbítrio, na força e no autoritarismo do século XX. Talvez foi graças à sua interpretação dos fenômenos de massas, ao dissecar os mecanismos psíquicos das identificações que estão na base da formação das multidões, que pôde fazer uma crítica precoce tanto do comunismo quanto do nazismo. Enfim, a elucidação da lógica interna dos fenômenos de massa, do autoritarismo, da paranóia social e do laço social perverso, assim como de seus efeitos subjetivos, determina que a psicanálise possa contribuir para a promoção de condições de uma vida melhor na *polis*, exercendo assim uma função política significativa.

Conforme nos alerta Melman no recente seminário proferido em

Curitiba⁴⁰, dois traços marcam as mutações culturais em curso: a exclusão, ou mesmo a forclusão do outro, determinando a promoção de relações duais e a promoção do gozo objetual (consumo do objeto) em detrimento do gozo fálico (próprio do erótico e do sexual). Esses dois traços são corolários do declínio da função paterna, e determinam as questões clínicas emergentes: a depressão generalizada, as toxicomanias crescentes, a instrumentalização do sujeito e a desorganização da vetorização do sujeito, incidindo no incremento da psicose. Trata-se então da pulverização dos referenciais, que rapidamente são substituídos por outros, jogando os indivíduos em um destino de errância. O efeito visível disso se dá no esfacelamento do tecido social, cuja expressão mais direta se encontra na violência que penetra o cotidiano.

***IHU On-Line* - Quais são as grandes tensões entre as correntes clínicas hoje?**

Mario Fleig – Existem várias leituras do legado freudiano, que vai desde aqueles que se consideram pós-freudianos, ou seja, que já não mais se reconhecem em seu texto até os que ainda se dizem freudianos, reunindo-se em torno de diferentes interpretações do texto. Dos freudianos encontramos os seguidores da “psicologia do ego”, direção promovida pela filha de Freud, Anna Freud⁴¹, que encontrou uma forte discordância em Melanie Klein⁴², que se

⁴⁰ Charles Melman. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre, CMC, 2003. (Nota do entrevistado)

⁴¹ **Anna Freud** (1895-1982): psicanalista, filha caçula de Sigmund Freud. Destacou-se particularmente no campo do tratamento de crianças e do desenvolvimento psicológico. Dentre suas obras, destacam-se *O tratamento psicanalítico de crianças e Infância normal e patológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Melanie Klein** (1882-1960): psicanalista austríaca, conhecida por suas atividades de psicanálise de crianças, muitas vezes criticando as

manteve próxima do núcleo duro da teoria e clínica do inconsciente.

Os desdobramentos dessas duas escolas são múltiplos. De nossa parte, seguimos a proposta de um retorno a Freud realizada por Lacan, que jamais deixou de reconhecer sua filiação ao mestre vienense. Lacan se propôs retornar ao germen da descoberta de Freud, que requer uma clínica que não impeça o acesso à outra cena, ou seja, à cena fantasmática inconsciente de onde cada um está ordenado. E esse acesso se dá pelo modo como o analista escuta e lê o criptograma que se desenha na fala do analisante, permitindo uma interpretação (que não se confunda com nenhuma hermenêutica) do enigma que o sintoma singular contém.

IHU On-Line - Que novas práticas têm surgido na psicanálise e quais das mais antigas devem mudar?

Mario Fleig – A clínica psicanalítica, se bem concebida como Freud a propõe, procura estar atenta para não impor aos fatos clínicos uma carta forçada dos conceitos. Pelo contrário, deve permitir que o fato clínico interrogue a cada vez o conceito, colocando-o à prova e exigindo sua reformulação caso não se confirme no caso em pauta. Isso determina, então, que o surgimento de novas patologias, decorrentes das mutações em curso na atualidade, requeira inovações conceituais correspondentes. A investigação das depressões na atualidade, por exemplo, que não podem estar desconectadas do advento do discurso capitalista, como o propôs Lacan (discurso no qual é veiculada uma promessa de que nada é impossível, bastando se deixar governar pelo objeto de consumo). O correto diagnóstico dos novos fenômenos sociais e seus efeitos subjetivos é condição para a formulação de novas abordagens clínicas.

idéias de Anna Freud. Uma de suas obras mais famosas é *A psicanálise da criança*. (Nota da *IHU On-Line*)

Freud acreditava que o método psicanalítico que propunha somente poderia ser utilizado para o tratamento das neuroses e em indivíduos adultos. Anna Freud e Melanie Klein ampliaram de maneira inovadora o tratamento de crianças. Contudo, para a primeira, a psicanálise com crianças seria muito diferente da psicanálise com adultos, dado que supunha que a criança se recusaria a “associar” e a comunicar tudo o que viria à mente. Além disso, ela pensava que a criança ainda estaria demasiado ocupada com as relações reais com seus pais, o que impediria a transferência em análise e até mesmo poderia causar prejuízo para o psiquismo da criança, em formação. Em função disso, ela propunha que o analista de crianças deveria misturar à análise uma ação educativa. Percebe-se que essas teses tiveram um efeito negativo sobre a psicanálise da criança, mesmo que nem tudo seja falso em algumas das dificuldades que ela assinala.

Interpretações

Já Melanie Klein, que se instala em Londres, em 1927, desenvolve uma conceituação própria do legado freudiano e funda uma escola, entrando em conflitos violentos com A. Freud, que lhe censura as concepções de objeto, supereu, Édipo e fantasmas originários, além de sua posição clínica sobre a possível transferência no tratamento da criança, tornando desnecessário todo o trabalho com os pais. O que de fato acontece é que M. Klein funda efetivamente a psicanálise com crianças e determina avanços clínicos extraordinários, redimensionando igualmente a psicanálise com adultos e lançando conceitos para a interpretação da psicose.

É na direção do possível tratamento psicanalítico da psicose que se situa uma das grandes contribuições de J. Lacan, em oposição à afirmação de Freud. Lacan, determinado por sua

formação na clássica escola francesa de psiquiatria, realiza uma frutífera aproximação entre esta e a clínica psicanalítica, e isola o mecanismo específico da produção da psicose: a forclusão do significante paterno (nome do pai) no discurso que a mãe sustenta para seu filho. Desse modo, postula as hipóteses de como se estrutura o sujeito, sempre a partir do discurso que o Outro lhe endereça, discurso esse sustentado pelo semelhante que opera a função materna. À luz destes achados, Lacan introduz importantes inovações na clínica psicanalítica, ampliando as possibilidades na clínica das psicoses, das perversões e das neuroses, assim como viabilizando futuros avanços na clínica com crianças. Por exemplo, até pouco tempo era corrente a afirmação de que a psicanálise não tinha nenhuma eficácia no tratamento do assim denominado autismo (que segundo Gabriel Balbo⁴³, não passa de uma melancolia infantil).

Ora, hoje já temos avanços extraordinários na clínica destas patologias graves da primeira infância, que somente se tornaram possíveis graças ao diagnóstico precoce da ruptura do jogo de posições entre a mãe e o bebê. Ou seja, antes de ser reduzido a uma mera falha no suporte biológico, o autismo estaria antes vinculado a uma ausência ou pobreza de hipóteses que a mãe faz sobre seu bebê, empurrando este para uma posição melancólica, talvez em espelho à posição materna, e da qual se defende com as formações que se tornaram clássicas (rigidez corporal, não conexão e até mesmo ausência de olhar, estereotípias etc.). O que importa é que atualmente há uma clínica psicanalítica do autismo, com resultados promissores, dependendo da precocidade da intervenção. Se até pouco tempo a escola inglesa de tratamento do autismo propunha o diagnóstico a partir de dois anos e

meio, já muito tarde para reverter o quadro de maneira a não deixar seqüelas, hoje, com os trabalhos desenvolvidos na Associação Lacaniana, sob a liderança de Charles Melman, já se pode fazer o diagnóstico a partir das primeiras semanas de vida e realizar tratamento com resultados promissores. A clínica dos transtornos precoces na relação mãe-bebê, na perspectiva psicanalítica, apresenta inovações recentes e importantes, que não podem ser ignoradas.

IHU On-Line - O neoliberalismo pode ser considerado uma patologia que repercute no corpo do sujeito pós-moderno? Por quê?

Mario Fleig – O neoliberalismo, com seus corolários de globalização e de promessa de gozo sem limites e para todos, produz efeitos na própria economia e igualmente efeitos subjetivos importantes. Na realidade se trata de mutações nas formas de trocas entre os seres humanos. Ora, desde sempre sabemos que aquilo que organiza o social, e dentro deste, os sujeitos, é o sistema de trocas, que nunca se restringe apenas às trocas de bens, ou seja, as trocas econômicas. Classicamente, como nos ensinaram os sociólogos e antropólogos, os povos se organizam em torno de três formas relacionadas de trocas: troca de bens (economia), trocas de mulheres (relações de parentesco) e troca de palavras (lei simbólica). Podemos supor que a primazia da troca de bens, desconectada das duas outras, produz efeitos desorganizadores dos discursos sociais, ou seja, provoca patologias no laço social, com efeitos psíquicos salientes. Em razão disso, podemos levantar a hipótese de que a condição pós-moderna tem uma nova economia psíquica correlata, que poderia ser caracterizada em uma frase: o imperativo de gozar a qualquer preço, não importa qual, mesmo que seja ao preço do outro.

⁴³ Gabriel Balbo e Jean Bergès. *Psicose, autismo e falha cognitiva na criança*. Porto Alegre, CMC, 2003. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - A cura pela palavra prenuncia a queda da visão teocêntrica de mundo. Qual é a posição da psicanálise na sociedade antropocêntrica em que vivemos?

Mario Fleig – Freud contribuiu e acompanhou de perto o surgimento de quatro grandes inovações do final do século XIX: a descoberta do poder anestésico da cocaína, precursor dos psicofármacos; o nascimento da neurologia; o uso científico do poder da sugestão; e o tratamento psicanalítico. Ele abandonou a cocaína pelo amor (casou-se com Martha), deixando os méritos das descobertas subsequentes para seus colegas; tomou progressiva distância da neurologia (nunca quis retomar seu importante esboço escrito no final de 1895 – *Projeto para uma psicologia científica*); abandonou o uso da hipnose como técnica de tratamento psíquico (Freud teria feito fortuna se tivesse se dedicado a elaborar uma psicologia de auto-ajuda, visto que chegou a decifrar a lógica da sugestão); em contrapartida, dedicou-se ao mais demorado e mais difícil: o tratamento pela fala do analisante.

Esta escolha de Freud indica que nunca aceitou submeter-se às leis locais (estaria seria a posição tomada pelo nazismo, que obedeciam apenas as leis da raça pura, recusando qualquer princípio do direito situado acima de cada povo), o que seria cair em uma posição antropocêntrica (entendida aqui pelo princípio de que o homem seria a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são, como enunciou Protágoras⁴⁴). Pelo contrário, requer a

⁴⁴ **Protágoras de Abdera** (480 a. C. – 410 a. C.): filósofo nascido em Abdera, foi quem cunhou a frase "o homem é a medida de todas as coisas", tendo como base para isso o pensamento de Heráclito. Assim como Sócrates, Protágoras foi acusado de ateísmo (tendo inclusive livros seus queimados em praça pública), motivo pelo qual fugiu de Atenas, estabelecendo-se na Sicília, onde morreu aos setenta anos. Um dos diálogos platônicos tem como título *Protágoras*, onde é

mediação da fala na relação com o semelhante é contar com a operação da lei organiza a circulação e a troca. Assim poderíamos interpretar a postulação de Freud de que todos os problemas dos seres humanos têm uma relação com o pai. Isso não impedia Freud de ser uma crítica contundente das religiões.

Lacan e a categoria do Outro

Talvez Lacan tenha nos ajudado a esclarecer esta questão, lembrando que a crítica freudiana se endereça à religião, não tendo efetivamente se ocupado da teologia. Uma das formulações originais de Lacan é a categoria do Outro, que designa um lugar vazio, mas também potencialmente todo elemento da linguagem que possa se inserir na enunciação e dar a ouvir o que diz respeito a uma outra coisa, ao inconsciente. Ora, isso é uma leitura da estrutura formal da mais genuína teologia trinitária de Santo Agostinho⁴⁵. A psicanálise freudiana, calcada na ciência moderna, promove a crítica desta, na medida que ela opera a exclusão do sujeito da enunciação de seu campo (a subjetividade perturba o bom funcionamento da ciência). Por estranho que pareça, a psicanálise é uma ciência moderna que propõe a reintrodução do sujeito da enunciação no cerne de seu procedimento. Ora, nas práticas sociais vigentes na modernidade, sempre foram as grandes tradições religiosas sempre mantiveram o exercício da fala engajada, apostando no compromisso da palavra empenhada. E é precisamente desse elemento nada científico dessas tradições que Freud faz uso em sua

exposto um diálogo de Sócrates com o Sofista. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

descoberta. Por isso podemos afirmar que Freud, como o reconhece Lacan, reintroduz no campo da ciência o

sujeito da enunciação, que dali havia sido banido.

Destaques da semana

Entrevista da Semana	pg. 38
Teologia Pública	pg. 42
Memória	pg. 46
Deu nos Jornais	pg. 56
Frases da Semana	pg. 58
Destaques on-line	pg. 59

Entrevista da Semana

Ninguém será o mesmo depois do sertão

Entrevista com Márcia Marques de Moraes

Dando continuidade ao tema de capa da edição 178 da *IHU On-Line* sobre o livro *Grande Sertão: Veredas*, entrevistamos por telefone a Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, Márcia Marques de Moraes.

Nesta entrevista, a professora falou das angústias de Riobaldo, da linguagem do livro e respondeu à pergunta sobre o significado do sertão. Márcia já leu a obra 17 vezes e acredita que a grande protagonista da obra roseana é a linguagem. Márcia é professora Universitária de Língua Portuguesa, Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, nos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado em Letras, desde 1972, na PUC Minas. Já publicou os livros *A travessia dos fantasmas. Literatura e psicanálise em "Grande sertão: veredas"*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001; *Língua, literatura e realidade*, coleção didática de 2 volumes para as duas séries do ensino médio e manual do professor, em co-autoria, Editora Vigília, 1991; *Comunicação, expressão e criatividade no português*, coleção didática de quatro volumes para as 4 últimas séries do ensino básico e manual do professor, em co-autoria, Editora do Brasil, 1974. Sobre este tema o Instituto Humanitas Unisinos está realizando o **Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas**. O evento vai até 25 de maio. Maiores informações podem ser obtidas no sítio www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Sua tese é chamada "A travessia dos fantasmas: representações da subjetividade em Grande Sertão: veredas". O que e quais são essas representações?

Márcia Marques de Moraes - Eu procuro mostrar como se constrói a subjetividade do narrador Riobaldo em função das suas origens, respondendo ao grande enigma que é: quem sou. Faço o trajeto do Riobaldo, com base na análise do discurso dele, pelo sertão até ele inscrever-se com individualidade, como sujeito. Como essa subjetividade

o atormenta muito, essa sua origem bastarda, a pergunta sobre seu passado, também o atormenta, embora ele não esteja, visivelmente, perguntando sobre isso para o interlocutor (no enunciado ele está falando sobre o demônio, sobre a jagunçagem e sobre a perplexidade de ter conhecido Diadorim). Temos uma visão de que existe alguma coisa que o atormenta e que é dita por outras vias, inclusive por uma desordem do discurso. Então percebi uma estranheza no meio do romance. Aliás, o meio do romance é um lugar muito importante na literatura roseana. Percebi a

estranheza exatamente no meio do romance num episódio em que o bando está descansando depois do julgamento do Zé Bebelo. Neste lugar, Riobaldo diz que seus destinos foram fechados, percebemos um clima fantasmático e, logo depois ele afirma que atravessou seus fantasmas. O título *A travessia dos fantasmas* se baseia numa expressão do Riobaldo. Outra coisa que causa estranheza é a desordem que vem marcando a narrativa até então. Riobaldo diz: “...meus destinos foram fechados. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim de amor mesmo...” e aí ficamos procurando o segundo, e o segundo é muito despistado como tudo na literatura roseana. Ele fala “...segundo paramos naquele lugar...” quer dizer não é um segundo ordinal é um segundo usado como se fosse uma conjunção. Tudo é muito simbólico no livro.

***IHU On-Line* - Como se misturam literatura e psicanálise na obra Grande Sertão?**

Márcia Marques de Moraes - Nessa minha leitura, que é uma “leiturazinha” no meio de um manancial de leituras importantes, eu vi nessa travessia exatamente a travessia dos dois fantasmas que são importantes de serem atravessados: a relação incestuosa e o parricídio. O livro assumirá um tom mais cronológico a partir do meio, todas as situações do começo do livro que são atropeladas vão tomando uma certa ordenação como se Riobaldo estivesse se constituindo em um societário nessa sociedade jagunça, o que vai lembrar a figura paterna. Ele já renegou o pai real, já se encontrou com Bebelo em que se espelhou bastante e está saindo em vingança de um pai simbólico, que é Joca Ramiro, Até se transformar em chefe do bando, quando ele se faz pai do bando. Embora seja um destino que foi sempre através de Diadorim (esse através está

contido no nome dela “o dia através di”), é o projeto de Riobaldo. Essa é uma questão que tem uma ligação profunda com a psicanálise. Sem contar outras questões como quando ele diz no início do livro para o interlocutor: “...olha, eu gosto de gente como o senhor que logo vem e vai embora...”. O interlocutor lembra muito a figura do psicanalista. Percebemos então que o discurso de Riobaldo é circular, quando ele termina, temos vontade de voltar ao principio. É um discurso muito semelhante ao da psicanálise, porque é uma tentativa pela linguagem de fazer alguns caminhos para encontrar respostas para alguns enigmas que persistem por toda a vida.

***IHU On-Line* - O personagem Riobaldo faz um relato sempre expondo suas inquietações filosóficas e de vida. As inquietações de Riobaldo, podem ser trazidas para os dias de hoje?**

Márcia Marques de Moraes - São as nossas inquietações como sujeitos. Todos nós passamos por isso. Então todas as obras literárias terão esse formato? Não. Na verdade não interessa para a literatura o que estamos falando, e sim como o autor expõe as questões. Como o autor estrutura essas questões, no caso de Rosa com uma linguagem absolutamente inovadora que faz certos sentidos serem mais fixados que outros. O Guimarães trabalha muito com a associação de idéias. Uma idéia recorrente em Riobaldo, por exemplo, é a dos pares, ele tem necessidade de formar pares.

***IHU On-Line* - Que elementos religiosos podemos encontrar no livro?**

Márcia Marques de Moraes - Existe um sincretismo muito grande, visto que é tudo muito misturado no livro:

gênero, linguagem... mas vemos que o Riobaldo é um homem religioso porque ele reza um terço e ele se vale de todas as religiões. Tem também o Quelemém de Goiás que é da doutrina de Kardec. Quando Diadorim morreu Zé Bebelo aconselhou que Riobaldo procurasse Quelemém. E se pensarmos bem, Quelemém lembra amém. Então, no livro como na realidade, há crentes, evangélicos, cristãos católicos, espíritas. Vemos que, na obra de Guimarães, a religiosidade também é muito misturada. Como em Riobaldo, em Diadorim também convergem as figuras de Deus e do diabo. A figura do anjo é Maria Deodorina que etimologicamente é dada a Deus e cujo apelido é Diadorim que é “dia” que vai lembrar “diabo”. Se pudéssemos resumir o livro em poucas palavras, diríamos que existe no tormento de Riobaldo a necessidade de se livrar das categorias antagônicas, maniqueístas onde uma coisa é ou não é, lembrando Shakespeare, e que Riobaldo vai responder “tudo é e não é”.

IHU On-Line - Como a senhora classifica a estrutura do romance e qual a diferença crucial para outras estruturas de romances daquela época?

Márcia Marques de Moraes - O romance foi uma grande inovação de estrutura e linguagem. Eu acho que tem antes e depois do *Grande Sertão*. Guimarães coloca um monólogo interior, num diálogo virtual em que Riobaldo fala com um interlocutor que não aparece. Guimarães tece uma estrutura que é ímpar. Esse interlocutor pode ser qualquer um, pode ser tanta gente, nós leitores, o psicanalista, pode ser o próprio Guimarães visto que existem hábitos dele inscritos. O livro foi um soco na boca do estômago, foi uma grande novidade em todos os

níveis da literatura. Inclusive corresponde em muitos momentos ao livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

IHU On-Line - Que aspectos devemos ter em mente na leitura de o Grande Sertão?

Márcia Marques de Moraes - Hoje é muito mais fácil ler o livro. Se o livro for lido em voz alta ganha ritmo. Claro que devemos levar em conta que o livro tem algumas particularidades mineiras também. A pessoa que for ler o *Grande Sertão* deve saber das inúmeras dificuldades da obra e prestar muita atenção, não ficar olhando dicionário toda a hora, deixar-se embalar pelas palavras. Ler em voz alta, porque o livro tem ritmo. Hoje é mais fácil ler *Grande Sertão* devido a tantos estudos.

IHU On-Line - O título da obra chamou muita atenção da crítica, por quê?

Márcia Marques de Moraes - Grande sertão dois pontos, veredas. Neste começo já existe a quebra de categorias cartesianas. É um grande sertão, é abstrato, tem um adjetivo, está no singular, dois pontos e vem uma explicação que é veredas. É mais concreto, como se, para adentrar um grande sertão, tivéssemos que contar com as veredas.

IHU On-Line - Segundo a senhora existem dois tipos de leitor. Quais são?

Márcia Marques de Moraes - Um leitor mais ingênuo que apenas que saber da história e fica muito vidrado no fato de Diadorim ser uma mulher, e isso não é o mais importante. E existe o leitor mais especializado que tem o dever de tentar fazer circular o conhecimento acerca da leitura. Temos o dever de mostrar o caminho e desvendar os enigmas da obra.

Devemos mostrar que ninguém será mais o mesmo depois de ter lido *Grande Sertão*.

***IHU On-Line* - Dentre os vários aforismos do livro como "viver é muito perigoso", "deus é paciência", existe algum que traduza as idéias do livro?**

Márcia Marques de Moraes - Para mim é aquele bem simples: "tudo é e não é".

***IHU On-Line* - Afinal o que é o sertão?**

Márcia Marques de Moraes - O sertão é o sertão geográfico no livro. Guimarães pega o norte de Minas, o sul da Bahia e o oeste de Goiás, assim delineando o mapa. Também é o sertão interior, é o tão ser, aquilo que buscamos dentro de nós para responder àquelas perguntas que fazemos o tempo inteiro: nossa perplexidade para nos construirmos como sujeitos.

Teologia Pública

A relação entre a teologia cristã e o pluralismo cultural

Por Rosino Gibellini

Rosino Gibellini, teólogo italiano comenta o livro de David Tracy publicado pela Editora Unisinos

A obra *A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo*, de David Tracy, publicada em português pela Editora Unisinos neste ano, é o tema do artigo que segue, elaborado pelo teólogo italiano Rosino Gibellini, especialmente para a *IHU On-Line*. No texto, ele comenta a importância da obra, cujo título original, é *The Analogical Imagination. Christian Theology and Culture of Pluralism*.

O livro de D. Tracy foi publicado na coleção **Theologia Pública** da Editora Unisinos.

Rosino Gibellini, doutor em Teologia e Filosofia, dirige as coleções *Giornale di Teologia e Biblioteca de teologia contemporânea* da Editora Queriniana, de Brescia, Itália. O estudioso é autor, entre outros livros, de *A teologia do século XX* São Paulo: Loyola, 1998 e organizador de *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida: Santuário / Vale Livros, 2005. Ele já concedeu várias entrevistas para a revista *IHU On-Line*, disponíveis na página www.unisinos.br/ihu.

Confira a íntegra do artigo, que foi publicado, originalmente, nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 03 de maio no sítio www.unisinos.br/ihu.

David Tracy é um dos teólogos mais representativos da teologia norte-americana e internacional. A sua teologia poderia ser definida como uma teologia pública, porque é ciente de que o discurso teológico tem como interlocutores não somente a comunidade eclesial, mas também a academia (como complexo das ciências) e a sociedade.

Discípulo do teólogo canadense Lonergan, tem muito clara a importância do método na teologia, e o método escolhido por Tracy é o da co-relação, já ilustrado e praticado por Tillich na sua teologia sistemática. Após o desenvolvimento lingüístico, contudo, o método da co-relação deve ser revisto em perspectiva hermenêutica: aqui os filósofos que inspiram o seu pensamento

são Gadamer e Ricoeur (este último foi docente na Universidade de Chicago e colega de Tracy). A Chicago School foi, nas últimas décadas, o principal centro de estudos hermenêuticos. Ela se diferencia da Yale School, que inclui teólogos como Frey e Lindbeck, e pratica a intratextualidade, que se contrapõe claramente à co-relação, na versão de Tillich e na revisão de Tracy. A Yale School persegue a identidade cristã no pluralismo da conversação humana; a Chicago School, da qual Tracy é um representante, pratica a teologia como diálogo e como conversação no pluralismo da cultura.

A obra principal de Tracy é *The Analogical Imagination* (Nova Iorque, 1981), que não é, como se pode ver, uma obra muito recente, mas mantém o seu valor metodológico e de conteúdo, enquanto coloca em questão a relação entre a teologia cristã e o pluralismo da cultura. Uma teologia simplesmente tradicional aceita a autoridade da tradição e tende a repeti-la. Entretanto, a repetição não é autêntica "tradição". Uma teologia ideológica realiza interpretação, mediação, tradução do significado e da verdade da tradição. É fiel à tradição sem ser autoritária; realiza uma mediação entre passado e presente, mas o passado serve para iluminar o presente e orientar em direção ao futuro; opera entre duas polaridades, a polaridade da tradição e a polaridade da complexa situação cultural na qual vivemos.

A teologia como diálogo e como conversação pratica a interpretação.

Tracy escreve em seu ensaio:

"A interpretação não é uma questão menor. Toda vez que agimos, deliberamos, julgamos, compreendemos ou até mesmo fazemos experiência, nós interpretamos. Compreender é interpretar".

Tracy, definitivamente, apresenta uma

"teoria dos clássicos". A interpretação toma como tema os clássicos, os grandes textos da tradição cristã, com base na bíblia no contexto da biblioteca da humanidade. Os clássicos têm uma reserva de sentido para todos, como demonstra o seu contínuo retorno e, portanto, a sua atualidade, marcada também pela história das interpretações que é própria dos textos clássicos.

"Compreender é interpretar. Interpretar é conversar. Conversar com um texto clássico é encontrar a si mesmo face a questões e respostas dignas de um espírito livre".

Tracy substancialmente se pergunta sobre qual seria uma teologia no tempo do pluralismo da cultura. Se a situação se torna complexa, a teologia realiza a estratégia de compreender a complexidade, que se chama interpretação, diálogo, conversação, para dizer o evento de Cristo na situação plural do nosso tempo. É uma estratégia pluralista, que dá espaço a outras histórias, que a narrativa ocidental havia marginalizado como a história dos pobres e dos oprimidos, da escravidão e dos negros, das mulheres, mas voltam a emergir no tempo do pluralismo da cultura. Por isso, a importância reconhecida dos clássicos da biblioteca da humanidade, e, entre estes, dos clássicos das religiões, que põem em questão a realidade última.

Nesta rede de co-relações, Tracy propõe proceder com "imaginação analógica", que sabe colher nos textos e nas histórias narradas nos textos as semelhanças e as desigualdades, as "semelhanças-na-diferença", tomando as diferenças como novas possibilidades de compreensão e de ação. Não se trata de dar lugar a um pluralismo preguiçoso, mas a uma exigente conversação guiada pela imaginação analógica, que sabe colher os fragmentos, além de totalidades ilusórias, como Tracy se expressa no ensaio *Forma e Fragmento*, inserido no livro

Perspectivas Teológicas para o Século XXI, Aparecida: Santuário/Vale Livros, 2005, que antecipa o seu grande livro em

preparação sobre o retorno de Deus no tempo da pós-modernidade.

A imaginação analógica da teologia cristã

Entrevista com David Tracy

O professor David Tracy, doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos é autor do livro *The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism*, de 1981. Este livro foi traduzido e publicado com o título *A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo, São Leopoldo*: Editora Unisinos, 2006, na coleção Theologia Publica. E é sobre ele que *IHU On-Line* propôs uma breve entrevista por e-mail ao autor.

Tracy ministrou uma conferência no Simpósio *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, em 2004. Entre seus livros publicados, também citamos *Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology* (1975); e *Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope* (com tradução em francês, em alemão, em espanhol e em chinês) (1987).

A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU no dia 5/05/2006.

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco sobre a sua trajetória teológica?

David Tracy - Eu tenho tido interesse, como teólogo, em afirmar o pluralismo da cristandade, além do interesse em relação a religiões e movimentos seculares em nosso mundo multicultural e globalizado em constante crescimento.

IHU On-Line - Como o senhor chegou ao tema do livro? Quais eram suas preocupações?

David Tracy - Naquele momento, eu estava trabalhando em teoria hermenêutica, em parte como resultado de conversas com Gadamer e

lecionando com Paul Ricoeur na Universidade de Chicago. Eu estava convencido de que a teologia precisava se voltar para a hermenêutica. A minha própria maneira de me voltar a ela eu chamei de “imaginação analógica”, principalmente em homenagem às tradições hermenêutica e analógica na teologia católica através dos séculos.

IHU On-Line - Pode explicar um pouco os conceitos de apocalíptica e apofatismo?

David Tracy - Hoje em dia, apocalipse se refere largamente a uma leitura da história como não contínua, mas profundamente rompida e, algumas

vezes, catastrófica. Daí o ditado: quando a profecia falha, o apocalipse toma conta. Assim como o apocalipse está largamente relacionado à questão histórica, a tradição apofática⁴⁶ está largamente relacionada à questão da linguagem, especificamente linguagens místicas para nomear Deus.

IHU On-Line - Em que consiste a Segunda Vinda? Qual é a sua importância para a teologia, hoje?

David Tracy - A Segunda Vinda foi ignorada no último século por teólogos progressivos como Rahner, Bultmann, e meu próprio trabalho anterior. De fato, a Segunda Vinda, que é um símbolo central do Novo Testamento, foi literalizada e tomada/usurpada por formas fundamentalistas do pensamento cristão. Eu concordo com Reinhold Niebuhr quando ele diz que muitos símbolos religiosos devem ser considerados seriamente, mas não literalmente. A Segunda Vinda é como um símbolo – não deve ser literalizada. Ela deve ser levada a sério como um lembrete do fato de que a história (como nossas vidas individuais) pode terminar a qualquer momento e que Deus nos espera.

IHU On-Line - O que significa, no início do século XXI, rezar: "Vem Senhor Jesus, vem!"?

David Tracy - Em primeiro lugar, estas palavras são cruciais para os cristãos como as palavras finais da bíblia. Segundo, elas lembram os cristãos de que ainda há uma característica messiânica para a cristandade: o paradoxo é que Cristo esteve entre nós, mas nós ainda esperamos pela sua volta. Cristãos frequentemente tornam-se

⁴⁶ A teologia apofática é uma das duas linhas da teologia mística e é conhecida também como "a via da negação", uma teologia que fala de Deus de modo negatio, considerando que é mais honesto falar de Deus pelo que ele não é do que pelo que ele é, como, por exemplo, compreendendo que Deus é invisível, que não pode ser compreendido pela lógica humana. (fonte: <www.ecclesia.com.br>) (Nota do tradutor).

triumfalistas por lembrar somente da primeira vinda e esquecem da promessa e ameaça da Segunda Vinda de Cristo para os próprios cristãos.

IHU On-Line - Por quais caminhos anda hoje a teologia nos EUA? Quais as grandes correntes teológicas mais aprofundadas?

David Tracy - Hoje, nos Estados Unidos, a teologia possui várias formas. Entre elas se destacam: a feminista, a *womanist*⁴⁷ (feminismo negro), a *mujerista* (feminismo latino), teologias afro-americanas, teologias hispânicas e outras formas que são chamadas (por mim e por outros) de teologia pública – é a teologia que leva a sério suas responsabilidades aos públicos livres: uma sociedade ampla e sua luta por justiça, a igreja e a academia. Todos os três públicos necessitam de séria atenção da teologia.

IHU On-Line - Da sua passagem pelo Brasil com seu irmão, o que lhe ficou mais na memória? O que mais lhe impressionou positiva e negativamente?

David Tracy - Eu fui (co)movido profundamente, às vezes até oprimido pela cultura brasileira - sua criatividade multicultural e multiétnica combinadas com os problemas (especialmente econômicos) que ainda afligem grandes segmentos da sociedade brasileira. Eu viajei muito pelo mundo, mas raramente fiquei tão impressionado quanto pela cultura brasileira nas suas várias formas. Eu fiquei especialmente impressionado pelo trabalho da minha amiga e antiga aluna Kathleen Halvey e de seus vários colegas no centro para vítimas de tortura, em Manaus.

⁴⁷ *Womanist* é originado do próprio inglês "mulher"; *mujerista* vem do espanhol *mujer* (também "mulher" em português). (Nota do tradutor)

John Galbraith, o gênio que não amava as elites. O economista morreu aos 97 anos

Por Giorgio Ruffolo

Giorgio Ruffolo, economista italiano, trabalhou na Organização para a Cooperação Econômica Européia – OCSE – e na ENI, juntamente com Enrico Mattei. Foi ministro italiano do Ambiente, deputado no Parlamento Europeu e fundador, em 1986, da prestigiosa revista italiana **Micromega**. É autor de vários livros de economia. O artigo abaixo foi publicado no jornal italiano **Repubblica**, 1º de maio de 2006.

Um indivíduo que tem as pernas demasiado longas, como o famoso Daddy Longlegs, e é demasiado alto, sente-se incômodo e não raro incomoda os outros. Era assim o caso de John Kenneth Galbraith, da classe de 1908, altura 1,95, um dos gênios daquela que ele mesmo havia batizado, num dos seus muitos livros, de a idade da incerteza; afinal, foi um testemunho agudíssimo do nosso tempo.

Galbraith morreu anteontem [no dia 29/04/2006] em Boston. De ser tão alto e de pernas tão longas talvez derivasse a sua típica tendência à inquietude e à provocação. Não podendo passar despercebido, Galbraith fez de tudo para que isso valesse a pena. Talvez fosse também, na sua “diversidade”, a sua raiz de duplo imigrado, de família de origem escocesa e de nascimento canadense. Por toda a vida, não escondeu a sua simpatia pelos imigrados. Também dali nasce aquela que ele próprio chamava de “a irrefreável tendência a situar-se contra toda elite que se compraz de si”: “jamais aliar-se a ela e jamais perder uma ocasião legítima de contrariá-la, ou,

se possível, de fazê-la enfurecer-se”. O que vem a ser o *establishment* para Galbraith? Aquilo que tinha sido para, ao qual por muitos aspectos Galbraith se assemelhava, um outro provocador, um outro imigrado, um outro “camponês”, Thorstein Veblen⁴⁸. *Establishment*, “os pomposos clichês dos quadros da indústria, a completa segurança de certos vagos discursos de aventureirismo militar, os mais admirados lugares comuns da política externa”. E, naturalmente, a ortodoxia econômica.

⁴⁸ **Thorstein Veblen (1857–1929)**: economista e sociólogo estadunidense filho de imigrantes noruegueses. Veblen se formou em filosofia pela Universidade de Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Suas principais obras são *The Theory of the Leisure Class* (1899), *The Instinct of Workmanship* (1914), *Imperial Germany and the Industrial Revolution* (1915), *The Higher Learning in America* (1918), *Absentee Ownership* (1923), e vários ensaios. Sua principal obra econômica é *The Theory of Business Enterprise* (1904) O *Cadernos IHU Idéias*, nº. 42, publicou o artigo *Veblen e o Comportamento Humano: Uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”*, do Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério. A publicação está disponível no sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Este complexo, esta síndrome conservadora, Galbraith a carimbou com um dos seus oxímoros mais famosos: a sabedoria convencional. “Eu procurava”, contava-nos ele, “alguma coisa que expressasse aquela constante troca de idéias vazias e solenes que é tão comum entre os personagens importantes e presuntuosos”.

Galbraith, Genio e política

O grande economista morreu em Boston. Tinha 97anos. Foi conselheiro de Roosevelt⁴⁹ e Kennedy⁵⁰. Vinha de uma família de imigrantes. E dali também nasceu a idéia de enfileirar-se contra qualquer elite complacente de si. No centro de sua vida, existiu o interesse público cuja tutela não queria que fosse deixada ao livre jogo dos interesses particulares. Seus empenhos eram ocupação, luta contra o nazismo e contra a ameaça nuclear. Está entre os primeiros que previu a necessidade de proteção ambiental.

De resto, fazia parte da sua técnica polêmica o uso de expressões de irreverente deferência. Aquelas que mais ridicularizam a gente. Entre estas, por exemplo, as paródias das metáforas banais da sabedoria convencional: como aquela, insuperável, da empresa América (irmã mais velha da nossa empresa Itália), particularmente cara ao pensamento gerencial, porque intencionada a instilar nos cérebros débeis a equivalência entre o *business* e a democracia. Alguém tivera a idéia de

⁴⁹ **Franklin Delano Roosevelt** (1882-1945): 32º presidente dos Estados Unidos (1933-1945), o único a ser eleito mais de duas vezes presidente. É considerada uma das figuras centrais da história do século XX. Foi um dos presidentes mais populares da história americana, tendo retirado a nação da grande depressão de 1930. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ **John Fitzgerald Kennedy** (1917-1963): foi um político estadunidense e o 35º presidente de seu país (EUA). (Nota da *IHU On-Line*)

elaborá-la numa espécie de parábola hagiográfica: os Estados Unidos como sociedade por ações, o presidente como administrador delegado, os cidadãos como acionistas, o Congresso como conselho de administração, os ministros como gerentes (somente os operários continuavam operários). Galbraith enviou o artigo a Kennedy, explicando-lhe que o povo americano cometera o erro imperdoável de eleger presidente a ele, como também seu pai, o grande negociante: talvez não fosse demasiado tarde para mudar. Kennedy se divertiu e direcionou a carta ao autor da metáfora, que não ficou feliz.

Não é que ela não lhe fosse restituída esta sua agressividade. O *establishment* lhe retribuía com sua própria moeda. O epíteto mais difundido era aquele de filho bastardo de uma p. Uma grande senhora à qual Galbraith foi apresentado durante uma recepção fingiu não entender o seu nome, fez que o repetisse, depois disse: “Deve ser embaraçoso para o senhor andar por aí com esse nome. Assemelha-se àquele daquele grande filho da p. que trabalha para Kennedy”.

Como grande economista, título que merece plenamente, gozou amplamente da inveja dos seus colegas: por sua notoriedade e seus livros, traduzidos em todo o mundo, que são vendidos em centenas de milhares de cópias e pelo seu sucesso político e mundano. A arrogância do *establishment* se manifestou sob a forma de “débito de divulgação”: como se o escrever bem e claro e para um amplo público seja um ultraje para a ciência e uma ameaça para as instituições. Foi divulgador do pensamento keynesiano na América. Função que ele certamente desenvolveu; mas, que estava longe de exaurir em sua contribuição à ciência econômica. Aquela contribuição é característica da “destruição criadora”, para usar a

expressão de Joseph Schumpeter⁵¹, um outro grande excêntrico que ele encontrou em Harvard: destruição de mitos venerandos, criação de novas idéias. O mito da concorrência perfeita, por exemplo, miríades de pequenas empresas fervilhando no formigueiro operoso do livre mercado, onde o interesse individual de cada um concorre com o melhor resultado de todos. Galbraith, ao invés, via diante de si um mundo de divisões encouraçadas, de tecnoestruturas, de preços monopolistas, de mercados “cativos”, tendentes a revolver permanentemente o formigueiro, ou a pacificá-lo, repartindo-o em esferas de influência. A resposta liberal tradicional àquela deformação do jogo era constituída, na América, pelas épicas batalhas do antitruste, dirigida a reprimatizar as regras do jogo do desarmamento dos colossos. Segundo Galbraith, aquelas batalhas “litúrgicas” eram combatidas com espadas de cartas: “Eram o extremo triunfo da esperança sobre a experiência”. A resposta que ele reavivou no novo jogo era o “poder compensador”. Inútil tentar fragmentar os poderes existentes. O antídoto era constituído pelos novos poderes que o mesmo processo de concentração industrial suscitava: os sindicatos, as organizações dos agricultores, as cooperativas dos consumidores. A idéia foi considerada subversiva do capitalismo e da democracia. No entanto, como o próprio Galbraith reconheceu, era apenas fraca. Os grupos mais débeis não conseguiram jamais compensar os mais fortes. Ocorre, pois, um poder compensador superior.

⁵¹ **Joseph Alois Schumpeter** (1883 -1950): um dos mais importantes economistas do século XX. Nasceu no império Austro-Húngaro, atual República Checa, foi um entusiasta da integração da sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas. O *Cadernos IHU Idéias*, nº. 47, publicou o artigo *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter*, do Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa. A publicação está disponível no sítio www.unisinos.br/ihu (Nota do *IHU On-Line*)

O mito da soberania do consumidor. Quando as necessidades mais naturais e urgentes são satisfeitas, os consumidores perdem o controle de sua demanda, que é manipulada pelos produtores, principalmente por meio da publicidade. Ocorre, então, que a riqueza crescente seja retida artificialmente na esfera das necessidades privadas, sempre mais fúteis e mutáveis, enquanto as grandes necessidades públicas: a educação, as infra-estruturas, a saúde, a beleza são descuidadas. Assim, a opulência privada se instala na miséria pública. O mito da santa produção. Muito rapidamente Galbraith prevê, em tempos nos quais uma política ambiental teria parecido uma brincadeira de gosto dúbio, “a nossa economia começará a preocupar-se, mais do que com a quantidade dos bens produzidos (assinalada pelo índice de aumento do produto nacional bruto), com a qualidade da vida no planeta, ameaçada por aquele aumento”. Era preciso pensar “na proteção do ambiente e nos serviços públicos e sociais, dos quais havia necessidade cada vez maior”.

Como economista, Galbraith não era, por certo, um “puro”. Contaminou-se com a política e com a administração, ficou plenamente envolvido, como protagonista. Nascera propriamente como economista congênito, *expert* em problemas agrícolas, e a sua grande experiência em fertilizantes, pecuária, rotações, hibridações, mecanizações, lhe conferiu uma experiência prática de primeira qualidade, que fez frutificar não só no ensino universitário, mas como *expert* da administração, na defesa da agricultura americana e do sistema dos preços administrados.

Estabelecido definitivamente nos Estados Unidos e tendo atravessado cinco Universidades: Guelph, Princeton, Berkeley, Harvard, Cambridge, não se deixou jamais capturar definitivamente pelo ensino. Roosevelt foi o seu primeiro

amor e o partido democrata um matrimônio jamais dissolvido. Foi na administração do New Deal que, ainda jovem, atingiu rapidamente um nível de poder jamais atingido desde então. Durante a Segunda Guerra Mundial, tratava-se de esconjurar o risco econômico mais grave, o da inflação. Galbraith, que se distinguira na universidade como especialista dos preços agrícolas, foi posto ao lado do Albert Speer do New Deal, Leon Henderson, na chefia da nova administração dos preços. Por alguns anos, foi o czar dos preços americanos, uma espécie de Colbert de além-Atlântico, uma posição peculiar na república estrelada. No país do mercado livre, o mercado livre foi de fato suspenso, mas o esforço não podia ser prolongado por muito tempo. O capitalismo incluído, os agricultores, os industriais, os comerciantes mordiam o freio. Nos jornais, multiplicavam-se os títulos: Galbraith deve ir embora.

Se existiu um animal político, um que tinha a política no sangue, que a vivia apaixonadamente, mas sem jamais praticá-la profissionalmente, esse foi Galbraith. A paixão pela política lhe era congênita. “Era natural desde o nascimento que em nosso meio, no Ontário, se nascesse conservador ou liberal, de direito ou de esquerda”. Ele tinha nascido de esquerda: com uma carga de agressividade de origem paterna. Seu pai o levava aos comícios quando tinha apenas dez anos. Subia no depósito de estrume de qualquer fazenda e se escusava de falar “da plataforma dos conservadores”. Galbraith participou das campanhas eleitorais de cinco candidatos à presidência. Somente dois foram eleitos, mas que Presidentes! Roosevelt e Kennedy! Mergulhou na vida do Partido Democrata como militante, como recolhedor de fundos, como protagonista, como *ghostwriter* [escritor fantasma]. Nas galerias dos grandes economistas, é o único que “contaminou” de modo tão empenhativo

e tão moralmente cristalino. *Commitment*, empenho era uma das suas palavras preferidas. Àquele empenho civil não sacrificava a riqueza de sua vida privada, o amor por sua Kitty e pelos filhos, sua prodigiosa obsessão de viagens pelo mundo, o gosto de contar, numa prosa brilhante e incisiva, o “capricho” de medir-se com a arte, como grande *expert* de pintura indiana, e com a literatura (um romance, uma comédia). Desempenhou também de modo impecável o cargo de embaixador, na Índia, executando tarefas delicadíssimas em momentos decisivos e de emergência (como a breve guerra de fronteira do Himalaia). Bateu-se sem descanso e sem medo contra a “louca estupidez” do Vietnã.

Commitment é também e, sobretudo para Galbraith, o empenho pelas causa do interesse público. Isso, em toda a sua vida e sua obra, é o princípio deontológico máximo da política democrática: a superioridade do interesse público sobre interesses particulares. Isso não pode ser deixado ao livre “jogo” destes, mas deve ser confiado a uma liderança iluminada. O líder democrático deve procurar o consenso, não se rebaixando aos humores instintivos da massa, mas suscitando nela a necessidade de ideais. O líder democrático não é amado porque é um de nós, mas porque é alguém melhor do que nós; não porque podemos nos espelhar nele, mas porque podemos respeitá-lo. Nisso está a natureza aristocrática da democracia.

Volta e meia o interesse público se identifica com uma causa proeminente. No século de Galbraith, três causas mereceram este título: a luta contra a desocupação, e em seguida aquela contra o fascismo e, enfim, a prevenção do holocausto nuclear. Em todas as três, Galbraith desenvolveu uma posição de primeiro plano. A batalha nestes *fronts* foi freada, desviada, dificultada pelo *establishment* político para cobertura de

interesses que não tem nada a ver com a liberdade.

Hoje aquela ameaça está esconjurada. A defesa daqueles interesses já não tem álibi, tornou-se explícita e insolente

ideologia da riqueza e do sucesso privado. O alcance da ameaça se reduziu. O horizonte, contudo, dos ideais se restringiu. Sente-se a falta e a necessidade de alguém com as pernas um pouco mais longas.

Uma política de intervenção estatal para os problemas econômicos e sociais

Entrevista com Roberto Camps Moraes

John Kenneth Galbraith, o professor de Harvard que ganhou renome mundial como economista liberal, político de bastidores e cronista da sociedade, morreu aos 97 anos de causa natural. Defensor da idéia de que o governo deveria intervir para resolver problemas sociais, é um dos responsáveis pelo welfare state. Foi assessor de presidentes democratas desde Franklin D. Roosevelt a Bill Clinton e embaixador no governo de John F. Kennedy na Índia. Galbraith também desenvolveu a teoria das forças sociais compensatórias, segundo a qual os sindicatos e outros grupos são necessários para alcançar o equilíbrio político e social.

Para falar sobre a importância de Galbraith no cenário econômico mundial entrevistamos o professor doutor Roberto Camps Moraes. Moraes é mestre e doutor em Economia, ambos pela Vanderbilt University, dos Estados Unidos e professor no curso de Ciências Econômicas na Unisinos.

IHU On-Line - Qual é a principal contribuição de John Kenneth Galbraith?

Roberto Moraes - A meu ver, a maior contribuição de JKG foi, sem dúvida, o livro *The New Industrial State*, 1976 (*O novo estado industrial*, 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1977). Para ele próprio, esta e *The Affluent Society*, 1958 (*A sociedade afluyente*, 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1987), a sua obra mais famosa, foram as suas mais importantes. Ele também foi autor de *American Capitalism*, 1952 (GALBRAITH, John Kenneth; ESTAPÉ, Fabián. *Capitalismo americano* : *el*

concepto del poder compensador, 4. ed. Barcelona: Ariel, 1968), *Economics and the Public Purpose*, 1973 (*A economia e o interesse público*, 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1988), *A Short History of Financial Euphoria*, 1990 (*Uma breve história da euforia financeira*, 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1992) e *The Age of Uncertainty*, 1977 (*A era da incerteza*, São Paulo: Pioneira, 1979), uma série de televisão produzida pela BBC em 13 programas que gerou o livro do mesmo nome, descrevendo a história dos fatos

e das idéias econômicas. A visão geral de Galbraith quanto à economia e à sociedade era muito popular na época dos anos 1950 e 1960. Economista keynesiano e favorável a uma política de intervenção estatal para resolver os problemas econômicos e sociais, ele foi um guru intelectual da esquerda americana e do qu, no vocabulário político americano, se chama de “liberalismo” – em oposição à ideologia “conservadora”. Metodologicamente, ele era um institucionalista, na tradição americana fundada por Thornstein Veblen. Como professor de Harvard, ele sempre foi um dos mais populares e preferidos pelos seus estudantes. Ele também sempre foi um crítico da economia americana, concordando com muitas teses de origem marxista. Por exemplo, em *American Capitalism: The concept of countervailing power*, Galbraith previu que a economia americana seria gerida no futuro por um tripé formado pelas grandes empresas, pelos grandes sindicatos e por um grande governo intervencionista. Esta formação sistêmica dominante substituiria o excessivo poderio das elites econômicas do século XIX. Em *The Affluent Society*, Galbraith apresentou a sua idéia de que os governos americanos deveriam investir pesado em infraestrutura e educação, financiando-se com altos impostos. Ele criticava muito aqueles que se queixavam de altos impostos, sendo uma de suas frases históricas “É bem conhecido e um fato muito importante que os *founding fathers* não gostavam de taxaço sem representação. É um fato menos conhecido, mas igualmente importante que eles não gostavam de taxaço com representação”.

A tecnoburocracia

Galbraith foi, pela sua influência no governo Kennedy-Johnson (1960-68), um dos arquitetos intelectuais do *welfare state* construído pelos programas da “guerra contra a pobreza”

nesse governo. Ele criticava - em *The New Industrial State* - a visão de que a economia americana pudesse ser representada por modelos de concorrência perfeita, tendo argumentado que existia na verdade uma tecnoburocracia que apresentava muitas semelhanças com a então economia soviética e que ambas convergiam para um modelo de economia mista, caracterizada por problemas de ineficiência e gigantismo e onde os aspectos técnicos de gerência e gestão dominariam.

IHU On-Line - O que o autor entendia por «era da incerteza» ?

Roberto Moraes - Creio que esta formulação de Galbraith – a “era da incerteza” – foi cunhada para sublinhar a dimensão keynesiana da economia moderna no século XX. Por dimensão keynesiana eu me refiro ao fato de que todo e qualquer equilíbrio econômico depende das expectativas e que estas últimas são formadas, olhando-se para o futuro e que este contém elementos de risco e de incerteza, os quais exigem uma linguagem estocástica para estudá-los.

IHU On-Line - E como ele entendia o *establishment*?

Roberto Moraes - O *establishment* era constituído pelas elites das várias esferas relevantes da sociedade, e o seu pensamento, a *conventional wisdom*, formava o alvo preferido de suas críticas.

IHU On-Line - Quais considera suas principais limitações ?

Roberto Moraes - As suas principais limitações, assim como a sua singularidade, talvez possam ser depreendidas da seguinte piada que circulava no meio acadêmico : os economistas acham que Galbraith é um famoso sociólogo, e os sociólogos, que ele é um famoso economista. E, apesar de ele ser anunciado várias vezes no Brasil como ganhador do Prêmio Nobel de Economia, ele nunca o recebeu,

embora tenha sido eleito presidente da American Economic Association.

IHU On-Line - Podemos entender melhor a conjuntura latino-americana e brasileira a partir de Galbraith ?

Roberto Moraes - Infelizmente, os atuais governos esquerdistas da América Latina estão buscando imitar esta receita dos governos americanos no pós-guerra, transplantando-os para as suas políticas sociais. Estas políticas levaram a enormes custos nos EUA e foram completamente recicladas e modernizadas ao longo dos últimos anos. É esta nova geração de políticas

públicas que o Brasil e a América Latina deveriam estar implantando.

IHU On-Line - Gostaria de destacar algum outro aspecto do pensamento do autor ?

Roberto Moraes - Deixo aqui algumas citações históricas suas:

“Sob o capitalismo o homem explora o homem. Sob o comunismo é o contrário”.

“A teoria econômica é extremamente útil como forma para empregar economistas.”

“A política não é a arte do possível. Ela consiste em escolher entre o desastroso e o impalatável.”

Os desafios de Kurt Gödel

No dia 28 de abril aconteceu o centenário de nascimento do matemático filósofo Kurt Gödel (1906-1978).

Gödel foi um dos mais importantes matemáticos do século XX. Austríaco naturalizado americano, seu trabalho mais conhecido é o Teorema da Incompletude. Filho de um gerente de fábrica têxtil, em família, Kurt era conhecido por Der Herr Warum (Sr. Por quê?). Em 1923, concluiu, com louvor, o curso fundamental na escola alemã de Brünn e embora tivesse excelente talento para linguagens, ele se aprofundou em História e Matemática. Seu interesse pela Matemática aumentou em 1920, quando acompanhou Rudolf, seu irmão mais velho, que fora para Viena cursar a Escola de Medicina da Universidade de Viena (UV). Durante a adolescência, estudou Goethe, o Manual de Gabelsberger, a teoria das cores de Isaac Newton e as “Críticas” de Kant.

Piergiorgio Odifreddi, autor do artigo que traduzimos e publicamos, é um matemático italiano aficionado pela história da ciência. Formado na Universidade de Illinois e na Universidade da Califórnia é Ph.D em matemática pela Universidade de Turin. É professor visitante de lógica matemática nas Universidades de Novosibirsk, na Rússia ; Melbourne, na Austrália ; Pequim e Nanquim, na China ; e na Universidade de Cornell, nos EUA. Desde 2001 é professor na Universidade de Turim. É autor de vários livros, entre os quais

citamos La matematica del Novecento: dagli insiemì alla complessità. Torino :Einaudi, 2000. Contribui regularmente com a *Le Scienze* (edição italiana da Scientific American). Já escreveu para diversos jornais como la Repubblica, la Stampa e o L'Espresso. Segue o artigo vinculado originalmente no jornal italiano *Repubblica*, em 28 de abril de 2006.

Das intuições dos maiores filósofos, de Leibniz⁵² a Kant⁵³ e Wittgenstein⁵⁴, extraiu os seus teoremas fundamentais. É certamente o maior lógico desde os remotos tempos de Aristóteles e talvez o maior de sempre.

Faz alguns anos, quando o semanário *Time* escolheu os protagonistas do século vinte apenas encerrado, coroou como “matemático do século” Kurt Gödel: certamente o maior lógico desde os tempos de Aristóteles⁵⁵, e talvez o maior de sempre.

⁵² **Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716)**: filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ **Immanuel Kant (1724-1804)**: filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ **Ludwig Wittgenstein (1889-1951)**: filósofo analítico austríaco (Nota da *IHU On-Line*).

⁵⁵ **Aristóteles**(384 a C.–322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. (Nota da *IHU On-Line*)

Se tivesse desejado, também teria podido coroá-lo como “filósofo do século”, em vez de atribuir o título a Ludwig Wittgenstein (entre parênteses, um outro lógico): foi, de fato, o próprio Gödel a dizer, falando dos seus maiores resultados matemáticos, que estes descendiam diretamente das suas assunções filosóficas.

Há cem anos desde o seu nascimento, ocorrido em Brünn (município da Alemanha), aos 28 de abril de 1906, e celebrada, nestes dias, com congressos em todo o mundo, tem-se efetivamente a percepção de que o trabalho de Gödel tenha escancarado as portas de uma nova disciplina: a moderna “matemática da filosofia”, que naturalmente não pode ser confundida com a clássica “filosofia da matemática”. Enquanto esta última, de fato, é uma discípula da matemática que se dedica a um repolimento das suas noções, dos seus métodos e dos seus resultados, a primeira é, ao invés, uma evolução da filosofia que tem como objetivo a transformação das suas vagas intuições em precisos teoremas.

Referências filosóficas

Os pensadores com os quais Gödel se associou no decurso de sua vida, produzindo os seus famosos resultados, são naturalmente os grandes da história da filosofia: sobretudo, Aristóteles, Leibniz e Kant no passado remoto, e Frege⁵⁶, Russel⁵⁷ e Wittgenstein no

⁵⁶ **Friedrich Ludwig Gottlob Frege**: matemático e filósofo alemão. Sua contribuição foi a criação de um sistema de representação simbólica (*Begriffsschrift*, ou ideografia) para representar formalmente a estrutura dos enunciados lógicos e

passado próximo. E as suas intuições, transformadas em teoremas do toque de Midas pelas mãos de Gödel, referem-se naturalmente aos conceitos fundamentais da filosofia: o ser, a verdade, o espaço, o tempo...

Para começar pelos inícios, isto é, pelo ser, suas duas leis fundamentais tinham sido isoladas por Aristóteles no quarto livro da *Metafísica*: elas nada mais são do que os famosos princípios do terceiro excluído e da não-contradição, segundo os quais qualquer proposição deve ser verdadeira ou falsa, mas não pode ser ambas ao mesmo tempo. Ora, o que torna uma lei fundamental, é o fato de que ela está, num certo sentido, nos inícios do discurso: ela não pode ser provada, a não ser que tivéssemos algo mais fundamental, ao qual ela é redutível. Entretanto, sem prová-la, como se pode saber que se trata verdadeiramente de uma lei e não de um preconceito? Aristóteles executa um duplo salto mortal e defende que, embora não-demonstráveis, as leis fundamentais são, não obstante, irrefutáveis: em outras palavras, a sua negação é contraditória. Trata-se do famoso e obscuro *elenchos*, que, em 1933, Gödel tornou preciso com a assim dita “interpretação da dupla negação”, ou seja, enquanto é verdade que a lei do terceiro excluído não é demonstrável de maneira construtiva, o é a contrariedade de sua negação, isto é, precisamente a sua dupla negação.

Naturalmente, para que a coisa tenha um sentido e não se limite a um vazio jogo de palavras, é preciso que uma dupla negação não afirme: coisa que ela faz na lógica clássica, mas não na

suas relações, e a invenção do cálculo dos predicados. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ **Bertrand Arthur William Russell** (1872-1970): considerado um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

construtiva. O que significa, de passagem, que Aristóteles havia intuído a essência de uma lógica mais sofisticada do que aquela, à qual o seu nome em geral é associado: coisa, entre outras, evidente de outras distinções suas, como aquela entre “ser diverso” e “não ser igual”, depois precisadas pela análise construtiva. Dito de outra maneira, Aristóteles era mais moderno do que tudo os cultores do *ipse dixit* jamais tenham imaginado ou entendido, embora também ele tenha tido os seus belos equívocos: por exemplo, crendo que, se a lei do terceiro excluído devesse falhar num caso, deveria falhar em todos; o que, se existissem outros valores de verdade, além dos costumeiros “verdadeiro” e “falso”, deveriam ser infinitos. Coisa que, todas elas, foram refutadas em seguida pela matemática da filosofia.

A outra grande referência de Gödel foi, não surpreendentemente, Kant. Principalmente o Kant da crítica da razão pura, cujo principal assunto pode ser resumido, dizendo-se que, se a razão quer ser completa, no sentido de poder tratar livremente de idéias transcendentais, como a de Deus, do mundo ou da alma, então deve aceitar ser contraditória, porque aquelas idéias encerram antinomias. Equivalentemente, se a razão não quer ser contraditória, deve aceitar ser incompleta, recusando-se a se lançar além das colunas de Hércules da sensatez, evitando embarcar num discurso sobre idéias transcendentais.

Teorema da Incompletude

O famoso teorema da incompletude, que Gödel demonstrou em 1931 e que o tornou famoso, transporta a implantação da obra de Kant na matemática: esta afirma, de fato, que, se um sistema matemático quer ser completo, no sentido de poder exprimir “fórmulas transcendentais”, como aquela que diz de si mesma que ela não é

demonstrável, e de poder demonstrar todas aquelas que são verdadeiras, então deve aceitar ser contraditório. Equivalentemente, se um sistema que pode exprimir fórmulas transcendentais não quer ser contraditório, deve aceitar não poder demonstrar todas as verdadeiras. Ora, assim como, na linguagem natural, não se precisa muito para falar de Deus, do mundo ou da alma, também se Kant demonstrou que não se pode falar disso de maneira não-contraditória, assim na linguagem matemática não se precisa muito para encontrar uma fórmula que diga de si mesma que não é demonstrável, também se Gödel demonstrou que ela é verdadeira, mas não-demonstrável, isto é, não se precisa de muito após o seu trabalho, porque, primeiramente, ao invés, parecia impossível: tanto que Wittgenstein havia declarado, no Tratado, que uma linguagem só pode mostrar a própria forma lógica, mas não falar dela. Para refutar Wittgenstein e construir sua própria fórmula, Gödel inventou um método que permite traduzir a sintaxe de uma linguagem na aritmética dos números. Ou melhor, tomou-o emprestado de Leibniz, que, na dissertação sobre a arte combinatória, já antecipara a possibilidade de associar números simples às noções simples, e números compostos às noções compostas: com uma ingenuidade, porém, porque ele sugeria assegurar-se produtos a esta última, sem tomar em conta o fato de que, na multiplicação, os fatores se perdem e fica impossível reencontrá-los de maneira unívoca. Gödel contornou o problema, aproveitando um teorema de Euclides, segundo o qual a decomposição em fatores primos de um número é, ao invés, unívoca, e atribuiu às noções compostas produtos de números primos tendo por expoentes os números dos componentes.

Se as limitações da razão eram o ponto central da *Lógica da Crítica*, o ponto central da sua estética era a natureza do

espaço e do tempo: segundo Kant, de fato, estas noções não são características do mundo, mas do nosso modo de percebê-lo, derivando da particular estrutura do nosso aparato sensorial e mental. Em sua colorida linguagem, espaço e tempo são, assim, entidades *a priori*, que constituem as formas da nossa percepção. Em particular, nem um nem o outro têm uma existência objetiva: uma idéia que Gödel não compartilhava, mas, da qual queria verificar a consistência com as teorias da física contemporânea, em particular a relatividade de Einstein. Ora, embora a teoria geral de 1905 tivesse feito sair pela porta a absolutez do espaço e do tempo, a teoria geral de 1915 parecia tê-la feito reentrar pela janela: em todos os modelos conhecidos até 1949 era, de fato, possível chegar a uma noção de tempo absoluto, conectando os tempos relativos com as grandes massas. Gödel descobriu, porém, um modelo no qual não só não existe um tempo absoluto, mas é realmente possível fazer um giro em torno do universo e voltar ao mesmo ponto do espaço-tempo. Num mundo como este, pode-se andar sempre em frente no futuro e encontrar-se a um certo ponto no próprio passado: portanto, nem mesmo o tempo individual é objetivo.

Com estes (e muitos outros) resultados, Gödel indicou a via régia para a revitalização da filosofia: subtrair o seu cadáver embalsamado das câmaras frigoríficas dos manuais de história e dos obituários dos departamentos acadêmicos, onde ele é mantido à disposição dos continentais para a sua necrófila dissecação, e revitalizá-lo mediante injeções de lógica, matemática e ciência, que reponham em vida as suas problemáticas, as suas inspirações e as suas idéias. Ou, mais simplesmente, deixar de se preocupar com o que poderíamos fazer pela filosofia dos antigos e começar a se perguntar sobre o que a filosofia pode fazer para nós modernos.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos.

As notícias diárias, publicadas de segunda a sábado, na página www.unisinos.br/ihu estiveram concentradas, pela segunda semana seguida, na América do Sul que se movimenta. Aliás, a revista *IHU On-Line*, número 176, de 17 de abril, já se deteve sobre o tema com o título **América Latina. Um giro à esquerda?** e tratou, igualmente, do tema na entrevista com Gilberto Dupas, publicada na revista *IHU On-Line* número 170, de 06 de março, sob o título *Um projeto de país para o Brasil em eleição*. Nas notícias diárias reproduzimos uma longa e importante entrevista de Darc Costa no dia 30 de março de 2006.

Bolívia: Nacionalização do Petróleo

A semana iniciou com a nacionalização do petróleo e do gás bolivianos. Evo Morales cumpriu a promessa feita na campanha eleitoral. A medida o torna ainda mais popular em toda a Bolívia. Ele anuncia a medida no dia 1º de maio depois de assinar, no dia anterior, em Havana, com Fidel Castro e Hugo Chávez, o Tratado de Comércio dos Povos que é um passo na concretização da ALBA proposta pelo presidente venezuelano no lugar da ALCA. Veja as *Notícias Diárias* nos dias 1 e 2 de maio.

Nos dias seguintes, noticiamos as repercussões da ousada medida de Evo Morales. O governo brasileiro foi duramente questionado pelos setores que fazem oposição à Lula, liderados pelos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, como *a Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e *Globo*. Veja as *Notícias Diárias* nos dias 3, 4, 5 de maio.

No entanto, alguns analistas políticos que escrevem nos mesmos jornais citados, como Clóvis Rossi, Jânio de Freitas, Luís Nassif, entre outros, reagiram a esta histeria que conclamava uma “guerra” contra a Bolívia. Veja as *Notícias Diárias* dos dias 3 e 4 de maio.

Já para Emir Sader, sociólogo, a nacionalização boliviana é uma vitória dos movimentos sociais e para Ladislau Dowbor, economista, ela é uma reação à superexploração que as empresas transnacionais fazem em território boliviano. Ver as *Notícias Diárias* do dia 3 de maio.

Embora algumas centrais sindicais como a CUT manifestaram uma certa simpatia pela medida, o coordenador nacional da FUP, Hélio Seidel, em entrevista especial concedida à *IHU On-Line* e publicada nas *Notícias Diárias* do dia 3 de maio, é bem mais crítico e reticente.

A reunião de Néstor Kirchner, Lula, Evo Morales e Hugo Chávez, em Puerto Iguazú, na Argentina, foi importante para reforçar a integração sul-americana. As arestas foram aparadas, a soberania da Bolívia foi

reconhecida, e ela foi formalmente convidada a participar do megaprojeto da construção do supergasoduto. Ver as *Notícias Diárias* do dia 5 de maio.

Ainda no dia 5, traduzimos e publicamos uma longa análise política sobre as possibilidades da integração sul-americana, de autoria do argentino Luis Bruschtein, editor político do jornal *Página/12*.

Numa longa entrevista, o sociólogo mexicano Jorge Castañeda, analisou a hipótese para a guinada à esquerda na América Latina. A íntegra da entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do dia 2 de maio, enquanto, nas do dia 5 de maio, informaram que Condoleezza Rice e Thomas Shannon, novo encarregado da América Latina no Departamento de Estado, tentam frear o “eixo populista” na América Latina. E o jornal espanhol *El País*, em dois dias seguidos, publicou uma ampla reportagem sobre os novos rumos da América do Sul, perguntando se os EUA perderam a América Latina. Ver as *Notícias Diárias* do dia 2 de maio.

Por sua vez, Paulo Arantes, professor da USP, reconhece que a América Latina tem uma nova elite no poder. Ver as *Notícias Diárias* do dia 6 de maio.

Durante toda a semana, o governo boliviano foi explicando e justificando a decisão tomada no dia 1º de maio. Assim, o ministro dos Hidrocarbonetos, Andrés Soliz Rada referiu-se à contabilidade das empresas estrangeiras em atividade no país como uma “caixa-preta” e afirmava que a “Petrobras paga um preço miserável pelo gás”, e o vice-presidente Álvaro García Linera defendia um “capitalismo andino-amazônico”. Ver *Notícias Diárias* do dia 2 de maio.

Na contracorrente da histeria, Romero de Oliveira e Silva, presidente da Associação Brasileira, as Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (Abegás) constatava que a nacionalização boliviana favorecia a oportunidade brasileira de reduzir a dependência, e alguns jornalistas anotavam que o Brasil conhece pouco a Bolívia. Nenhum jornal, por exemplo, tem correspondentes em La Paz e poucos acadêmicos são capazes de analisar a realidade boliviana. Ver as *Notícias Diárias* do dia 4 de maio.

Um dia sem imigrantes

O 1º de maio também foi o dia em que irromperam nas ruas das principais cidades americanas os imigrantes latino-americanos. *Um dia sem imigrantes* foi o tema das notícias dos dias em 2 e 5 de maio, quando publicamos um longo artigo de James Petras que analisa a novidade, as possibilidades e contradições desse movimento. O título do artigo: *As razões da luta dos imigrantes nos EUA*.

Uruguai e Argentina. O conflito das fábricas de papel

O conflito entre o Uruguai e a Argentina por causa da construção de duas fábricas de papel às margens do Rio Uruguai, na fronteira dos dois países, foi classificado de “lamentável e irracional” pelo presidente

Tabaré Vázquez, em visita aos EUA, onde buscou aprofundar as relações comerciais e ao mesmo tempo reafirmando a sua adesão ao Mercosul. Veja as *Notícias Diárias* do dia 5 de maio.

Enquanto isso, o governo Kirchner convocou uma grande manifestação na fronteira uruguaia e encaminhou o processo contra o Uruguai na Corte Internacional de Haia. Veja as notícias do dia 5 de maio.

Desemprego

A primeira semana de maio também foi marcada pelo anúncio de demissões massivas. A Alpargatas demite 600 funcionários no RS foi a notícia do dia 3 de maio.

A Volks ameaça demitir 5,7 mil, no Brasil e na Europa, 20 mil. Tanto que a fábrica da Volks, em São José dos Pinhais, no Paraná, entrou em férias coletivas pela terceira vez. Essa foi a notícia do dia 4 de maio. E as *Notícias Diárias* do sábado, dia 6 de maio, informavam que a “Cidade da Volks”, em São Paulo, que empregava 40 mil pessoas, pode ser fechada e que o governo do Paraná pode rever incentivo dado à Volks para que se instalasse no estado. E um dado interessante: antes dos cortes, BNDES libera R\$ 497 milhões. A informação está nas *Notícias Diárias* do dia 6-5-06.

A entrevista do cardeal Martini

Continua a repercussão internacional da entrevista do cardeal Carlo Maria Martini, publicada na íntegra nas *Notícias Diárias* do dia 29 de abril. Nesta semana, o jornal *El País*, publicou uma longa entrevista com o cardeal López Trujillo contestando a entrevista de Martini. A entrevista foi notícia do dia 5 de maio.

Frases da Semana

Evo Morales

”O presidente Evo Morales praticou ontem a primeira iniciativa genuinamente de esquerda na América Latina (talvez no mundo) desde que o Muro de Berlim desabou em 1989.” - Clóvis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 2-5-06.

”Começamos com os hidrocarbonetos; amanhã será o minério, os recursos florestais. Estamos preparados para recuperar a terra para todos os bolivianos.” - Evo Morales, presidente da Bolívia - *El País*, 3-5-06.

”Até agora, nós só recebíamos migalhas pela exploração do gás.” - Jorge Alvarado, presidente da YPFB - *Folha de S. Paulo*, 4-5-06.

”A percepção da maioria é que se trata de uma empresa (Petrobras) imperialista, que abusa de seu poder para ganhar dinheiro, como qualquer outra multinacional. Vivemos décadas de maus governos, muita corrupção e

pobreza. Nossos contratos sobre gás e petróleo refletem isso.” - Daniel Castro, boliviano, do Comitê Pró-Santa Cruz - *Estado de S. Paulo*, 4-5-06.

”O Brasil já disse ”o petróleo é nosso.” Estamos dizendo ”o gás é nosso.” - Pedro Gumucio, encarregado de Negócios da Embaixada da Bolívia - *Globo*, 5-5-06.

Lula

”O Brasil não quer hegemonia, quer parceria.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, em Puerto Iguazú - *Estado de S. Paulo*, 5-5-06.

”Estou há três anos no governo e não consegui brigar com o (George W.) Bush (presidente dos EUA), que é aquela potência. Por que vou brigar com a Bolívia? Não tem sentido.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 6-5-06.

“Eles (os bolivianos) só têm o gás. É justo que queiram tirar do gás uma fonte de enriquecimento para eles. O Brasil, perto da Bolívia, é rico. Queremos continuar utilizando o gás da Bolívia. E, se amanhã a Bolívia não tiver, vamos procurar outros caminhos.” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 6-5-06.

Destaques on-line

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) durante a última semana. As entrevistas podem ser conferidas na editoria *Notícias Diárias* do sítio, nas datas indicadas na introdução de cada entrevista.

Confira todas as entrevistas no sítio www.unisinos.br/ihu

Entrevistado/a	Publicada em	Título
Sheila Hue – UFRJ Doutora em Literatura Portuguesa. Responsável pela tradução, introdução e notas do livro <i>Primeiras Cartas do Brasil (1551-1555)</i> Lançamento da Editora Jorge Zahar.	2/5	Cartas dos jesuítas. Um olhar histórico, literário e jornalístico para o berço da colonização. Entrevista concedida sobre a obra.

<p>Hilário Dick – Unisinos Jesuíta e coordenador da pesquisa "A emergência de novos valores na juventude latino-americana o caso de São Leopoldo"</p>	<p>3/5</p>	<p>Algumas revelações sobre a juventude leopoldense. Entrevista sobre os resultados da pesquisa realizada pelo Observatório Juvenil, vinculado ao PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.</p>
<p>Dênis de Moraes – UFF. Professor no Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.</p>	<p>4/5</p>	<p>O imaginário contemporâneo da sociedade midiaticizada. Entrevista inspirada no livro <i>Sociedade Midiaticizada</i>, lançamento da Editora Mauad.</p>
<p>Nélio Schneider Doutor em teologia e tradutor. Traduziu da obra A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo, de David Tracy</p>	<p>4/5</p>	<p>Uma interpretação pluralista do mundo pela teologia. Na entrevista o professor Nélio Schneider comenta a importância da obra.</p>
<p>Hélio Seidel</p>	<p>5/5</p>	<p>As pedras no caminho da integração latino-americana.. A entrevista trata do decreto de Evo Morales, de nacionalização do petróleo e gás natural da Bolívia.</p>
<p>David Tracy Doutor em teologia e autor do livro <i>The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism</i>, traduzido e publicado recentemente pela editora Unisinos.</p>	<p>5/5</p>	<p>A imaginação analógica da teologia cristã. Entrevista sobre o livro sob o título <i>A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo</i>.</p>

IHU em revista

eventos pg. 61
ihu repórter pg. 77

Eventos

Quarta com Cultura Unisinos Repensando os Clássicos da Economia

Discutir a importância e a atualidade da obra do economista italiano Piero Sraffa (1898-1983). Esse é o objetivo do evento **Quarta com Cultura Unisinos – Repensando os Clássicos da Economia**, marcado para esta quarta-feira, 10 de maio, na Livraria Cultura, no Shopping Bourbon Country, em Porto Alegre. A atividade, cuja entrada é gratuita, começa às 19h30min e vai até as 21h30min. A palestrante, a Prof.^a Dr.^a Maria Heloísa Lenz, da FEE, irá abordar as principais obras de Sraffa, *Relações entre custo e quantidade produzida* (1925), e *Production of commodities by means of commodities: prelude to a critique of economic theory* (1960).

Maria Heloísa é graduada e mestre em economia pela UFRGS, com a dissertação *A categoria econômica renda da terra*, publicada com o mesmo título pela Editora FEE em 1981. cursou doutorado em História pela mesma instituição com a tese *Crescimento econômico e crise na Argentina de 1870 a 1930*, publicada em livro em 2004 pela Editora da UFGS. Por e-mail, a economista concedeu entrevista à *IHU On-Line*. Confira.

A atualidade de Piero Sraffa

Entrevista com Maria Heloisa Lenz

IHU On-Line- Qual é a importância e atualidade do pensamento de Piero Sraffa?

Maria Heloisa Lenz- A obra de Piero Sraffa é muito importante por vários aspectos: primeiro por que a sua contribuição foi realizada em várias áreas da teoria econômica; segundo por que ele discutiu e deu soluções a várias questões controversas e por último, por reabilitar a teoria ricardiana do valor trabalho, dando início a uma nova

escola de pensamento econômico, denominada de neo-ricardiana. Sobre a atualidade de sua teoria ela já fica respondida pela existência de uma escola que dá seguimento aos seus trabalhos.

IHU On-Line- Em que aspectos a economia brasileira pode incorporar elementos de sua teoria?

Maria Heloisa Lenz- As questões trabalhadas por Sraffa como o equilíbrio das empresas, a determinação dos preços e da taxa de lucros e o funcionamento de uma economia capitalista são questões extremamente atuais e pertinentes a qualquer economia, assim como para a brasileira.

IHU On-Line- Que aspectos destacaria do livro *Relações entre custo e quantidade produzida*?

Maria Heloisa Lenz- O artigo *Relações entre Custos e Quantidade Produzida*, foi, na verdade, o trabalho que deu início a toda a obra de Sraffa. Ele foi publicado em 1925 em italiano. Este artigo chamou a atenção de Keynes, que o aconselhou a traduzi-lo para o inglês. Esta versão foi publicada sob o título *As Leis dos Rendimentos sob Condições de Concorrência*, publicado em 1926. Ambos foram a peça inicial e mais importante da crítica à ortodoxia econômica, dominante no meio acadêmico inglês e que teve o patrocínio editorial de Keynes e assegurou a Sraffa um lugar de destaque no círculo acadêmico de Cambridge sendo, inclusive, acolhido na Inglaterra da perseguição fascista.

IHU On-Line- Sobre a obra *Production of commodities by means of commodities: prelude to a critique of economic theory*, quais são as principais idéias que destacaria?

Maria Heloisa Lenz-A obra *Produção de Mercadorias por Meio de Mercadorias* teve o objetivo de trazer a solução para 2 problemas não resolvidos pelo maior economista clássico que foi David Ricardo: 1) a solução do problema da transformação dos valores em preços; 2) a da medida invariável do valor – com a introdução da *mercadoria - padrão*-, outra questão proposta e não resolvida por Ricardo. A contribuição de Sraffa em *PMMM* pode ser vista de três formas. Primeiro de

fornecer um quadro referencial e os elementos explicativos da determinação dos preços de produção adotando pressupostos clássicos. O segundo foi oferecer uma crítica a teoria marginalista, com já está expresso no seu subtítulo. E a última foi o de resolver o problema ricardiano *da medida invariável do valor* através da sua famosa *mercadoria padrão* e com ela descrever a oposição entre salários e taxas de lucro.

IHU On-Line- Como a obra de Sraffa reflete a situação econômica e histórica do momento em que foi produzida?

Maria Heloisa Lenz- Uma das características mais interessantes na obra de Sraffa foi que os seus dois artigos e o Seminário promovido por Keynes é que eles foram às peças iniciais e mais importantes da crítica à teoria dominante na época: a teoria marshalliana. São eles que vão delinear os trabalhos a partir da década de 20 sobre estas questões.

IHU On-Line- Quais são as intersecções do marxismo com o pensamento de Sraffa?

Maria Heloisa Lenz- A abordagem de Sraffa é essencialmente clássica e seu livro tentou resolver e restaurar a teoria do valor - trabalho de Ricardo no século XX. O trabalho de Marx teve como ponto de partida o trabalho de Ricardo e a reabilitação de Sraffa do valor e da distribuição pode ser vista como uma reabilitação dos princípios clássicos da tradição destes autores.

IHU On-Line- De que forma as teorias de Ricardo encontram uma releitura em Sraffa?

Maria Heloisa Lenz- Como já foi dito uma das principais características do trabalho de Sraffa foi o resgate do sistema clássico na tentativa de resolver e restaurar a teoria do valor - trabalho de Ricardo no século XX. Além disso,

não se pode esquecer que a sua segunda contribuição foi à recuperação meticulosa e rigorosa da obra de Ricardo. Este trabalho iniciou em 1931 e terminou 20 anos depois com a edição da *"Introduction" to the Works and Correspondence of David Ricardo*, 1951. A sua Introdução foi considerado a mais importante interpretação do

pensamento clássico dentro da história do pensamento econômico.

IHU On-Line- Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Maria Heloisa Lenz- Gostaria de acrescentar que o não recebimento do premio Nobel por Sraffa foi uma das maiores decepções dos estudiosos de sua obra.

IHU Idéias

Nesta quinta-feira, 11 de maio, das 17h30min às 19h, na Sala 1G119 do IHU, a Prof.^a Dr.^a Kathrin Rosenfield, docente na UFRGS, apresenta o **IHU Idéias J. Guimarães Rosa – entre o regionalismo do homem cordial e a universalidade**. Sobre o assunto, confira a seguir o artigo por ela escrito e originalmente publicado pelo jornal *Zero Hora* em julho de 2005.

Nascida na Áustria, Kathrin vive no Brasil desde 1984. É pesquisadora e professora de Filosofia na UFRGS. Com doutorado em Literatura pela Universidade de Salzburg e formação em Psicologia Clínica pela Universidade de Paris VII, é autora de *Sófocles & Antígona*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, *Antígona - de Sophocle à Hölderlin*. Paris: Galilée, 2003, entre outros. Ensaísta de rara erudição e sensibilidade, aprendeu português para ler Guimarães Rosa. Nesse campo de interpretações acerca da obra *Grande Sertão: Veredas*, a professora Kathrin Rosenfield lança seu trabalho *Desenveredando Rosa: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios roseanos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005. O livro abre novas trilhas nos estudos roseanos, e analisa, entre outros temas, a presença da poesia popular na obra de Guimarães Rosa; suas afinidades com o universo de Goethe e Dostoievski; as semelhanças e as diferenças com Machado de Assis, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre.

Rosenfield Kathrin concedeu entrevista à *IHU On-Line* por e-mail. Na edição 139 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005, concedeu a entrevista *A banalização torna a tragédia atual*, sobre a peça teatral *Antígona*, exibida na Unisinos em 5 e 6 de maio do ano passado. Na edição 178, de 2 de maio de 2006, falou sobre Guimarães Rosa na entrevista *Desenvendando o projeto de Rosa*.

A cordialidade – questão de estilo

Por Kathrin Rosenfield

Num colóquio recente em Porto Alegre, os organizadores e participantes puderam verificar o quanto é comum a opinião de que cordialidade seria nada mais do que polidez, comportamento afável e acolhedor. Embora muitos intelectuais saibam que também a polidez repousa sobre estratégias retóricas, raramente nós nos debruçamos sobre os artifícios, as encenações e jogos de aparências com os quais construímos nossos gestos “cordiais” na vida cotidiana e pública. Nem pensamos em cordialidade quando jornalistas perspicazes como Hélio Gaspari ou Roger Lerina alfinetam os escorregões ligados aos hábitos que dela decorrem. Assim, por exemplo, o *faux pas* da dona de uma fazenda que acredita ser cordial com o professor norte-americano Phil Thompson, descendente de escravos, ao convidá-lo para a casa grande, o terreiro e a cachoeira dessa propriedade na qual tudo lembra a escravidão, ou a afirmação de mal gosto que Arnaldo Jabor fez diante de MV Bill, dizendo que prefere o “racismo velado” do Brasil... Quando essas alfinetadas aparecem nos jornais, nos deparamos com uma arraigada tendência de evitar conflitos mediante um voluntarismo demasiadamente imediato. Raramente, entretanto, paramos para refletir sobre as razões que nos levam a incorrer nesses reflexos preguiçosos e inconscientes que pretendem ocultar um incômodo ou conciliar sem elaboração, sem critério e sem remorso. Ao que parece, não bastaram os ensaios de Sérgio Buarque de Holanda⁵⁸ e

⁵⁸ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A *IHU On-Line* 165, de 21 de novembro de 2005, cujo tema de capa chama-se *Intérpretes do Brasil*,

Gilberto Freyre⁵⁹ dos anos 1930 para nos alertarem sobre as falácias do “coração” (que fornece a base etimológica de cordialidade), sobre a ambivalência traiçoeira das emoções que mergulham num fingimento amável paixões e interesses dificilmente conciliáveis com os padrões de correção e de responsabilidade.

Por mais que a cordialidade seja necessária para iniciar e manter a comunicação, essa termina sendo prejudicada quando ela leva à inconsciência ou à indiferença diante

enfoca aspectos sobre Buarque de Holanda em entrevista concedida pela historiadora Sandra Pesavento, *O “homem cordial” e o jeito brasileiro de ser*. Para conferir a entrevista, acesse a versão eletrônica da *IHU On-Line* através do site www.unisinos.br/ihu. No **I Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 8 de maio de 2003, a Prof.^a Dr.^a Eliane Fleck, da Unisinos, falou sobre o livro *Raízes do Brasil*, de Buarque de Holanda. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁹ Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio *Aspen*, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional *La Madoninna*, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no **Cadernos IHU** número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*. No **I Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, em 10 de abril de 2004, o Prof. Dr. Paulo Staudt Moreira falou sobre a obra *Casa grande e senzala*. Confira, ainda, a entrevista *Gilberto Freyre e o Brasil da cultura mestiça*, concedida por Maria Lúcia Pallares-Burke à edição 165 da *IHU On-Line*, de 21 de novembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

de encenações vazias que beiram a mentira e a denegação dos fatos. A cordialidade está em toda parte – nos gestos aparentes e, sobretudo, nos não-ditos e nos implícitos que as palavras explícitas e os gestos amáveis encobrem. Vasculhemos algumas das facetas dessa tradição da sociabilidade (não somente) brasileira.

I. O saudosismo romântico: cordial e ressentido

“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...” Todos nós identificamos esses versos de Gonçalves Dias⁶⁰ com a idealização da natureza nativa e com o saudosismo da identidade brasileira. Sabemos também que o poeta brasileiro apoiou-se na poesia romântica alemã. O que é menos conhecido é que ele adaptou uma certa forma lírica alemã. Sua cadência saudosa reprimia cadências mais sóbrias, acentuando a musicalidade e os movimentos da alma do romanceiro espanhol redescoberto pelos românticos alemães. Chico Buarque⁶¹ provavelmente lembrou essa conexão quando ironizou o

⁶⁰ Antônio Gonçalves Dias (1823-1864): poeta romântico brasileiro. É autor de, entre outros, *Canção do Exílio* (1843), e *Primeiros cantos* (1846). (Nota da *IHU On-Line*).

⁶¹ Chico Buarque de Hollanda (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Abordou a ditadura e, fugindo dela, criou um pseudônimo para continuar compondo e não ser barrado pela censura: *Julinho da Adelaide* com o qual compôs apenas 3 músicas. Sobre a canção *Cálice*, além do título da composição ter som idêntico à expressão *cale-se*, seus versos poderiam ser confundidos com uma divagação religiosa, tal como no trecho “*Pai, afasta de mim esse cálice, De vinho tinto de sangue, Como beber dessa bebida amarga, Tragar a dor, engolir a labuta, Mesmo calada a boca, resta o peito, Silêncio na cidade não se escuta*”. Gilberto Gil e Chico Buarque foram proibidos pela censura de cantar a canção em parceria no festival *Phono 73*, que aconteceu de 11 a 13 de maio de 1973, no Anhembi, em São Paulo. A dupla resolveu peitar a censura ao vivo, mas teve os microfones desligados. (Nota da *IHU On-Line*)

sentimentalismo sanguinário que nasceu dessa tradição hispano-luso-brasileira: “Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar / Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora...”. “Fado tropical” fustiga um motivo lírico que se banalizou como clichê, desbaratando aquela angústia romântica alemã, admirada e teorizada por Kierkegaard⁶², que acomoda nos véus vagos do lirismo melodioso uma inquietude crepuscular, uma ânsia vaga e indefinida que não toma forma, mas embebe e envenena pouco a pouco a superfície familiar e prazerosa. Chico Buarque mostra como essas sutis nuanças de alma podem descambar na volúpia sádica e saudosista. Basta a perda do espírito crítico – do vigor intelectual da cabeça que faz contrapeso aos pendores do coração.

Não se trata de confundir infâmias isoladas com os modos totalitários de sistematização da infâmia. Mesmo assim, a letra de Chico Buarque toca num dos ingredientes – a afabilidade “cordial”, que também reinou na Viena do “Anschluss”. É esse detalhe estilístico da banalidade do mal que o recente filme *A Queda* trouxe à tona ao iluminar os aspectos “humanos” da convivência no *bunker* de Hitler. Com certeza, não é um acaso que o Nazismo soube acomodar a infâmia precisamente nos fantasmas amenos de uma reconciliação “romântico-heróica” com a natureza – as imagens barateadas pela invenção de uma máquina publicitária inédita sugerindo uma felicidade originária cujo impacto (des)velava o escândalo dos apelos destrutivos.

Pouco discutido e insuficientemente elaborado no romantismo brasileiro, o

⁶² Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10 de abril de 2006, da *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

problema da ambivalência do coração aparece de modo mais claro – e mais nietzschiano do que romântico – no ressentimento que Gonçalves Dias alimentava secretamente. Ambicioso como os heróis de Balzac⁶³, ele tinha de ocultar suas pretensões intelectuais, poéticas e profissionais como um pecado lesa-poesia. Num livro recente, *A fonte envenenada*, Marcos Flamínio Peres⁶⁴ flagra esse veneno em uma carta do poeta, onde aparece uma declaração orgulhosa, pouco sublime e idealizadora: "Esta gente que se dá comigo não sabe que independência que eu tenho (...) não sabem que por baixo d'esta máscara de cera que todos me vêem, há uma vontade inflexível, há uma estátua de ferro." Palavras que o crítico esclarece como um sintoma de arrivismo do gênero stendhaliano, de um Sorel. Isso é certamente pertinente, mas exige alguma idéia do modo – cordial e mineiro, conivente e mal disfarçado – que preside à gestação especificamente brasileira do arrivismo.

2. O homem cordial dos ensaístas brasileiros

É curioso que nas amplas discussões sobre a cordialidade brasileira – fenômeno que ocupou as melhores mentes do ensaísmo deste país – jamais se fez a ligação entre o saudosismo (literário e cotidiano) da cultura luso-brasileira e a ambivalência da "cordialidade". Já os primeiros autores, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, destacaram a perigosa oscilação entre amor e ódio que sempre descrevem as paixões do coração. A etimologia (latim cor, "coração"), evidencia o vínculo entre a afabilidade

⁶³ Honoré de Balzac (1799-1850): dramaturgo francês, autor do conjunto de romances *Comédia Humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁴ Nova Alexandria, 2004. (Nota da autora)

cordial e o órgão passional que o século XVII opõe à razão. Mas nenhum dos autores aplica ao caso brasileiro as reflexões do Iluminismo que salientam a importância da cabeça cuja tarefa é manter nos seus limites as efusões imprevisíveis, oceânicas e vagas do coração. O romantismo alemão ainda se lembrava deste dualismo, mas o sabiá nas palmeiras de Gonçalves Dias o faz esquecer: embala a identidade brasileira numa melódiosidade nova que rompe essa tensão com sua aura docemente entorpecente.

Os ensaístas brasileiros escreveram muitas e belas páginas sobre o arrivismo e o encobrimento, a grandiloquência e o sentimentalismo, a volúpia e o saudosismo - de Machado⁶⁵ e Euclides⁶⁶ a Paulo Prado⁶⁷, Oliveira Vianna⁶⁸ e Antônio Cândido⁶⁹.

⁶⁵ Machado de Assis (1839-1908): considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, *Dom Casmurro*. Erechim: Edelbra, 1997, *Quincas Borba*. 15. ed. São Paulo: Atica, 1998 e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista*. 32. ed. São Paulo: Ática, 1999, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁶ Euclides da Cunha (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro Euclides Rodrigues da Cunha. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *A margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁷ Paulo Prado (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado juntamente com Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁸ Francisco José Oliveira Vianna: sociólogo, ensaísta carioca e autor considerado, junto com Sérgio Buarque de Holanda, como primordial para a compreensão da formação ideológica e da questão territorial do país. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁹ Antônio Cândido de Mello e Souza (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, é um

Conhecemos assim uma série de mecanismos de defesa que asseguram, até hoje, a sobrevivência de certas estruturas excessivamente arcaicas da sociabilidade. O que falta é uma investigação mais abrangente do uso que se fez (e se faz) de certas formas estéticas (da poesia e da música, da imagem televisiva e digital, etc.) que favorecem a recepção acrítica, emocional e saudosista de certos conteúdos estereotipados, em detrimento de análises mais frias dos meios e modos da enunciação. Ora, quando se negligencia o estilo, os conteúdos analisados rapidamente reconfiguram-se em forma de mito. Vejamos a evolução dos ensaios sobre cordialidade.

Sergio Buarque de Holanda caracterizou como cordiais as liberdades concedidas ao “coração”, propenso tanto ao amor quanto ao ódio. Para Holanda, o homem cordial marcaria a história agrária e patriarcal – em extinção – do Brasil. Ora, João Cezar de Castro Rocha⁷⁰ nos lembra que, “no mesmo ano de 1936, Gilberto Freyre propôs uma concepção alternativa” que associa as ambivalências do público e do privado, de afeto e interesse ao caráter nacional. Além destas três divergências, explica Rocha, surgem ainda as poéticas mitologias como a de Cassiano Ricardo⁷¹ que ressalta na

dos principais críticos literários brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁰ **João Cezar de Castro Rocha:** historiador brasileiro, estudioso sobre a temática do homem cordial. É autor de, entre outros: *Literatura e cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, *O exílio do homem cordial. Ensaios e revisões*. Rio de Janeiro: Editora do Museu da República, 2004 e *Cordialidade à brasileira: mito ou realidade?* Rio de Janeiro: Editora do Museu da República, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷¹ **Cassiano Ricardo Leite** (1895-1974): jornalista, poeta e ensaísta brasileiro, representante do modernismo de tendências nacionalistas, esteve associado aos grupos **Verde-Amarelo**, **Anta** e foi o fundador do grupo da **Bandeira**. Pertenceu às

cordialidade o potencial do “equilíbrio de antagonismos, idéia cara à estrutura de *Casa-grande & senzala*”⁷².

Desenha-se, assim, certa imagem mítica da cultura brasileira, cuja pretensa vocação seria mediar conflitos, em lugar de explicitá-los. O Brasil seria então um paraíso para as relações sociais e raciais? “Nós” viveríamos numa paz mais harmoniosa que outros povos? Segundo Castro Rocha, a cordialidade é o núcleo de panegíricos sentimentais, expostos em um dos ensaios de “Cassiano Ricardo, poeta de Martim Cererê, que atribui ao Brasil o talento de abrandar os conflitos dilacerantes da humanidade, exemplificando esta brandura com as seguintes afirmações: ‘Fomos dos primeiros países a abolir a pena de morte. (...) Toda revolução brasileira termina em acordo, e a pena mais rigorosa para os nossos crimes políticos nunca passou do exílio.’” Vale lembrar, escreve Castro Rocha, que “a exaltação do espírito conciliador vem de um fiel colaborador do Estado Novo”⁷³.

3. O estilo implícito (os não-ditos) da cordialidade

O estilo de Cassiano oculta uma prática dúbia e implícita: os grandes articuladores do Estado brasileiro concebem o governo como acertos de clãs (políticos, eleitorais ou militares). E essa concepção repousa sobre acordos tácitos, não-ditos, pequenos truques estilísticos. O cordial “nós”, por exemplo, refere-se menos ao povo e às

academias paulista e brasileira de letras. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷² **João Cezar de Castro Rocha, O exílio do homem cordial**. Rio de Janeiro, Museu da República, 2005. (Nota da entrevistada)

⁷³ “É bom recordar, comenta João de Castro Rocha, que tanto o Estado Novo, com o qual Cassiano Ricardo colaborou intensamente, quanto a ditadura militar, iniciada pelo golpe de 1964, tornaram-se tristemente célebres pela violenta repressão dos adversários políticos.” (Nota da entrevistada)

massas do que às corporações ou aos clãs que ditam as regras do jogo cordial. É claro que a brandura do exílio não vale para os negros – sobre tudo, quando estão em grande número. Como exemplo, lembremos da Guerra dos Farrapos⁷⁴, durante a qual os líderes farrapos promoveram o genocídio dos seus melhores companheiros de armas, dos Lanceiros Negros. Nos manuais de história, essa infâmia é lembrada como... a “Batalha de Porongos”. Embora o nome não mude o fato, na memória coletiva, essa questão de estilo faz toda a diferença. A “discrição” origina-se na vontade cordial de conciliar (todo e qualquer conflito), retro-alimentando, assim, o pendor cordial: a tendência de ocultar os fatos e de evitar o enfrentamento dos conflitos reais. Assim, muitos preferem acreditar que a miscigenação abrandou o racismo no Brasil...

4. A disseminação dos estilos da ocultação

Com isso, voltamos ao propósito inicial: ocultar o dúbio e esquecer o infame é sempre uma questão de estilo. Do saudosismo romântico de Gonçalves Dias ao ufanismo de Cassiano Ricardo, a cordialidade impera como uma máscara esponjosa que mescla num híbrido inextricável todas as nuances entre a violência calculista e a doçura afável do onirismo tropical. Essas hibridizações infiltram-se com as escolhas estilísticas da arte, da moda e dos gestos cotidianos, que constituem os “mitos” da comunicação. O mito da

⁷⁴ **Revolução Farrapilha:** Também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo *farrapo* era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (*chimangos*) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os *sans-cullotes* à época da Revolução Francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

miscigenação, criado pelo estilo ensaístico-romanesco de Freyre, por exemplo, não eliminou o racismo, mas ajudou a transformar a afabilidade supostamente conciliatória em artigo mercadológico (clichê da rede Globo e do turismo). É o estilo que nos permite embaralhar o que sabemos e ocultar o que vemos. É com certo estilo que Brizola⁷⁵ pode “defender” a causa feminista, usando o “assédio sexual” como meio de descartar um adversário. A essa burla estilística corresponde a (falta de) reação do público. Com sorriso irônico aceitamos, tácita e cordialmente, este estilo patriarcal-machista que Brizola compartilha com muitos outros políticos (de Lula a Ciro Gomes).

No contexto da convivência (in)voluntária, é preciso lembrar do *Dom Casmurro* de Machado: verdadeiro paradigma do estilo cordial que exhibe e oculta os privilégios dispensados ao menino mimado da família brasileira cujas hierarquias ambíguas estabelecem relações difusas de dependência e opressão. Descreve a gênese psicológica dos privilégios do dono da casa e da servidão voluntária dos subalternos que o sustentam e lhe servem como bodes expiatórios. Descreve, sobre tudo, os truques estilísticos – retórica grandiloqüente e distração, fórmulas bizarras, esquecimentos e *non-sequitur* – com os

⁷⁵ **Leonel de Moura Brizola** (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu, a versão eletrônica do **Cadernos IHU em Formação**, intitulada *Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. (Nota da *IHU On-Line*)

quais o medíocre personagem embeleza seu banal dramalhão de inveja, ciúme e impotência como se fosse um drama de infidelidade que justifica a misoginia e a rejeição da esposa. Embora magistralmente analisados e expostos,

esses efeitos do estilo machadiano quase nunca são debatidos pela crítica literária e pelos leitores – confirmando o pendor cordial que evita acirrar e denunciar, enfrentar e sanear certos conflitos.

História do Brasil e Cinema

A exibição, seguida de comentários e debate do filme *O descobrimento do Brasil*, produzido em 1937 pelo diretor Humberto Mauro, é a próxima atividade do evento **História do Brasil e Cinema**, marcada para 13 de maio, das 8h30min às 12h30min, Sala 1G119 do IHU. A responsável pela condução do evento é a Prof.^a Dr.^a Eliane Fleck, da Unisinos. Segundo a historiadora, “devemos olhar para o filme como obra audiovisual de instrução, informação e educação política do governo de Getúlio Vargas, como construção estética de uma imagem de Estado e como apelo a um sentimento de nacionalismo que o filme apresenta”. A declaração foi feita em entrevista por e-mail concedida à **IHU On-Line**.

Graduada e mestre em História pela Unisinos, onde atualmente leciona, Fleck é doutora em História pela PUCRS, com a tese *Sentir, adoecer e morrer - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII*. Em 16 de março de 2006 apresentou o **IV Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil**, falando sobre o livro *Porque me ufano de meu país*, de Affonso Celso de Assis Figueiredo Filho. Sobre o assunto concedeu entrevista por e-mail à **IHU On-Line** 171, de 13 de março de 2006. Apresentou o **IHU Idéias** de 22 de agosto de 2002, com o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8 de maio de 2003, tratou sobre essa mesma obra no **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, concedendo, nessa oportunidade, entrevista à **IHU On-Line**, publicada na edição n.º 58, de 5 de maio de 2003. Ela também colaborou na edição n.º 64, de 16 de junho de 2003, num depoimento sobre a importância da obra de Raymundo Faoro. Na edição 94, de 29 de março de 2004, falou à **IHU On-line** sobre o **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, quando apresentou o livro *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco.

O descobrimento do Brasil, de Humberto Mauro

Entrevista com Eliane Fleck

IHU On-Line - Quais são os maiores méritos cinematográficos de O Descobrimento do Brasil?

Eliane Fleck - Originalmente produzido em preto e branco, no ano de 1937, *O descobrimento do Brasil* tem duração de 62 minutos. É o primeiro filme de Humberto Mauro para um órgão governamental, o Instituto do Cacau da Bahia (ICB), fundado em 1931. O início do projeto do documentário *O descobrimento do Brasil* não está associado a Humberto Mauro e previa a realização de um curta-metragem sobre a região produtora de cacau na Bahia, que conteria uma reconstituição da descoberta do Brasil. Inácio Tosta, presidente do Instituto do Cacau da Bahia, foi seduzido pela idéia de patrocinar uma reconstituição histórica sobre o descobrimento, e o filme chegou a ser iniciado com a direção de outro diretor. A demora e os custos elevados da produção levaram a uma mudança de direção. Muito pouco havia sido filmado quando Humberto Mauro assumiu a direção do filme. Ao aceitar a direção, Mauro fez grandes mudanças, com exceção da composição do elenco. Depois de produzido, o filme foi incorporado pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), cuja finalidade era produzir filmes educativos como material de ensino, “visto permitirem assistência cultural, com vantagens especiais de atuação direta sobre as grandes massas populares e, mesmo, sobre analfabetos”. Havia também uma forte tendência de fazer uso do cinema como ferramenta de divulgação das ações do governo de Getúlio Vargas⁷⁶. Os filmes produzidos

pelo INCE se constituíram em veículos de visões historiográficas consagradas. Além disso, procurava-se ensinar – pelo cinema – acontecimentos históricos, os grandes personagens e a natureza brasileira e suas possibilidades pragmáticas.

O Descobrimento do Brasil foi o primeiro grande trabalho de Humberto Mauro com moldes de superprodução, sendo também o resultado da apropriação fílmica de documentos consagrados a que o filme se propôs a reconstituir, pois ambicionava-se a releitura do documento através de imagens. Devemos olhar para o filme como obra audiovisual de instrução, informação e educação política do governo de Getúlio Vargas, como construção estética de uma imagem de

República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o **Seminário Nacional A Era Vargas em Questão – 1954-2004**, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição **Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios**, no Espaço Cultural do IHU. A revista **IHU On-Line** publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o **IHU Idéias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Idéias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o **Caderno IHU em formação** número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no site www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷⁶ **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente

Estado e como apelo a um sentimento de nacionalismo que o filme apresenta. Para alcançar o intento, Mauro se vale, além da própria carta, das pinturas que retrataram a época do descobrimento do Brasil (*A primeira missa*, de Victor Meirelles⁷⁷, e outras) e de obras cinematográficas assistidas, como *O triunfo da vontade* de Leni Riefenstahl⁷⁸, de 1934.

IHU On-Line - Qual é a originalidade da adaptação da Carta de Pero Vaz de Caminha ao filme?

Eliane Fleck - O filme é a Carta de Pero Vaz de Caminha⁷⁹, roteirizada por Humberto Mauro, com a reconstituição da viagem de Pedro Álvares Cabral⁸⁰, da partida do Tejo à realização da primeira missa no Brasil e veicula uma visão oficial, realizada com todos os cuidados artesanais disponíveis na época. O espectador moderno vai encarar com desdém os barquinhos toscos que simulam a frota de caravelas e outros

⁷⁷ **Victor Meirelles de Lima** (1832-1903): pintor brasileiro. Pintou várias obras históricas entre 1852 e 1900. Ligado ao neoclassicismo brasileiro, ocorrido na segunda metade do século XIX, ganhou notoriedade a partir da década de 1870, ao lado de Pedro Américo e Almeida Júnior. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁸ **Berta Helene Amalie "Leni" Riefenstahl** (1902-2003): cineasta alemã da era nazista, renomada por sua estética. Suas obras mais famosas são os filmes de propaganda que ela realizou para o Partido Nazista alemão. Submetida ao ostracismo na indústria cinematográfica após a guerra, ela se tornou uma fotógrafa e mergulhadora. (Nota da *IHU On-Line*).

⁷⁹ **Pero Vaz de Caminha** (1450-1500): nobre português, que se notabilizou nas funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral. Em 1500, foi nomeado como escrivão da feitoria a ser erguida em Calicute, na Índia, razão pela qual se encontrava na nau capitânia da armada de Pedro Álvares Cabral em Abril desse mesmo ano, quando esta descobriu o Brasil, eternizando-se como o autor da carta, datada de 1º de Maio de 1500, ao soberano, documento que é considerado como a *certidão de nascimento* deste país. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁰ **Pedro Álvares Cabral** (1520-1526): fidalgo e navegador português a quem geralmente se atribui o descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1500. (Nota da *IHU On-Line*)

detalhes. Mas é preciso avaliar e valorizar o esforço da produção empreendido por Mauro e sua equipe naquela época.

Em contrapartida, há cenas belíssimas, como as da Primeira Missa, que reproduzem a tela clássica de Pedro Américo⁸¹. O plano do quadro pintado em 1860 parece ter sido transferido para a tela do filme. E há também a sofisticada trilha musical composta por Heitor Villa-Lobos⁸², sob encomenda de Mauro. O compositor participou ativamente da pesquisa de ruídos para trilha sonora, obtidos de forma bastante precária e artesanal como o do som do mar (com papel sendo esfregado numa superfície áspera) e o da derrubada da árvore que se transformaria na Cruz (com feijões caindo nas costas de uma guitarra e folhas de flandres sendo balançadas). As suítes compostas por Villa-Lobos, apesar de se distanciarem das imagens presentes na Carta, nas obras historiográficas e dos quadros, foram utilizadas não somente para ilustrar situações, mas para acentuar sentimentos, reforçar a interpretação em determinados momentos e para criar ambientes que reflitam os sentimentos dos envolvidos, como por exemplo, na cena da travessia do Atlântico.

Deve-se, ainda, destacar que Mauro fez algumas opções ao narrar o testemunho

⁸¹ **Pedro Américo Figueiredo Mello** (1943-1905): pintor, romancista e poeta brasileiro. Recebeu as honrarias de Cavaleiro da Coroa da Alemanha e de Grão Cavaleiro da Ordem Romana do Santo Sepulcro. Entre suas pinturas mais famosas destacam-se *Independência ou morte*, *A batalha do Avaí* e *Tiradentes esquartejado*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸² **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959): compositor brasileiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional. Ele lhe ensinara a tocar violoncelo, usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de "Tuhu" (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: os *Choros*, escritos na década de 1920. (Nota da *IHU On-Line*).

de Caminha, conciliando o olhar do escritor com o do narrador. Um exemplo disso é a substituição do aspecto de interrogatório do primeiro encontro com os indígenas por uma entrada espontânea dos índios na embarcação de Afonso Lopes. Apesar de tomar emprestado, por diversas vezes o olhar de Caminha, como uma estratégia para dar veracidade ao discurso fílmico, Mauro se faz presente como narrador na orquestração dos pontos de vista colocados em cena. De acordo com Eduardo Morettin⁸³ (2000), Mauro procurou incorporar novos aportes de significado – como o uso da música –, modulando as contribuições historiográficas, técnicas e iconográficas, o que fica evidente na visão menos edificante que dá ao *Descobrimento*, ao ressaltar a infelicidade dos três degredados aqui deixados e que se conscientizam da impossibilidade de voltarem para sua terra.

Segundo alguns de seus estudiosos, a maioria de seus filmes seriam atos artísticos simbólicos, refletindo as sucessivas mudanças político-sociais que acompanham a trajetória do cineasta. Sheila Schvarzman⁸⁴, sobretudo, enfatiza que ele não foi apenas o interiorano, brasileiro puro e preservado de todo contato alienígena (participação no Festival de Veneza em 1935, ocasião em que se pôs em contato com vários cineastas...). Mauro trabalhou durante 30 anos no INCE, a instituição oficial criada em 1936 que procurou fazer do cinema um veículo de educação, como vinha acontecendo na Alemanha, na Itália, na França e na URSS.

⁸³ **Eduardo Morettin:** historiador brasileiro, defendeu a tese *Os limites de um projeto de monumentalização cinematográfica: uma análise do filme*, a respeito da obra *O descobrimento do Brasil*, de Humberto Mauro, na USP. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁴ **Sheila Schvarzman:** historiadora brasileira, defendeu a tese *Humberto Mauro e as imagens do Brasil*, na UNICAMP, publicada em 2004 pela Unesp. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Sob o ponto de vista histórico, quais são as peculiaridades que destacaria nessa produção?**

Eliane Fleck - *O Descobrimento do Brasil* tem, entre as suas referências, a produção dos principais historiadores dos anos mil e oitocentos e pelas representações iconográficas elaboradas pelos pintores acadêmicos ligados às instituições de cultura do Império e da nascente República. Nos créditos do filme encontramos dentre os colaboradores intelectuais do projeto, o nome de Afonso de Taunay, o que nos remete a uma determinada tradição historiográfica da qual o então diretor do Museu Paulista fazia parte, e que tinha como núcleo central Francisco Adolfo de Varnhagen⁸⁵, João Capistrano de Abreu⁸⁶ e a produção do IHGB. Além disso, o filme pretendia ser uma visualização da carta de Pero Vaz de Caminha, o que também pressupõe uma certa leitura e apropriação de um documento histórico ao qual se atribui a fundação da nação e da própria história brasileira.

***IHU On-Line* - O diretor faz questão de deixar claro que o Brasil não foi descoberto por casualidade. Como o enredo mostra isto?**

Eliane Fleck - Creio que esta é uma avaliação equivocada de parte de alguns estudiosos do filme de Humberto Mauro. O diretor mineiro dirigiu o documentário em conformidade com a produção historiográfica consagrada e com o pensamento de historiadores como Francisco Adolfo de Varnhagen e Capistrano de Abreu, que defendiam a teoria da casualidade, a qual ele pretendeu visualizar. Não houve

⁸⁵ **Francisco Adolfo de Varnhagen** (1816-1878): visconde de Porto Seguro, militar, diplomata e historiador brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸⁶ **João Capistrano de Abreu** (1853-1927): um dos primeiros historiadores brasileiros, produziu também nos campos da etnografia e da linguística. Sua obra é caracterizada por uma rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos. (Nota da *IHU On-Line*)

qualquer intenção de Humberto Mauro em apresentar e defender a tese da intencionalidade, na contramão dos historiadores referidos. O que ocorre é que o início do século XX foi marcado por um intenso debate historiográfico sobre o tema do Descobrimento do Brasil embasado no espírito cientificista e no respeito aos documentos vigentes na época. Varnhagen sustenta a teoria da casualidade não pelo fato de Cabral e seus pilotos terem se desviado acidentalmente de sua rota em direção às Índias e aqui abarcado, após enfrentar as famosas calmarias, mas sim porque o capitão não sabia de antemão o local preciso em que se encontrava o território que viria a ser descoberto. Varnhagen demonstra que, a partir das instruções de Vasco da Gama⁸⁷, a descoberta era questão de tempo e que, se não fosse Cabral, outro navegador a teria encontrado. Para Capistrano de Abreu, a obra de Varnhagen foi um ponto de partida, valendo-se de um exame metódico e rigoroso das fontes utilizadas por cronistas e historiadores que lhe antecederam, dedicando-se também à discussão da teoria da casualidade do descobrimento do Brasil, inserindo-o, no entanto, num contexto mais amplo, o da expansão marítima portuguesa. Desta forma, a tese da casualidade prevalece no filme, pois ele faz parte de um projeto que se julga portador da maneira correta de tratar a história cinematograficamente, proporcionando a visualização do fato histórico. Além disso, o trabalho de Mauro mobilizou todos os consagrados referenciais iconográficos numa

⁸⁷ **Vasco da Gama** (1469-1524): navegador português. Dom Manuel I confiou-lhe o comando da frota que, em 8 de julho de 1497 zarparou do Tejo rumo à Índia, com 150 homens entre marinheiros, soldados e religiosos, distribuídos por quatro pequenas embarcações. Em 2 de março de 1498, completando o contorno da costa africana, a armada aportou em Moçambique. Em 17 de abril do mesmo ano, chegou a Calicute. Estava estabelecida a rota no Oceano Índico para a Índia. (Nota da *IHU On-Line*)

tentativa complementar de conferir autenticidade à obra.

***IHU On-Line* - De que forma o diretor enfoca o relacionamento entre os indígenas e os portugueses? Em que medida essa descrição mostra o que aconteceu?**

Eliane Fleck - No filme, os índios se aproximam de Cabral, interessados nas condecorações do comandante. Ao mesmo tempo, apontam para fora, indicando a existência de pedras preciosas no continente. Em resposta a este movimento, Cabral, o frei e Caminha trocam olhares de cumplicidade, certos de que estes gestos correspondem àquilo que de fato buscam: o ouro. Desta forma, a narrativa indica a contribuição voluntária e ingênua do indígena à empresa de conquista. Em um movimento similar à operação de visualização dos fatos tal como operada no quadro de Victor Meirelles, a narrativa apaga outras possíveis interpretações como o próprio Caminha deixa antever na afirmação “e isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos”. As outras ressalvas feitas pelo escrivão desaparecem, reforçando-se a leitura que sugere a harmonização e a convivência harmônica entre indígenas e portugueses.

Desconsiderando-se as críticas – claramente válidas – de um posicionamento mais português do que brasileiro, a reconstituição histórica da cenografia do filme é surpreendente, lembrando-se que foi produzido em 1937. O figurino dos portugueses e a caracterização do interior do navio são elementos de destaque do filme, mostrando o cuidado na sua criação. O que fica claro é a falta de informação a respeito de como os índios brasileiros “se vestiam” e se comportavam, já que aquilo que aparece na tela mantém fidelidade com as descrições da Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei português. É fato, contudo, que Mauro se baseou em relatos das expedições

realizadas por Cândido Rondon⁸⁸, acrescentando um componente antropológico nas descrições dos contatos iniciais mantidos entre portugueses e indígenas.

IHU On-Line - Por que o filme, tão amplamente divulgado nos jornais e em exposições a autoridades, não teve uma boa recepção?

Eliane Fleck - Apesar de todo esse esforço, o filme não teve boa acolhida de público e crítica, nem no Brasil nem em Portugal, onde também foi lançado. Mesmo no ambiente nacionalista da época, não foi bem aceita a visão excessivamente idealizada e generosa do encontro entre os portugueses colonizadores e os indígenas. Além disso, o encontro se resume à aparição de dois indígenas que acompanham os portugueses à nau capitânia, dormem a bordo e são tratados com todo o carinho. Considerando os padrões morais à época, não aparecem mulheres indígenas e cenas de nudez, o que pode também ter contribuído para o seu pouco êxito comercial. Deve-se ressaltar também que apesar da relevância do episódio para a história de Portugal e do Brasil, o filme não apresentava propriamente um enredo que atraísse o grande público, e os poucos diálogos do filme eram, em sua maioria, em tupi. Nem o esforço de harmonizar cenas de profunda atmosfera mística como a da Primeira Missa com cenas mais leves como a da dança coletiva entre indígenas e

⁸⁸ **Cândido Rondon** (1865-1958): Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Cândido Rondon, foi um militar brasileiro. Desbravador do interior do país, criou em 1910 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Teve seu primeiro encontro com os índios (alguns hostis, outros escravos de fazendeiros) quando construiu as linhas telegráficas que ligaram Goiás a Mato Grosso. Obteve a demarcação de terras de vários povos, entre eles os bororós, Terena e Ofayé. Em 1939 foi nomeado presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Recebeu do Congresso Nacional, em 1955, por meio de lei especial, o posto de marechal do Exército. (Nota da *IHU On-Line*)

portugueses conseguiu evitar que as críticas fossem feitas.

Dentre as mais argutas observações à época, destacamos a de Graciliano Ramos⁸⁹, que observou: “Os estrangeiros se extasiavam na presença dos hóspedes beicudos e pintados que jogam fora a comida e cospem a bebida. São uns santos os portugueses, têm uma expressão de beatitude que destoa das façanhas que andaram praticando em terras da África e da Ásia e por fim neste hemisfério. É o próprio almirante que põe cobertores em cima dos selvagens e lhes arruma travesseiros com uma solicitude, uma delicadeza de mãe carinhosa”. Este comentário identifica o caráter ideológico de um filme que pretendia conciliar o país com sua história, um filme que pretendia levar cultura e educação a um povo afundado nas trevas da ignorância. Este ideal de governo, este projeto nacionalista foi o que seduziu nomes como Villa-Lobos, Gustavo Capanema⁹⁰ e o próprio Humberto Mauro.

⁸⁹ **Graciliano Ramos** (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas Secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, de 17 de junho de 2004. Quem conduziu o debate foi a Prof.^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da *IHU On-Line*, de 14 de junho de 2005, disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹⁰ **Gustavo Capanema** (1900-1985): político mineiro. Foi o Ministro que mais tempo ficou no cargo em toda a história do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

Lacan com Proust: a Cena e o Objeto

A jornada Lacan com Proust: a Cena e o Objeto acontece no sábado, 20 de maio de 2006, das 9h30min às 17h 30min, no Santander Cultural, em Porto Alegre, com entrada gratuita. O evento aborda diversas obras de Jacques Lacan e Marcel Proust. Temas, como *O instante perdido e jamais encontrado, enfim o obscuro objeto do desejo? Que articulações de desejo e de gozo são propostas no extenso repertório de cenas que desfilam ao longo da detalhada e sutil narrativa de Proust? E no que estas articulações podem interessar ao psicanalista em sua prática clínica?* serão discutidos no evento, que é promovido pela Unisinos, pelo Circulo de Estudo e Investigação "As Formações do Psicanalista", pela Association Lacanienne Internatinal, pelo Instituto Humanitas Unisinos, pelo Laboratório de Filosofia e Psicanálise, do PPG em Filosofia da Unisinos e pelo GT Filosofia e Psicanálise da Associação Clínica Freudiana.

Confira a programação do evento no sítio do IHU: www.unisinos.br/ihu

Luciana Teichmann



O envolvimento mais íntimo com os alimentos vem de outrora. A cuca feita pela

avó e o coelho preparado pela mãe podem ressurgir em forma de aroma e sabor a qualquer instante, basta que a lembrança os desperte. Da mãe Ione, nutricionista da rede hoteleira, trouxe o interesse pela elaboração de pratos mais sofisticados. Uniu à expressiva experiência em alimentação coletiva com a sensibilidade que a permite degustar uma boa receita. A cozinha mais sofisticada surgiu como uma consequência natural durante sua

trajetória profissional. Hoje a professora mestre Luciana Teichmann é a coordenadora adjunta do curso de Gastronomia da Unisinos. O ritual que envolve o ato de alimentar-nos não se restringe à necessidade de saciar a fome, mas é um momento de transmissão de valores, de princípios éticos e, até mesmo, de maneiras adequadas à mesa. Podemos resumir a dedicação a esse projeto de forma simples: “Orgulho de mãe!”.

Origens – Sou porto-alegrense e sempre morei na cidade. Minha origem é alemã. O pai, Léo Teichmann, era engenheiro e minha mãe, Ione Teichmann, é nutricionista. Veio dela a influência que me fez escolher a nutrição como profissão. Sempre gostei muito das panelas, das comidas. Profissionalmente nunca me voltei muito para a área clínica, sempre tive uma grande paixão pela cozinha, pelo preparo dos alimentos, e isso foi me levando naturalmente para a gastronomia. Minha caminhada foi sempre voltada para a produção.

Aromas e lembranças – Minha avó paterna é de origem alemã e fazia uma cuca de laranja que eu nunca mais comi e nunca mais vi. Ela passou a receita para a minha mãe, mas jamais ficou a mesma coisa. Minha mãe fazia um prato com coelho que era uma versão do *Coq au Vin*. Até hoje me lembro do cheiro e do sabor que ele tinha. Acho que todos nós trazemos essa memória gastronômica, cada um na sua intensidade. Também lembro do horário de almoço em família anterior a morte de meu pai. Era uma mesa redonda, cada um tinha o seu lugar e não começávamos a comer antes que todos se servissem. Esses momentos estão se perdendo em função da vida que as pessoas levam. É um momento de transmissão de valores, de princípios éticos, transmissão até de maneiras à mesa. Quando damos aula de postura ou de etiqueta, percebo pelos alunos mais jovens, que muitos não sabem lidar com os talheres, e isso a

gente aprende em casa. Tenho uma lembrança gostosa desses momentos, não tanto pela comida que era saborosa também, mas pela convivência.

Trajetória profissional – Como toda a nutricionista recém-formada, eu queria ser doutora em Nutrição. Há vinte anos, aproximadamente, as possibilidades de trabalhar em consultório eram mais restritas. Hoje o público está mais informado, busca orientação com mais frequência, mas quando montei um consultório atendi uma paciente em oito meses. Percebi que não poderia sobreviver disso e fui trabalhar com produção de alimentos. Trabalhei em refeições coletivas, e esse foi o meu grande chão, foi um grande ensinamento em nutrição voltada para esse foco. Neste período, comecei a trabalhar na área hospitalar mais direcionada à gestão do serviço de nutrição e dietética. Fazia um pouco de atendimento clínico durante os plantões de final de semana, porém minha facilidade maior se dava na coordenação e gestão das equipes. Foram experiências importantes que me fizeram desenvolver essa faceta mais pedagógica. Não eram raras as vezes que me via em sala de aula ministrando treinamentos. Trabalhei no Hospital Moinhos de Vento e foi lá que ouvi pela primeira vez falar em 5S, em qualidade dentro da área da saúde privada. Também trabalhei no Hospital Mãe de Deus e no São Lucas da PUC. Lá conheci a professora Maria Terezinha Antunes, que dava aula na Unisinos e estava precisando afastar-se para fazer o mestrado. Ela perguntou se eu gostaria de substituí-la e nessa oportunidade vim trabalhar aqui.

Gastronomia – Trabalhei em uma empresa de refeições coletivas que prestava serviços para a Fiergs. Na época, a estrutura era bem menor, ainda não existia o Teatro do Sesi, mas fazíamos eventos praticamente todos os dias. A gastronomia foi se tornando mais presente para mim, havia um cuidado maior com a apresentação e elaboração dos pratos. Aliei o que eu já conhecia que era a produção de alimentos, porém voltada para um público mais popular a uma culinária mais elaborada. Outra influência importante vem de minha mãe que sempre trabalhou no segmento de hotelaria e, por isso, tinha um olhar atento à arte de bem cozinhar e aos pratos mais sofisticados.

O curso – Em 2002, fizemos alguns cursos de extensão em Gastronomia voltados para nutricionistas que queriam trabalhar com refeições coletivas. O público foi bem expressivo e o curso teve três edições. A aceitação nos despertou o interesse de trabalhar mais profundamente assuntos gastronômicos dentro da academia. Num primeiro momento, pareceu um pouco estranho criar um curso com essa ênfase dentro de uma universidade que tem outras tantas áreas de conhecimento. Este momento coincidiu com a popularização, de certa forma, da gastronomia. O público já estava vendo de forma mais diferenciada o assunto. Hoje abrimos uma revista e todo o mundo fala em *Chef*, todos querem aprender uma receita diferente. A opção de restaurantes e de espaços relacionadas a alimentos e bebidas está aumentando consideravelmente no Estado. Este é um segmento a ser muito explorado. Essa demanda foi percebida e a vice-diretora do então Centro 2, a professora Denise Ziegler, com outros professores começaram a pensar na criação do curso. Para minha surpresa e satisfação, fui escolhida para tocar esse projeto.

Elaboração – Tínhamos algumas diretrizes da Reitoria e fomos montando o programa com base nela. Precisávamos montar um curso seqüencial, com, no máximo seis semestres e com 1600 horas. Partimos para a pesquisa, visitamos algumas instituições no país e, pela Internet, tivemos acesso a vários programas de diversas instituições no mundo. O diferencial é que o aluno recebe uma certificação progressiva ao término de cada módulo, e isso lhe possibilita a inserção no mercado sem ter concluído o curso .

No final do quinto Programa de Aprendizagem, o aluno recebe o diploma de *Restaurateur*, o que significa que ele tem habilidade e competência para trabalhar em cozinha internacional, mas também tem um forte embasamento de como gerir seu negócio. Além de entender bem de como fazer a comida, é preciso saber como vender seu produto e como ambientar seu restaurante, por exemplo. Os frutos estão surgindo. O Dado Bier, que será o responsável pelo espaço do restaurante na próxima edição do Casa&Cia, que acontecerá entre os dias 26 de abril e 04 de junho, entrou em contato conosco, pedindo que indicássemos 12 alunos para trabalharem durante a mostra. Em julho, estaremos formando a primeira turma e é essa turma que realmente vai colocar o curso com sua cara no mercado.

Gastronomia Pop – O programa faria um ano em maio. Entretanto, estão fazendo alguns ajustes na TV e não temos certeza se o projeto continuará ou não. Era interessante a visibilidade que o programa oferecia à comunidade da Unisinos porque algumas pessoas conhecem o curso dali. Também era uma oportunidade de os alunos mostrarem seus trabalhos. A proposta era a de fazer do programa uma forma de transmissão de conhecimento com a elaboração de algum prato.

Meta – Quero ver esse curso que ajudei a gerar sempre bem. Talvez não esteja mais nesse ambiente, mas quero ter notícias que ele continue sólido, sempre com sucesso. Não tenho problema em dizer isso, porque sei que as pessoas que me acompanham sabem que isso é verdadeiro. Esse projeto que ajudei a desenvolver tem um significado muito especial para mim, quase comparado ao orgulho de mãe vendo o filho crescer!

Autor – Ione Teichmann

Livro – *Tecnologia Culinária*, Ione Teichmann.

Filme – *Perfume de mulher*, de Martin Brest. Adoro dançar e adoro tango. Outro que gosto muito é *Simplesmente Martha*, de Sandra Nettelbeck. São dois filmes que mexem com arte e com sentimentos.

Presente – Perfumes

Unisinos – É uma empresa com metas e objetivos que precisam ser alcançados. Talvez alguns encaminhamentos pudessem ter sido dados de forma mais brandamente ou mais antecipadamente. O atual momento exige tomada de decisões e um enfrentamento direto dos problemas, e isso inevitavelmente traz descontentamento e um certo clima de insegurança entre a comunidade da Universidade. Com base na minha trajetória nesta Instituição e minha satisfação com o trabalho que faço atualmente, posso dizer que assim como somos escolhidos para trabalhar numa empresa, de alguma forma também escolhemos onde queremos trabalhar. E eu tenho muito orgulho de estar aqui na Unisinos.

Instituto Humanitas Unisinos – Passei a conhecer o Humanistas pela Rosa Bavaresco e também pelos informativos e pela Revista *IHU On-Line*. A qual leio eventualmente, quando tenho oportunidade. Acho interessante. Conheço pouco, como provavelmente, muita gente não conhece o curso de Gastronomia. Afastamo-nos um pouco para atender outras demandas.